

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
DO MOVIMENTO HUMANO**

JORGE ANTÔNIO ALBA

**MEMÓRIAS DO CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO ATLÂNTICO
DA CIDADE DE ERECHIM**

ERECHIM

2008

JORGE ANTÔNIO ALBA

**MEMÓRIAS DO CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO ATLÂNTICO
DA CIDADE DE ERECHIM**

Dissertação apresentada como requisito à
Conclusão do Programa de Pós-Graduação
em Ciências do Movimento Humano da
Escola Superior de Educação Física, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Doutora Silvana Vilodre
Goellner

ERECHIM

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A325m Alba, Jorge Antônio.
Memórias do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico da cidade de Erechim. / Jorge Antônio Alba. - Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
120 f., il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2008.

1. Esportes. 2. História. 3. Clubes. 4. Imigração. I. Título. II. Goellner, Silvana Vilodre, orientadora.

CDU: 796 (091)

JORGE ANTÔNIO ALBA

**MEMÓRIAS DO CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO ATLÂNTICO
DA CIDADE DE ERECHIM**

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano

Aprovado em 24 de janeiro de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Prof. Dr. Nelson Schneider Todt

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner, pessoa competente, que acreditou em minha capacidade de aprender e me inspirou em todos os momentos tranquilidade e confiança. Obrigado pela dedicação, pela paciência e pelo incentivo.

À Profa. Dra Janice Zarpellon Mazo e ao Prof. Dr. Nelson Schneider Todt pelas contribuições indispensáveis na qualificação do projeto.

À minha esposa Neide e à minha filha Eduarda, duas estrelas de brilho intenso que emprestaram muita beleza à minha vida, pelo amor, pelo apoio, pela compreensão e pela paciência.

Aos meus pais, Francisco e Ivone, e minhas irmãs, Luci e Lena, pelo apoio e pelo incentivo nesta nova etapa da vida.

Ao Fernando Hervé Calliari, responsável pelo Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico, sempre prestativo e atencioso em disponibilizar os documentos e em esclarecer minhas dúvidas.

Aos funcionários do Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font e aos funcionários do Museu da Imprensa, Lucas Carbonari e Lucas Faitão, pela atenção e pela dedicação em me atender.

À equipe diretiva da E. E. de Ensino Médio Professor João Germano Imlau, que facilitou a organização de meu horário para cursar o mestrado.

Ao colega Prof. Humberto José da Rocha, que contribuiu com o seu conhecimento de História.

Aos meus colegas de turma do mestrado: Flavio, Alessandra, Giuliano, Nino, Adriana, Mari Tormen e Beti, com os quais pude dividir momentos de dúvidas e certezas, angústias e realizações

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS, que, de uma forma ou outra, contribuíram neste processo de estudo.

E, por fim, à Universidade Regional Integrada do Campus de Erechim, que, juntamente com a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), me proporcionaram a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a história do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, situado em Erechim, RS, sua relação com a estruturação da cidade e a com a imigração italiana. Fundamenta-se na abordagem qualitativa de pesquisa, mais especificamente, em uma investigação de cunho historiográfico, cujas fontes primárias de consulta foram documentos originais encontrados em acervos históricos, além de reportagens de jornais, fotografias e livros que informavam sobre o clube desde sua criação até os dias atuais. A partir da análise dos dados coletados, foi possível identificar quatro etapas distintas na trajetória do clube. A primeira refere-se a sua criação, quando era denominada de *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*, e que mantinha, com uma finalidade primeira, o caráter assistencial aos seus associados, todos de origem italiana. A segunda fase, que inicia em meados de 1933, é marcada por alterações nas finalidades do clube que, além de socorrer os associados, também oferece atividades sociais e de lazer, tais como bailes, teatro e o jogo de bocha e de bolão. A terceira fase é marcada pela predominância do futebol como principal eixo das atividades desenvolvidas no clube. Nesta fase, apesar da ênfase que confere a esta modalidade em função da participação em campeonatos regionais e estaduais, o clube não deixa de oferecer outras opções de lazer para os seus associados, como, por exemplo, a bocha, o basquete, a ginástica e a realização de diferentes eventos sociais. A quarta fase se dá com o declínio do futebol, marcada pela implosão do estádio e pela construção do Complexo Esportivo e de Lazer que permite o oferecimento de oficinas pedagógicas de várias modalidades esportivas. Esta fase tem seu início em 1977 e se presentifica até a atualidade. Ao narrar a trajetória deste clube desde seus primeiros momentos e, com mais detalhamento, a partir de 1921, em função da documentação encontrada, posso afirmar que o Clube Esportivo e Recreativo Atlântico é, sem dúvida alguma, uma referência do associativismo esportivo na região norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chaves: Esporte. Associativismo. Identidade Étnica. História. Memória.

ABSTRACT

This research analyses the history of Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, which is located in Erechim-RS, its relation with the structure of the city and with the Italian immigration. The work is grounded on a qualitative approach of research, more specifically, on a historiographic investigation whose primary sources were original documents found in historical collections, newspaper reports, photographs and books that told the history of the club from its beginning until today. From the analysis of the data collected, it was possible to identify four distinct phases of the institution. The first phase refers to the club-house creation, when it was called *Societ  Italiana de Mutuo Soccorso XX de Setembro*, whose main aim was to give assistance to its Italian fellowships. The second phase, which begins by the middle of 1933, is marked by alterations of the aims of the club, which besides giving assistance to fellowships also offers social activities and leisure, such as social balls, plays and lawn bowling games. The third phase is marked by the predominance of soccer as its main activity. Although its participation in state and local championships, the institution kept offering leisure and social activities, such as lawn bowling, basketball, gym and different social events. The fourth phase brings the decadence of soccer, marked by the implosion of its stadium and the construction of the Sports and Leisure Complex which allows to offer pedagogical workshops of several sports modalities. This phase started in 1977 and has lasted until today. The study of the trajectory of this entity, more specifically after 1921 due to the documents found, allows me the state that Clube Esportivo e Recreativo Atlântico is, undoubtedly, a reference for sports association in the north region of the State of Rio Grande do Sul.

Key words: Sport. Association. Ethnic Identity. History. Memory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jogo de bocha em 1938.....	32
Figura 2: Convite para a cerimônia religiosa em homenagem a Carlo Del Prete escrito em italiano.....	41
Figura 3: Vista parcial do traçado de Erechim em 1940, partindo do anel central.	47
Figura 4: A primeira sede do C.E.R. Atlântico que foi ampliada em 1933.....	49
Figura 5: O primeiro escudo e o atual do clube.....	56
Figura 6: A equipe do Atlântico F.B.C, em um torneio varzeano que jogou contra o Internacional do povoado Barão de Cotegipe	58
Figura 7: Cartaz para divulgação da programação de um evento esportivo importante.	73
Figura 8: Cartaz para divulgação do clássico Atlanga.	74
Figura 9: Convites divulgados pelo jornal “A VOZ DA SERRA” e o cartaz de divulgação do jogo contra o Internacional de Porto Alegre.....	76
Figura 10: Vista do pavilhão inaugurado em 13 de abril de 1941.....	77
Figura 11: Placa de inauguração do Estádio do C.E.R. Atlântico.	77
Figura 12: O primeiro pavilhão e mais a esquerda identifica-se uma tabela de basquete.....	82
Figura 13: Equipe de bocha da década 1960.	83
Figura 14: Equipe Vice Campeã da Segunda Divisão Profissional do Campeonato Gaúcho..	84
Figura 15: A equipe do C.E.R. Atlântico que encerrou o ciclo do futebol profissional em 1976.	86
Figura 16: Implosão do pavilhão social realizado no dia 26 de maio de 1991, em primeiro plano a piscina externa que já estava construída.	89
Figura 17: Equipe de natação, em 1996, participando da Copa Itália, no Chile.	98
Figura 18: Equipe de natação do C.E.R. Atlântico de 2001.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A HISTÓRIA COMO POSSIBILIDADE INVESTIGATIVA.....	16
1.1 A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR O ESPORTE A PARTIR DA HISTÓRIA	21
2 SURGE ERECHIM: A COLÔNIA, AS ETNIAS, OS CLUBES, O ESPORTE	27
2.1 A COLONIZAÇÃO DE ERECHIM	29
2.2 AS ETNIAS E AS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E ESPORTIVAS.....	32
3 CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO ATLÂNTICO.....	37
3.1 OS PRIMÓRDIOS DO CLUBE	37
3.2 SOCIABILIDADE E LAZER: MUDANÇAS NO OBJETIVO DO CLUBE	45
3.3 A ERA DO FUTEBOL: ESPORTE E LAZER NO C.E.R. ATLÂNTICO	52
3.4 O ESPORTE NO CER ATLÂNTICO: OUTRAS POSSIBILIDADES ATRAVÉS DAS ESCOLINHAS PEDAGÓGICAS	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a história do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico (C.E.R. Atlântico), uma importante associação fundada em 20 de setembro 1915, pelos imigrantes italianos e seus descendentes na cidade de Erechim. No decorrer de sua trajetória, o C.E.R. Atlântico teve várias denominações. A primeira foi *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*; a segunda mudança de nome foi em dezembro 1929 para *Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete*; a terceira é decorrente da lei de nacionalização¹. Em uma assembléia geral no dia 23 de outubro de 1938, passa a se chamar Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico. Mas, em 3 de fevereiro de 1937, é fundada uma equipe de futebol com o nome de Atlântico *Foot Baal Club* (Atlântico F.B.C.), em que alguns de seus membros têm ligação com a *Società Italiana*, e que neste mesmo ano se filiam a ela. Estas duas associações passam a conviver em uma mesma sede, até 26 maio de 1940, quando ocorre a fusão das duas entidades e a instituição passa a se chamar Clube Esportivo e Recreativo Atlântico – C.E.R. Atlântico. Assim, neste estudo, para melhor compreensão, quando me referir à *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*, utilizarei a denominação de C.E.R. Atlântico.

Considerando a importância do esporte na construção da identidade cultural da cidade de Erechim, esta pesquisa tem como principal objetivo reconstituir a história do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, reconhecidamente um importante clube da cidade. Objetiva, ainda, articular sua história particular com o contexto da estruturação da cidade de Erechim, mais especificamente, com a imigração italiana e a identidade étnica deste grupo social.

Algumas das questões que me mobilizam para enfrentar o desafio de realizar esta pesquisa têm seu ponto de partida em minha história de vida e em meu cotidiano de professor de Educação Física da rede Pública de Ensino e da Escola de Educação Básica da Universidade Regional Integrada - Campus de Erechim.

Meu interesse pelo esporte começa a despertar em 1966, quando ouvi a Copa do Mundo de Futebol pelo rádio e, desde então, esse elemento cultural passou a integrar a minha

¹ Decreto-lei n.868 de 18/11/38. (Licht, 1992; Ampessam, 2000 apud Mazo e Ampessam, 2005 p. 65).

vida. Nesta época, eu morava em Sede Dourado, no município de Aratiba, RS, e, quando viajava para Erechim, visitava um primo que residia em frente ao estádio do Ypiranga *Football Club* (Ypiranga F.B.C). Assim conheci este clube e, em decorrência, aquele que era considerado o seu grande rival, o C.E.R. Atlântico. Conheci também o grande clássico futebolístico do período: o Atlanga, jogo disputado entre essas duas equipes.

Quando me transferi para Erechim, no início da década de 70, fui estudar no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em regime de internato. Nos momentos livres ou de lazer, nos reuníamos para conversar e um dos assuntos era o futebol. A conversa era direcionada para a dupla Grenal e para as duas equipes de maior evidência da cidade, que eram o C.E.R. Atlântico e o Ypiranga F.B.C. Nós ouvíamos tanto os jogos como os programas esportivos pela rádio, pois as emissoras de televisão dificilmente transmitiam jogos de futebol e, quando o faziam, eram jogos oficiais da Seleção Brasileira de Futebol. Quando ocorria um Atlanga, o bate-papo a respeito do futebol se intensificava, tanto antes como depois do clássico citadino. Ficávamos ansiosos para que chegasse o domingo para assisti-lo. Reuníamos-nos em grupos e nos deslocávamos para o estádio em que seria realizado o Atlanga, por vezes o da Baixada Rubra e, em outras vezes, o estádio do Colosso da Lagoa². Além disso, nós praticávamos o futebol, pois no Seminário havia um campo de futebol e de futsal. Eram realizados torneios inter-séries, além disso o Seminário tinha uma equipe de futebol que realizava jogos amistosos com outros times, principalmente de fora de Erechim, como forma de lazer.

O interesse pelo esporte e pelo C.E.R. Atlântico se intensificou com a possibilidade de realizar o Curso de Mestrado Interinstitucional UFRGS/URI em Ciências do Movimento Humano. Ao buscar um possível tema de investigação, percebi que poderia desenvolver algo relacionado com a história do esporte em Erechim, privilegiando, assim, a história local da cidade onde resido e trabalho.

Motivado pela idéia de que a História do Esporte faz parte do processo de construção do comportamento e das instituições humanas, e ciente de que o conhecimento sobre o passado fornece importantes e amplas compreensões sobre o presente, adotei como objeto de

² O estádio da Baixada Rubra pertencia ao C.E.R. Atlântico com uma capacidade de aproximadamente 3 mil pessoas. Tinha iluminação mas estava inacabado. Enquanto que o Colosso da Lagoa pertence ao Ypiranga F.B.C e foi inaugurado em setembro de 1970 com um torneio do qual participaram alguns dos principais times do país, entre eles o Santos, o Botafogo, o Cruzeiro e o Grêmio, com seus astros (Pelé, Jairzinho, Tostão, Everaldo) que recentemente haviam conquistado o Tri-campeonato Mundial de Futebol no México. Na época, era o maior estádio do interior do Estado, com uma capacidade de 25 mil pessoas.

minha investigação o C.E.R. Atlântico, pois entendo que essa associação tem importância na história cultural e social da cidade de Erechim.

Esta compreensão está inspirada no estudo realizado por Janice Mazo sobre o associativismo esportivo no Rio Grande do Sul, que afirma que “o esporte é um fenômeno cultural que ultrapassou suas próprias fronteiras e associou-se a outros movimentos histórico-culturais” (2003, p. 7). Ao perceber que o esporte participa ativamente na transformação social, tanto regional como nacional ou internacional, percebi, também, que se constitui como um elemento de representação na construção de identidade. Afinal, as identidades se constroem a partir de múltiplos recortes do social, relacionados às questões étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição social, de classe, de renda ou, ainda, profissionais (PESAVENTO, 2005).

Esta percepção da importância do esporte na constituição social de um grupo e/ou etnia, associada ao meu interesse pela disciplina de História na idade escolar (que sempre me aguçava a curiosidade para entender o passado), levou-me a escolher este tema ligado à História do Esporte. Mais especificamente, a História do Esporte na cidade de Erechim.

Uma das justificativas para tal opção se dá, também, pela ausência de estudos desta natureza no contexto desta cidade. Ou seja, são poucos os livros e estudos que falam sobre o esporte no Rio Grande do Sul, especialmente sobre os clubes e associações esportivas. Em Erechim, há apenas um livro e este versa sobre o C.E.R. Atlântico. Escrito por Fernando Hervé Calliari, “C.E.R. Atlântico: Uma História de Conquistas” é composto por registros oficiais do clube, descrevendo e apresentando dados, carente de uma análise histórica e de contextualização do tema. Tal ausência me faz partilhar do pensamento de Melo (1999, p. 29), quando analisa que “na historiografia brasileira, não são usuais os estudos que se dedicam a discutir profunda e especificamente as peculiaridades do esporte”, muitas vezes, “[...] não tem sido considerado como relevante para a compreensão de nossa sociedade, ao contrário de outros países, onde já ocupa significativo espaço nos meios acadêmicos”.

Outra questão que me instigou a fazer esta investigação é a percepção de que o C.E.R. Atlântico tem suas raízes na etnia italiana e, nesse sentido, o esporte é um elemento da cultura que tem profunda relação com a identidade étnica. Concordo, portanto, com DaCosta (2000, p. 99), quando afirma que “há que se dar atenção à possibilidade do desporto promover a identidade grupal, comunitária e coletiva em termos de emancipação, no mesmo nível de igualdade que são tratadas as lutas hegemônicas”.

Na atualidade, o esporte tem sido considerado uma das manifestações culturais que, marcadamente, mais tem apresentado evoluções e transformações, sejam elas de ordem técnica ou referentes à forma de exposição e absorção pela sociedade. Desta consideração emerge o entendimento do esporte como um fenômeno social em processo de constituição, ou seja, as práticas esportivas refletem, na análise de seu contexto histórico, continuidades e rupturas que caracterizam a expansão de suas fronteiras e o afirmam como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes teorias e propostas metodológicas.

Nesse sentido, apresento a questão que norteou este estudo:

Como ocorreu a estruturação e a consolidação do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico?

A partir desta questão, outras decorrem e estarão sendo observadas ao longo desta investigação. São elas:

1. Qual o contexto sócio-cultural que permitiu a fundação e a estruturação do C.E.R. Atlântico?
2. Quando se iniciaram as práticas corporais e esportivas no C.E.R. Atlântico e quais as modalidades que mais se destacaram?
3. Como foram construídas as representações da identidade ítalo-brasileira no C.E.R. Atlântico?

Para responder a estas questões, a pesquisa se desenvolveu a partir da análise das fontes primárias e secundárias de investigação. Como fontes primárias, destaco os documentos de arquivos públicos e privados, dentre eles o Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico e o Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, além do acervo particular de Aldo Castro³ e o Museu de Imprensa. Como fontes secundárias, foram analisadas pesquisas, teses, livros e artigos que tematizam a história de clubes esportivos e com temáticas próximas ao estudo.

³ Atualmente faz parte do Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Ao iniciar a pesquisa e a identificação das possíveis fontes a serem analisadas, percebi que, com o advento da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), e associados à política adotada no Estado Novo (1937-1945), os imigrantes italianos e seus descendentes aqui radicados começaram a sofrer perseguições por parte das autoridades brasileiras. Não podendo realizar encontros nem falar a sua língua pátria, queimaram e enterraram muitos documentos passíveis de represália. Diante desse contexto, perdeu-se a quase totalidade dos documentos que faziam parte da história do C.E.R. Atlântico. Restaram apenas dois arquivos, um com correspondências expedidas e outro de correspondências recebidas, sendo que muitos destes documentos estão redigidos em dialeto italiano.

O documento mais antigo que foi possível localizar data de 19 de setembro de 1921, recebido da Secretaria da União Republicana, que congratulava o C.E.R. Atlântico pelo 6º ano de sua fundação. A dificuldade em encontrar fontes primárias fez com que eu investisse na busca de outras formas de encontrar informações sobre o C.E.R. Atlântico, no período de 1921 a 2007, cuja sistematização e análise resultaram no presente trabalho.

A pesquisa que ora apresento está estruturada em três partes, assim denominadas: 1) A História como Possibilidade Investigativa; 2) Surge Erechim: a colônia, as etnias, os clubes, o esporte; 3) O Clube Esportivo e Recreativo Atlântico.

O capítulo que trata “A História como Possibilidade Investigativa” discorre sobre a História Cultural, procurando mostrar que a história trata a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens. Aborda “A importância de estudar o esporte a partir da História” como um fenômeno cultural com grande abrangência e visibilidade no cenário mundial.

O capítulo subsequente, intitulado “Surge Erechim: a colônia, as etnias, os clubes, o esporte”, retrata a formação da Colônia de Erechim. Destaca, ainda, “A Colonização de Erechim” através das etnias italiana, polonesa, alemã, israelita e negra. Na sequência, a parte “As Etnias e as Associações Culturais e Esportivas” apresenta as associações criadas por estas etnias que originaram várias das que ainda existem hoje.

Finalmente, a terceira parte do estudo narra a história do “Clube Recreativo e Esportivo Atlântico”. Inicialmente aborda sua origem, que tinha uma finalidade estritamente assistencial para os membros de origem italiana, com a denominação de *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*. A seguir, é analisada a “Sociabilidade e o lazer: mudanças no objetivo do clube”, onde são identificadas modificações nas finalidades do clube, que,

além de socorrer o associado, passa a oferecer atividades sociais e de lazer, como: bailes, teatro e o jogo de bocha, que tem seu início em meados de 1933. Neste capítulo, discorro, ainda, sobre “A Era do Futebol: Esporte e Lazer no C.E.R. Atlântico”, que retrata o surgimento do futebol em 1937, cuja prática se torna o principal eixo das atividades desenvolvidas no clube, que, no entanto, não deixa de oferecer outras opções para os seus associados, como: a bocha, o basquete, a ginástica e os eventos sociais. Um quarto momento deste capítulo analisa o declínio do futebol e a construção de um Complexo Esportivo e de Lazer, que origina as oficinas pedagógicas de várias modalidades entre 1977 a 2007.

Ao narrar o percurso do C.E.R. Atlântico, pretendo contribuir para a preservação de sua memória. Afinal, a história desse clube marca não apenas a cidade na qual se situa, mas também os sujeitos que nela vivem, independente de terem, em algum momento de suas vidas, frequentado as dependências do clube.

O C.E.R. Atlântico faz parte da história cultural de Erechim e, por assim ser, da identidade da cidade e de seus moradores.

1 A HISTÓRIA COMO POSSIBILIDADE INVESTIGATIVA

Esta pesquisa encontra seu subsídio teórico-metodológico na abordagem historiográfica denominada História Cultural, entendida aqui como nova forma de intervenção acadêmica e política que ampliou o horizonte historiográfico, ao possibilitar o aparecimento de novos problemas e métodos que renovaram os velhos moldes da história e, principalmente, pelo aparecimento no campo da história de novos objetos de pesquisa, dentre eles, o esporte (FEIX, 2003).

A História Cultural, nas suas origens, emergiu de duas correntes: do marxismo inglês e da história francesa dos Annales. Apesar da ruptura dos paradigmas que ocorreu nas últimas décadas do século XX, decorrente das críticas ou contestações de certas posturas historiográficas presentes, isso não representou uma ruptura completa com as matrizes originais (PESAVENTO, 2005). Erroneamente, a História Cultural é identificada como uma corrente francesa, e talvez isso se dê pela força da tradição da Escola de Annales, decorrente do reconhecimento mundial de alguns de seus autores que exerceram uma liderança intelectual no campo da história social e econômica. Parte de seus criadores Lucien Febvre e Marc Bloch, passa por seus precursores Jaques Le Goff e Paul Veyne e, ainda, por alguns intelectuais que, sem serem historiadores foram interlocutores ou forneceram base de reflexão teórica para o surgimento da História Cultural, tais como: Michel Foucault, Paul Ricoeur e Pierre Bourdieu, cujas produções teóricas permitiram “uma História sem fronteiras, com difusão mundial” (PESAVENTO, 2005, p. 99).

Para além dos franceses, no contexto inglês, três historiadores merecem destaque no cenário da construção da História Cultural: primeiro, Edward P. Thompson e Raymond Williams, que representam o neomarxismo inglês e que realizaram uma reviravolta teórica dentro do quadro do marxismo, passando a trabalhar com a cultura. E, posteriormente, Peter Burke, atualmente um dos mais expressivos historiadores ingleses dentro da História Cultural.

Na perspectiva historiográfica contemplada por estes autores, a interdisciplinaridade é enfatizada, pois há um diálogo com outras ciências humanas, tais como a sociologia, a

geografia, a demografia, a antropologia e a etnologia, e, ainda, com outros campos, como as ciências políticas, a economia, a psicanálise, a literatura, a arte, a arquitetura e o urbanismo.

A História Cultural parte do entendimento de que toda atividade humana produz história, tudo tem um passado que pode, em princípio, ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. As imagens pictóricas passam a ser olhadas de uma outra forma, vislumbrando-se nelas a vida, os valores e os sentimentos dotados de significado, as razões de um outro tempo. O que era considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo como no espaço, que não darão conta da totalidade ou da verdade, mas darão explicações plausíveis. Para Pesavento (2005, p. 37), inicia-se “um novo olhar da história, a partir dos seus principais pressupostos teóricos de análise”, o que, de certa forma, passa a ampliar as possibilidades de investigação, como também alargar a noção de fontes, sejam primárias ou secundárias.

A História Cultural possibilita decifrar a realidade por meio das suas representações e construir, a partir dela, o experimentado em outros tempos, o não-visto e o não-vivido, acessando as fontes ou documentos, pois são os registros e os sinais do passado.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se representam como naturais, dispensando reflexão (PESAVENTO, 2005, p. 41).

Esses vestígios do passado nos chegam através de registros escritos, orais, iconográficos, etc. e sua análise permite entender as representações presentes em uma temporalidade passada.

Através de uma narrativa ou um discurso sobre o real do que aconteceu um dia é entendida a história como narrativa, sabendo que ela não será jamais constituída por uma verdade única ou absoluta e que pode ser objeto de múltiplas versões. Conforme Goellner (2006, p. 4), “significa perceber que o conhecimento histórico é uma construção que envolve inúmeras reflexões [...], a subjetividade de quem escreve e a mediação entre o passado (objeto de investigação) e o presente (tempo no qual escreve o/a historiador/a)”. A partir das marcas deixadas pelo passado, o investigador vai em busca de vestígios de como algo teria acontecido. Frente às realidades há diversas versões que precisam ser compreendidas dentro

do contexto cultural investigado. Ou seja, o pesquisador atua no sentido de transformar os vestígios do passado em fontes ou documentos, para descobrir, decifrar enigmas, elucidar um enredo. Goellner entende a História como

[...] uma narrativa sobre o passado e esta pode nos fazer lembrar de algo que já se passou, mas pode fazer esquecer, na medida em que , ao contar sobre o tempo que já não é mais, a História tanto pode “celebrar” o que deve ser lembrado quanto “inviabilizar” o que deve ser esquecido. Nesse sentido é necessário pensar que a narrativa histórica é resultante de um entrelaçamento de objetividade e subjetividade, de percepções, de olhares, de possibilidades de análises e estas são sempre datadas. Em última instância, a História é ela própria historicamente datada, está ancorada no tempo e tem narrado o mundo de acordo com interesses, pessoais, políticos, sociais, econômicos, culturais, étnicos, etc., evidenciando, sobretudo, a possibilidade de descrever o real como ele é. [...] a História não é neutra e traduz-se em um dos muitos discursos que existem acerca do mundo, do real e da humanidade tendo sua territorialidade atrelada ao que já aconteceu, ao passado (GOELLNER, 2006, p. 3).

Para fazer história é preciso estar atento para a diversidade de traços e registros do passado, que não são restritos a documentos escritos e oficiais, mas a fatos, estruturas, contextos, espaços e silêncios do período de investigação. Por isso, o pesquisador deve realizar um trabalho de construção, juntando as peças para produzirem sentidos. Ação que se dá de forma fecunda, pois:

A riqueza de estudar e escrever história de um determinado acontecimento está na possibilidade criativa, investigativa e no olhar não convencional da linearidade e das fontes tradicionais. A sensibilidade do historiador ou da historiadora e seu referencial teórico é que vão direcionar várias perspectivas de um texto mais comprometido e verossímil com o contexto social, econômico e cultural da época em pauta. Fazer história da história é uma arte e um grande desafio, pois o/a pesquisador/a terá que se comprometer com o estudo do ser humano no tempo, entender os fatos e obras de um tempo que não viveu, mas que deixou seus vestígios (FEIX, 2003, p. 17).

O historiador se apóia em textos e imagens para escrever ou historicizar os fatos do passado e, para tecer sua narrativa, efetua a busca através de uma investigação rigorosa das fontes primárias e secundárias. Para Goellner, o trabalho de pesquisa depende muito das fontes levantadas e estas são:

[...] textos, imagens, sons, objetos, cheiros, monumentos, equipamentos, vestes e tantas outras produções humanas vistas como possibilidades de compreender que ali estão inscritas sensações, ideologias, valores, mensagens e preconceitos que permitem conhecer parte do tempo onde foram produzidos, através da intervenção do pesquisador que, utilizando-se de uma forma de narrativa, arranca-os de um esquecimento/desconhecimento e os traz para o tempo presente. Ou seja, costura interpretações através dos vestígios e testemunhos que escolheu para pesquisar e de sua imaginação, originada de um desejo que parte de um sentimento que é individual e também é social, porque molhado pelo tempo presente, a partir do qual olha para o que não viveu e, assim, atribui significação ao que pode conhecer e imaginar nesse tempo que não lhe pertence (GOELLNER, 1999, p. 12).

O uso das fontes e a forma como são organizadas permite remontar o quebra-cabeça do passado que vai se formando em páginas e imagens no tempo presente. A articulação entre os dados coletados é que permite ao historiador conhecer um tempo que não viveu e, quem sabe, ter a sensação de viver o tempo pesquisado.

Entrar na história, para fazer a história, e voltar no tempo com as fontes no presente através dos escritos, manuscritos, publicações, fotografias, memórias que fazem o historiador olhar o passado com uma lente de uma câmara que vai filmando imagens e programas, que se juntam de pedaços em pedaços do quebra-cabeça do ontem (FEIX, 2003, p. 19).

Assim, constitui aspecto fundamental para a compreensão do trabalho do historiador visualizar a relação que se estabelece entre as fontes e a construção da narrativa histórica. O documento e o historiador são as peças centrais em torno das quais as fontes são construídas. Documentação e fontes são geradas a partir da intervenção do historiador, não existe uma pré-definição do que vem a ser fonte ou documento privilegiado. É o diálogo do historiador com os múltiplos indícios do passado, o motor do processo constitutivo das evidências que sustentam o tema em estudo. Esse diálogo se dá tendo como eixo central o objeto a ser investigado e, mais especificamente, as questões que orientam a investigação.

Utilizando-se de alguns dos pressupostos da História Cultural, tais como a ampliação da noção de fonte, esta pesquisa se constituirá a partir dos vestígios que recolhi durante o período da investigação sobre o C.E.R. Atlântico. Elegi, portanto, o Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico, o Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font e o acervo particular de Aldo Castro e o Museu da Imprensa como locais privilegiados para coleta de registros

históricos. Aqui debrucei minha atenção para os documentos escritos ou, ainda, os registros oficiais. Tomei como fonte qualquer vestígio que fosse capaz de fornecer informações sobre a história do C.E.R. Atlântico, tais como documentos, fotografias, objetos, medalhas, troféus, uniformes, etc. Vestígios estes que, certamente, possibilitaram que eu me aproximasse do clube e de fragmentos de sua própria história.

Além destes registros busquei, ainda, informações sobre o clube investigado em livros publicados sobre a cidade de Erechim, em jornais locais e no próprio livro que hoje existe sobre o C.E.R. Atlântico.

Aqui posso identificar os primeiros passos dos caminhos investigativos traçados ao longo da investigação.

Para desenvolver as análises foi necessário, em primeiro lugar, produzir as fontes, logo após escolher o tema e o recorte temporal que lhe foi imputado. Menciono a idéia da produção das fontes porque entendo que elas assim se constituem porque foram chamadas para responder algumas perguntas. Como explicita Goellner:

Um documento, uma imagem, um artefato não são fontes históricas em si. O/a pesquisador/a é que lhe atribui esse significado a partir das questões que levanta para pesquisar, das indagações que faz sobre esse documento, da trama a partir do qual o documento é engendrado e sobre a qual ele pode falar. O documento é uma fonte porque alguém lhe conferiu voz (2007, p. 21).

Nesse sentido, conferi voz a vários registros que traziam informações sobre o Clube Esportivo e Recreativo Atlântico. Fiz com que dialogassem com outras fontes de investigação utilizando-me de uma estratégia intitulada por Pesavento (2005, p. 65) de um olhar detetivesco do historiador. “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo”.

Inspirado nesta compreensão de fazer pesquisa histórica, pus-me a olhar, no detalhe, as fontes, analisá-las no seu entrecruzamento para ver o que delas emergia. Foi exatamente assim que pude identificar as quatro fases existentes na história do clube e as construí a partir da análise das fontes que consegui identificar, ou seja, dos dados empíricos trazidos para

compor este texto. Não são, portanto, externas ao objeto investigado. Ao contrário, resultam dele próprio, das suas persistências e descontinuidades, do que dizem e do que ocultam.

A análise dos documentos e das fotografias foram sempre realizadas de forma a tentar buscar o máximo de informações sobre a história do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico e sua relação com a história da cidade de Erechim. Isso foi o pano de fundo que guiou minhas análises e, portanto, a possibilidade narrativa de contar a história dessa importante associação esportiva.

1.1 A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR O ESPORTE A PARTIR DA HISTÓRIA

A realização de estudos históricos cria a possibilidade de contribuir para a compreensão do desenvolvimento do esporte em nossa cultura. Estes estudos permitem um melhor entendimento dos processos e caminhos desenvolvidos pelas várias manifestações esportivas. Para alguns historiadores, além de analisar o passado, a história permite a compreensão do presente.

A História do Esporte não é um bloco uníssono. Vem sendo abordada a partir de uma variedade de interpretações, de olhares e de formas de narrar diversos episódios, tais como histórias de diferentes modalidades esportivas, instituições (clubes, associações esportivas, comitês olímpicos, federações e confederações), pessoas (atletas, técnicos, dirigentes, professores), eventos, competições de nível local, regional, nacional e internacional. Essa variedade de temas e as diferentes abordagens teórico-metodológicas que podem ser analisadas mostram o quanto é amplo o universo da pesquisa histórica na área da Educação Física (GOELLNER, 2006).

Uma análise histórica permite, ainda, analisar e compreender como o esporte moderno tornou-se um fenômeno sociocultural de grande relevância na sociedade contemporânea. Ou seja, olhar sua historicidade possibilita entendermos que, desde seu surgimento, muitas mudanças aconteceram, chegando, inclusive, a se traduzir em expressão hegemônica no contexto das práticas corporais e de movimento no contexto escolar.

Vários historiadores do esporte sustentam que as formas e os significados do esporte moderno se desenvolveram como parte do processo civilizador, com suas regras, lógica

própria, instituições, modalidades e outros aspectos difundidos de forma padronizada por todo o mundo. Para Gebara (2002, p. 25), “a História do Esporte é a história do processo de construção do comportamento e das instituições humanas”. Vale lembrar que o esporte, nesta dissertação, não é entendido apenas a partir de sua expressão do alto rendimento. É analisado na sua pluralidade, do rendimento ao lúdico, do lazer ao escolar.

À medida que fomos capazes de enxergar a importância das atividades de lazer no contexto das sociedades altamente reguladas de hoje e onde, crescentemente, nos inserimos, veremos com mais nitidez o que significou e o que ainda significam as ações no esporte. Atualmente, o esporte ocupa o lugar e desempenha funções que, em sociedades anteriores ao advento do esporte moderno, outras formas de lazer, muito provavelmente, ocupavam.

Para Stigger, o esporte pode ser visto como um fenômeno cultural historicamente localizado, que

[...] se evidencia de forma global, trazendo uma lógica e características padronizadas que o distinguem de outras práticas sociais, que lhe conferem uma homogeneidade capaz de permitir a realização de trocas esportivas em escala mundial. Em contrapartida, tendo em vista a dificuldade de traçar contornos claros, também se vislumbra uma heterogeneidade na forma que o esporte é apropriado em diferentes contextos e por diversos grupos culturais particulares, o que aponta para uma diversidade cultural nesse universo (STIGGER, 2005, p. 9).

No campo da história do esporte há divergências quanto às origens do que hoje é denominado de esporte. Segundo Bracht (2002), há duas grandes vertentes que são utilizadas para explicar as origens dessa prática corporal, a da continuidade e da descontinuidade. Aqueles que advogam em defesa da primeira delas, afirmam que em todas as culturas o esporte sempre existiu, apenas se atualizou em diferentes contextos e momentos históricos. Assim, para os que sustentam a idéia da continuidade, o esporte tem suas origens nos tempos mais remotos da civilização mantendo, ainda hoje, alguns de seus princípios.

Os que defendem a idéia da descontinuidade consideram que o esporte praticado hoje teve a sua origem na Inglaterra no final do século XIX e início do século XX e dali se propagou para outros países. Entre os autores que compartilham esta idéia do esporte moderno estão Elias e Dunning, Hobsbawm e Bordieu (STIGGER, 2005), pois entendem que houve uma ruptura, uma nova configuração em relação às práticas corporais hegemônicas até

então. Diferentes dessas últimas, elas se particularizam principalmente pela adoção de uma sistematização e de uma normatização, bem como por sofrerem um processo de regramento bem mais rígido, o que mais tarde veio a favorecer e facilitar o seu movimento no sentido da universalização.

O esporte moderno é o resultado do processo de civilização, cujo aspecto central é o aumento das sensibilidades em relação à violência. O processo de transição dos antigos jogos para o esporte moderno, na Inglaterra, ocorreu paralelamente à industrialização e à urbanização que levaram a novos padrões e novas condições de vida, com os quais esses jogos não eram mais compatíveis. Bracht (2002, p. 195) destaca que “[...] parte da legitimidade social do esporte se deve ao fato de ele atualizar valores/normas de comportamento e princípios importantes para a nova ordem social”. Desta forma, os jogos recebiam regulamentação que visavam controlar a violência.

Nas *public schools* inglesas se deu a transformação dos jogos tradicionais em esporte. Nestas escolas, freqüentemente, ocorriam desordens e os jogos eram realizados de uma forma anárquica. Isso começou a mudar com a introdução de um sistema educacional mais rígido com fins de conter a violência. “Os jogos, especialmente o futebol, com a disciplinação das primeiras regras escritas, a violência se tornou mais amena, permitindo com isso encontro entre diferentes escolas” (STIGGER 2005. p 33-34).

A constituição de regulamentações específicas e de dirigentes especializados foi fundamental para a propagação do esporte moderno (STIGGER, 2005). Isso se deu a partir dos ex-alunos egressos das escolas inglesas que organizaram clubes e ligas esportivas, com o objetivo de fixar as regras dos jogos praticados e, também, manter uma distinção social.

Como estas transformações sociais tinham repercussão na Europa, inicia-se um movimento de disseminação e proliferação que atingiu diversos países e continentes de várias formas e arregimentou adeptos e simpatizantes (praticantes e assistentes). Esse processo ocorre com os movimentos migratórios, contatos culturais propiciados pelas trocas comerciais, bem como as viagens (negócios, estudos, passeios etc.) que muitos cidadãos de outros continentes faziam para a Europa.

Outro ponto importante na pesquisa histórica do esporte diz respeito ao discurso esportivo para difusão de idéias, sentimentos nacionalistas e intervenção do Estado no esporte para a construção de símbolos e convenções de identificação nacional. Neste cenário, o

esporte tornou-se um mecanismo do nacionalismo contribuindo para construção da identidade nacional.

Com a crise do modelo político e econômico do liberalismo na Europa e na América como um estado centralizador, no início do século XX, começaram a se expandir perspectivas políticas de cunho populista. Diferentes nações começaram a implantar uma política com garantia relativa de independência econômica, competitividade internacional e identidade nacional. Para concretizar o apogeu do nacionalismo, foi necessária a utilização e a construção de convenções e símbolos que permitisse a identificação nacional. Para isso, houve inclusão de um número cada vez maior de pessoas, principalmente de classes populares e grupos étnicos diferentes em um projeto nacional. O Estado, para legitimar e divulgar o poder, utilizou como instrumento de propaganda a comunicação de massa, o rádio e as grandes competições esportivas (COERTJENS; GUAZZELLI; WASSERMAN; 2004).

Segundo Hobsbawm:

[...] o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. [...] Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas.

[...] o esporte internacional tornou-se [...] uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. [...] a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e [...] os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de auto-afirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida ter querido: ser bom naquilo que faz. [...] O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação (HOBSBAM, 1998, p. 170-171).

O esporte como expressão da identidade nacional nas sociedades modernas transpassa as fronteiras de âmbito privado e local para público e nacional. O jovem representa a base para uma nação forte e assume o compromisso com a pátria, com seu grupo social e com seus antepassados de construir uma nação modelada nos valores morais e espirituais através da prática do esporte.

A primeira intervenção do Estado no esporte ocorreu inicialmente na Inglaterra liberal, tinha como ação governamental a função de controlar ou reprimir a violência e a arruaça que aconteciam nos eventos esportivos ou mesmo de proibir determinadas atividades esportivas que atentavam contra a ordem pública. Para Bracht (2005, p. 84-85), a intervenção do Estado no esporte se desenvolveu em três momentos e teve os seguintes motivos: a) momento policialesco, controle da ordem pública; b) afirmação internacional, com efeito legitimador interno, elemento da Guerra Fria; c) política de saúde/lazer e interesse econômico do esporte. Segundo o autor, houve, nesse momento, dois modelos de intervenção do Estado no esporte: a) total subordinação da organização esportiva ao estado, como no caso do nazismo/fascismo e dos estados corporativos (como durante o estado Novo no Brasil e nos países socialistas); b) intervenção seletiva ou subsidiária, com financiamento parcial via benefícios tributários, construção de instalações esportivas, preparação de mão-de-obra qualificada, financiamento de pesquisa, etc. No caso do Brasil, predominaram as estruturas corporativistas, ou seja, a intervenção da organização esportiva com o Estado não era voluntária.

O contexto esportivo atual, composto pelas mais variadas manifestações, pode ser melhor compreendido se tivermos possibilidade de analisar fatos e situações do passado, pois estes, de certa forma, construíram o momento presente. Narrar histórias esportivas do passado é, então, tarefa importante no presente, já que

[...] a história enquanto área de produção do conhecimento pode qualificar de forma inequívoca os estudos desenvolvidos acerca do esporte moderno visto que ao rememorar o passado pode colaborar para a compreensão do presente e, quem sabe, ajudar na projeção do futuro. E aqui não se afirma ser a história algo linear, onde os fenômenos vão se desenvolvendo ou “evoluindo”. Ao contrário, a história é entendida como um campo pleno de avanços e recuos, contradições, persistências e rupturas. Perceber, esse movimento é conferir ao esporte uma multiplicidade de olhares; olhares estes que não apenas o divulgam e o tornam mais conhecido, mas que também ampliam saberes sobre ele, seduzem sujeitos a praticá-lo ou observá-lo, educam crianças e jovens. Neste sentido é possível afirmar que a memória e a história não nos aprisionam ao passado mas nos conduzem a indagar e melhor compreender o presente (GOELLNER, 2005, p. 80).

Portanto, pesquisar a História do Esporte propicia identificar diferentes maneiras em diferentes culturas e tempos com múltiplos valores, bem como compreender o esporte como um fenômeno sociocultural que apresenta diferentes significados. Permite, ainda, conhecer os discursos esportivos como uma forma de propagação de idéias e de sentimentos nacionalistas

que são relacionados a determinados grupos sociais envolvendo pessoas de diferentes etnias, classes sociais, credos religiosos e gêneros. Pesquisar história é, por assim dizer, estabelecer uma conexão entre diferentes épocas, sendo indispensável para conhecer o presente, compreender o mundo e a nós mesmos.

Por essa razão, busco investigar a história do C.E.R. Atlântico na tentativa de entender como esse clube se originou e se consolidou como uma referência esportiva e cultural na cidade de Erechim.

2 SURGE ERECHIM: A COLÔNIA, AS ETNIAS, OS CLUBES, O ESPORTE

No final do século XIX, a região de Erechim, ainda desconhecida, passa a ser o 3º distrito de Passo Fundo, denominado de Região do Alto Uruguai ou Butiá, sendo uma das últimas reservas florestais do Rio Grande do Sul. Conforme Weber (1953, p. 12), “nada mais era do que uma densa e impenetrável floresta, pinheiros de idade avançada e árvores seculares erguiam-se em nossa terra, abrigo de muitas tribos indígenas que aqui tinham seus toldos e viviam no mais profundo primitivismo”.

Neste compacto e misterioso emaranhado de selva, vicejavam inúmeras espécies vegetais e muitas variedades de animais habitavam o seio escuro e profundo da floresta. (DUCATTI NETO,1981)

Primeiramente, a região foi habitada por diversas tribos indígenas que ali viviam desde tempos imemoráveis. A partir do século XVII, a região começou a ser explorada pelos bandeirantes paulistas que aqui vieram a procura de prata ou outros interesses. Do cruzamento do paulista com o indígena, surgiu o caboclo desta região. Depois, a partir da segunda metade do século XIX, estas matas começaram a ser invadidas por um grande número de foragidos da justiça e fugitivos da Guerra dos Farrapos (1835) e da Revolução Federalista (1893) e, também, por muitos intrusos que tomavam posse das terras do Estado, dedicando-se à fabricação de erva-mate, além de fazer pequenas roças e criar algum gado.

A metade norte do Rio Grande do Sul teve um processo tardio de ocupação de sentido exploratório em relação à metade sul. No Rio Grande do Sul, as condições geográficas das colônias novas no norte do Rio Grande do Sul, um tanto semelhantes às paisagens européias, não foram os fatores de fixação dos colonos. Essas terras estavam disponíveis, já que o latifúndio não havia se apropriado por não servirem à prática econômica da pecuária extensiva.

Como as “colônias velhas” apresentavam um excedente populacional e o esgotamento do modelo de colonização, o Estado precisava resolver esses problemas sem prejudicar o

latifúndio, pois não era de seu interesse. Para isso, se dá início aos projetos de colonização do norte e do nordeste do estado.

Em 6 de outubro de 1908, Carlos Barbosa, Presidente do Rio Grande do Sul, cria a Colônia de Erechim⁴. Determina o local da sede da Colônia de Erechim e da Comissão de Terra, sito à margem direita do rio dos Índios, sendo o marco inicial do povoado de Getúlio Vargas. A instalação dá-se em 1910, com a chegada dos primeiros imigrantes à colônia. No entanto, conforme o relatório de 1911,

A atual sede de Erechim⁵, desde sua fundação, foi sempre considerada como provisória e secundária, tendo sido por isso, desde então, reservadas para sede geral as terras das imediações da estação Paiol Grande. Na excursão que realizei este ano, pude constatar ser essa realmente a melhor situação para a nova sede (NEIS, 1968 apud DUCATTI NETO, 1981, p. 79).

Portanto, o povoado de Getúlio Vargas foi escolhido como sede por ser o melhor local e mais central das terras que seriam inicialmente loteadas.

Com a criação da Colônia de Erechim pelo governo do Estado, o governo municipal de Passo Fundo criou o 8º Distrito com sede no povoado de Getúlio Vargas⁶. Em 1915, retifica o ato nº. 167⁷, estabelecendo as divisas do 8º Distrito, que mais tarde constituiria o território do município de Erechim.

Com o objetivo de promover a imigração e a colonização da Colônia de Erechim, o Governo do Estado providenciou a continuação da construção da estrada de ferro, a fim de que não faltasse ao novo núcleo esse indispensável meio de comunicação e transporte. De 1909 à 1911, foram construídas as estações de Getúlio Vargas, Erebangó, Capoeirê, Erechim, Gaurama, Viadutos e Marcelino Ramos, atravessando a região despovoada e coberta de matas virgens, sendo as responsáveis diretas pelo surgimento de várias cidades ao longo de seu

⁴ Atualmente Região do Alto Uruguai.

⁵ Esta designação é da atual cidade de Getúlio Vargas até o ano de sua emancipação em 1934. Muitas localidades da então Colônia de Erechim foram alterando os seus nomes originais como: Gaurama, que se chamava Barro; Barão de Cotegipe era Floresta; Aratiba, de Rio Novo. A cidade de Erechim teve várias designações, inicialmente de Paiol Grande, depois, sucessivamente, Boa Vista, Boa Vista do Erechim, José Bonifácio e finalmente Erechim. Para melhor compreensão neste trabalho, utilizarei apenas os nomes atuais das cidades.

⁶ Ato nº 167, com data de 22 de dezembro de 1910.

⁷ Ato nº 241, de 14/04/1915.

percurso. Em 1913, ficou concluída a ponte sobre o Rio Uruguai, estabelecendo, deste modo, ligação direta do estado do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Este fato auspicioso, aliado aos demais fatores de atração colonial, fez com que se operasse um verdadeiro êxodo das colônias velhas, principalmente dos municípios de Alfredo Chaves, Caxias do Sul, Guaporé, Antonio Prado, Bento Gonçalves e outros para a Colônia de Erechim.

2.1 A COLONIZAÇÃO DE ERECHIM

A Colônia de Erechim se revela na sua rica diversidade de etnias, costumes, hábitos, na miscigenação e na tolerância entre os credos. É colonizada basicamente por quatro etnias, italiana, polonesa, alemã e israelita, porém a região era habitada pelos Caingangues que, inicialmente, viviam em estado de isolamento e em contato intermitente com o bandeirante português.

Com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, em 1910, segundo Font, o povoado de Erechim⁸:

Recebe a quantos cidadãos do mundo viessem para trabalhar, formar famílias, estabelecer lares, implantar empresas, lançar sementes culturais, erigir templos, edificar colégios, fundar jornais, criar obras particulares e públicas; organizar uma sociedade com aspirações e realizações desenvolvimentistas, construir na terra nova uma cidade com fundamentos brasileiros e cristãos (FONT, 1983, p. 15).

Desbravar a nova terra era o objetivo dos pioneiros, que iniciaram os trabalhos de demarcação do futuro município. Os primeiros colonos judeus vieram instalar-se na região, por volta de 1911, através da empresa *Jewish Colonization Association* (ICA), uma empresa filantrópica com o objetivo de assistir os judeus que quisessem emigrar de países onde foram perseguidos ou economicamente oprimidos. O fato de não possuírem noções de preparo de terra e plantio, fez com que a maioria deixasse o campo e se estabelecesse na cidade,

⁸ Nesta época, o povoado se chamava Paiol Grande.

substituindo o perfil agrícola pelo comércio. A exemplo de outros colonizadores, os judeus se organizaram para preservar e divulgar seus costumes através da preservação da sua cultura, sua maior ferramenta. Assim, em 1934, é criada a Sociedade Cultural e Beneficente Israelita, que mantém uma sinagoga e ministra aula de cultura judaica.

Em 1912, chegavam à Colônia de Erechim os primeiros imigrantes alemães. Alguns se estabeleceram em Erechim, outros se dirigiram para os povoados de Barão de Cotegipe e Ponte Preta⁹. Entretanto, o maior núcleo de colonização alemã da região do Alto Uruguai foi, sem dúvida, Aratiba, que nesta época perfazia cerca de 30% da população; e, em menor escala, o distrito de Três Arroios, Getúlio Vargas e Marcelino Ramos.

Os alemães tiveram grande destaque na hotelaria, na educação e no comércio, através dos chamados caixeiros viajantes que vendiam mercadorias no interior. Na área cultural, os alemães implantaram o primeiro cinema mudo de Erechim e fundaram a Sociedade Cultural 25 de Julho, em alusão ao dia da chegada dos primeiros colonos alemães ao Brasil, que, em 1978, foi doada para a Prefeitura Municipal de Erechim, a qual a transformou em uma casa de espetáculos e passou a ser chamada de Centro Cultural 25 de Julho.

Nos registros que narram a constituição da cidade, há menção à existência de escravos africanos em Passo Fundo e muitos destes e seus descendentes fugiram para a Colônia de Erechim. Quando chegaram os primeiros imigrantes brancos, por volta de 1910, os mesmos relataram que avistaram a presença de várias famílias negras na localidade de Dourado, município de Erechim. Portanto, a presença de negros em Erechim é ainda anterior à vinda dos imigrantes europeus, ou mesmo dos imigrantes das Terras Velhas.¹⁰

Os negros que se instalaram em Erechim, sentindo a necessidade de um local para congregar e festividades de sua origem, fundaram um clube, cujo nome era Sociedade 13 de Maio, inicialmente freqüentada apenas por negros. Não existem dados referentes ao número de negros que teriam vindo antes ou depois da colonização oficial. Apesar disso, é interessante perceber que o fato de terem um clube próprio até a década de 1980, atesta a participação, a organização e a presença marcante dessa etnia em Erechim.

Os imigrantes poloneses espalharam-se na “Colônia Erechim” pouco antes da 1ª Guerra Mundial. Fugindo da miséria que se espalhava pela Polônia, com determinação para

⁹ Ponte Preta, na época, se chamava Lajeado Grande.

¹⁰ Histórico: Imigrantes Etnia Negra. Disponível em: <http://www.pmerechim.rs.gov.br/principal>. Acesso em 15 jan. 2007.

desbravar novas terras para alcançar uma vida mais digna, iniciaram imediatamente a tarefa de pioneiros. As principais atividades desenvolvidas pelos poloneses foram na área da indústria e do comércio, tais como: serrarias, moinhos de cereais, curtumes, ferrarias, carpintarias e olarias.

As primeiras famílias de imigrantes italianos chegaram em Erechim por volta de 1910, através da ferrovia. Muitos vieram diretamente da Itália, especialmente da região do Vêneto, mas a grande maioria veio das colônias velhas, na zona da serra gaúcha. Os imigrantes italianos, ao longo de várias décadas, foram modificando a fisionomia social da região com seus valores espirituais, culturais e materiais. A marca da etnia italiana é muito forte na cidade e no interior, nas áreas econômica, política, social, cultural, religiosa e artística. O imigrante vindo da Itália e seus descendentes formaram vários grupos de canto e dança e sociedades que estão ativas na cidade, voltadas ao ensino do idioma e à preservação da cultura e das suas origens.

Até 1918, a população de origem italiana era percentualmente menor do que a polonesa na Colônia Erechim. Mas quando a política nacional de imigração começou a fazer algumas restrições à entrada de estrangeiros no país, houve um deslocamento maciço de colonos vindos das colônias velhas para Erechim e, então, a população de origem italiana começou a sobrepujar as de outras nacionalidades.

Hoje, os descendentes de italianos constituem a maioria da população em todos os 15 municípios da região do Alto Uruguai. O que não existe é uma zona exclusivamente de colonização italiana, como não existe uma de colonização exclusivamente polonesa ou alemã.

A estruturação da cidade de Erechim, como pode ser observada nesse pequeno relato, foi realizada a partir da história de pessoas oriundas de diferentes grupos sociais e étnicos. Desprovido de um mínimo de conforto, ao colonizador restou ir à luta, desbravar, trabalhar e esperar pelos frutos do seu esforço. As quatro etnias que aqui se estabeleceram, em sua maioria, vinham em busca de uma vida melhor. Na época da colonização, foi instaurada a chamada Comissão de Terras, que exercia papel preponderante para o desenvolvimento da Colônia de Erechim. Essa Comissão era responsável pela demarcação e pelo financiamento de terras, pelo cadastramento de imigrantes, pela construção de hospedagens e pela abertura de caminhos. Encarregava-se, também, de fornecer alimentos, material agrícola, sementes, assistência médica, além de aferir dados demográficos e climáticos de produção e exportação, bem como locar a sede do Município e promover a urbanização.

2.2 AS ETNIAS E AS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E ESPORTIVAS

Nos primórdios da colonização de Erechim, a “carreira de cancha reta” e o jogo de bochas detinham a preferência da população, por serem predominantemente luso-brasileiros e ítalo-brasileiros. O jogo de bocha foi introduzido pelos italianos e continua sendo um esporte muito em voga em todo o Estado, principalmente nas zonas de colonização italiana, enquanto a corrida de cavalo, chamada de “carreira de cancha reta”, foi um dos esportes favoritos dos gaúchos (DUCATTI NETO, 1981). Devemos também considerar que os cavalos faziam parte do cotidiano da população, ocupando um importante lugar na sociedade, como meio de transporte e carregamento. Assim, de acordo com Melo (2001, p. 34), “[...] o turfe¹¹ não significava uma ruptura com os hábitos da sociedade”.

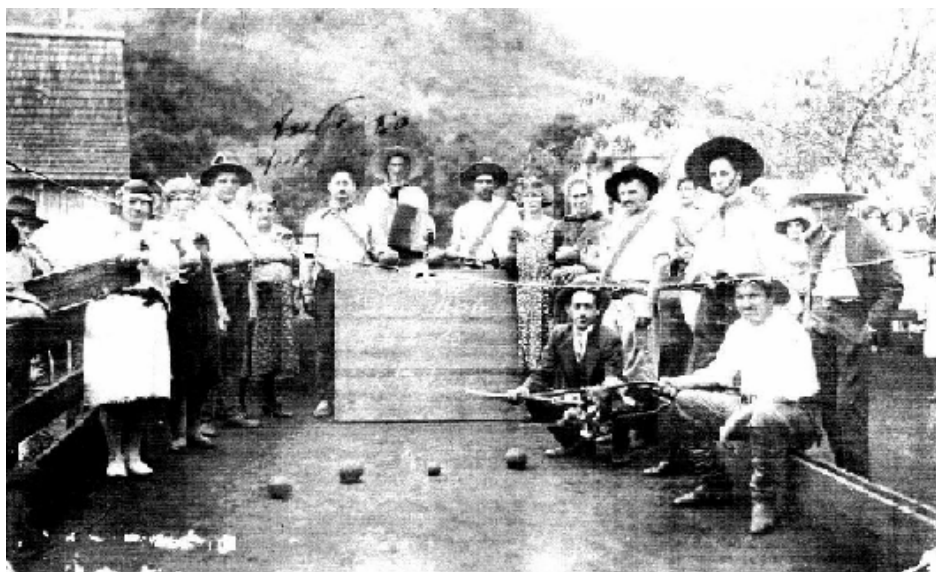


Figura 1: Jogo de bocha em 1938.
Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

Quando Erechim nada mais era do que um pequeno aglomerado de casas, os poucos habitantes que aqui viviam, em sua maioria funcionários públicos, comerciantes, pequenos

¹¹ O turfe é caracterizado por corridas de cavalos, que são conduzidos por um jóquei, realizadas em pistas ovais conhecidas como hipódromos. A “carreira de cancha reta”, por sua vez, é realizada em uma pista em que cada cavalo corre em uma raia reta.

industriais e trabalhadores de diversas categorias, nas horas de lazer, divertiam-se com o jogo de bochas ou as “carreiras de cancha reta”. As carreiras, principalmente, emocionavam a população que acorria em massa para junto das raias, aplaudindo e apostando nos seus cavalos preferidos. Igualmente, nos domingos e dias santos, a população italiana se reunia ao redor das canchas, assistindo e aplaudindo as equipes de jogadores que disputavam a honra da vitória no jogo de bochas. Enquanto as corridas de cavalos, com interesse diminuído da população, foram gradativamente extintas, o jogo de bochas continua a ser mais organizado e atuante. Prova disso foi a realização do Primeiro Mundialito de Bocha, que aconteceu em dezembro de 1996, promovido pelo C.E.R. Atlântico junto com a Federação Riograndense de Bocha e a Confederação Brasileira de Bocha e Bolão, tendo delegações da Argentina, Paraguai, Uruguai, Itália, San Marino, Suíça e duas seleções brasileiras¹². Outro dado que me permite fazer tal afirmação é o número de atletas federados de Erechim no ano de 2000, que aponta, conforme Ampessan (2000 apud MAZO e AMPESSAM, 2005), 132 atletas, destes 107 atletas masculinos e 25 atletas femininos.

Atualmente, o campeonato de bocha de maior destaque na cidade é promovido pela União das Associações de Moradores de Erechim, em parceria com o Conselho Municipal de Desporto (CMD). No ano de 2006, teve a participação de 18 equipes de trio. A matéria publicada no jornal Diário da Manhã do dia 12 de outubro de 2006 destaca este evento:

Encerrou neste final de semana a Taça Aquiles Poletto, do Campeonato Inter Bairros de Bocha, em sua 15ª edição promovida pela União das Associações de Moradores de Erechim – UAME –, que reuniu milhares de moradores dos mais diferentes bairros do município.

A final do campeonato ocorreu no bairro Esperança, entre o dono da casa e o bairro Comil Aeroporto, consagrando-se campeão o Esperança, em segundo o Comil Aeroporto, em terceiro lugar o Boa Vista [...].

Conforme José da Cruz, que está à frente da organização do campeonato há 15 anos, os jogos da taça Aquiles Poletto, além de prestar uma grande homenagem para um homem que dedicou parte de sua vida a este esporte, também serviu para reunir milhares de pessoas, nos mais diferentes bairros, em torno do esporte e da amizade (DIÁRIO DA MANHÃ, 2006, contra capa).

Esta participação da comunidade de Erechim em torno da bocha permite ver que o esporte é um espaço de sociabilidade, quer para espectadores, quer para os que jogam e “[...]”

¹² Jornal informativo do CER Atlântico. Dez. 1996.

reflete também a estrutura de classe da sociedade na medida em que determinadas modalidades se tornam típicas de determinadas classes sociais” (BRACHT, 2005, p. 106). As associações não estão isoladas de toda uma conjuntura social, ou seja, elas estão inseridas num sistema carregado de especificidades. Logo, para se compreender as transformações históricas de determinada associação, devemos partir de um conhecimento da estrutura de um dado momento histórico, que consiste em compreender as especificidades do amplo repertório de símbolos dentro de um determinado campo social. À medida que a cidade vai se transformando, vai crescendo e aumentando seu raio de influência, vão, também, se diversificando as funções e aumentando as interdependências.

Em Erechim, o surgimento dos clubes começou com o desenvolvimento urbano, sendo que a formação de associações e agrupamentos se deu a partir de suas origens étnicas. Desta forma, os imigrantes e/ou seus descendentes, reuniram-se e criaram sua instituição (ZAMBONATTO, 2000).

Os imigrantes de etnia alemã possuíam três sociedades distintas. O *Club* Germânia, fundada em setembro de 1914, que possuía aparelhos de ginástica, biblioteca, coleções de selo, cancha de bolão e campo de esportes. As outras duas sociedades eram a *Waldess-Gruss* e a Concórdia. Em setembro de 1933, as três sociedades se fundem em uma só que passou a se chamar de “*Deutscher Verein G.W.C.*” (Sociedade Alemã G.W.C.). As últimas iniciais ficaram para conservar a memórias das anteriores (CALLIARI, s/d). A data de fundação foi mantida a do *Club* Germânia, que era a mais antiga. Mais tarde, em função da exigência do governo federal para a nacionalização de Sociedades, passa a se chamar Sociedade Recreativa Clube Caixerai.

Para comemorar os vinte anos da chegada dos poloneses, imigrantes e descendentes da primeira geração fundaram, em 1931, a Sociedade Polonesa *Nikolaya Kopernica*, tendo mudado a denominação em 1938, para Sociedade Instrutiva e Recreativa Rui Barbosa, conforme noticiado no jornal A Voz da Serra de 11 de novembro:

Obedecendo às determinações do decreto-lei que determina que sejam nacionalizadas as associações estrangeiras, a Sociedade Polonesa “Nicolau Copérnico”, em reunião de assembléia geral realizada a 28 de outubro próximo findo, resolveu mudar sua denominação para Sociedade Rui Barbosa.

A numerosa e benquista colônia polonesa desta cidade vem, assim, prestar uma homenagem que sensibiliza a todos os brasileiros que sabem reverenciar a memória

dos grandes vultos, como foi Rui Barbosa, a “Águia de Haya”, a fundação cultural de nossa raça (A VOZ DA SERRA, 1938, p. 3).

Nesta associação, eram desenvolvidas aulas de polonês, coral, filmes poloneses, karatê, movimento bandeirante e festas. Com o objetivo de preservação da cultura polonesa, em maio de 1968, foi criado o grupo de dança Juventude Polonesa de Erechim (JUPEM). No início, só participavam descendentes de poloneses e, gradativamente, essa restrição deixou de existir. O grupo ainda existe e é reconhecido como um representante das danças folclóricas polonesas e é, freqüentemente, convidado a realizar apresentações, não só no Estado, mas em todo o Brasil.

Os italianos fundaram, em 20 de setembro de 1915, a *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*, com finalidade estritamente assistencial para o associado. A partir de dezembro de 1929, passou a se chamar de *Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete*, em homenagem ao famoso aviador italiano Carlo Del Prete, por ser protagonista da primeira travessia aérea do oceano Atlântico sem escalas para reabastecer, falecido no Brasil em um acidente aéreo.

Em janeiro de 1934, foram inauguradas canchas de bocha nas suas dependências, dando início, assim, à fase de sociabilidade e de lazer na Sociedade. Pelo relacionamento social e o gosto pelas artes, no mesmo ano foi construído um palco no salão de festa, para promover o teatro. Além disso, outras atividades inerentes aos hábitos do italiano eram desenvolvidas no clube, tais como o carteadado, as cantigas italianas e os bailes.

Fora da *Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete*, muitos filhos de descendentes italianos praticavam o futebol como forma de lazer. Razão pela qual, no ano de 1937, fundaram o *Atlântico Foot Ball Club* que, e neste mesmo ano, viria a se filiar à *Società Italiana*, pelo fato de alguns de seus membros serem ligados a esta associação. Estas duas entidades passaram a conviver numa mesma sede. Com a proibição do uso de nomes estrangeiros em clubes e associações esportivas pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, em 23 de outubro de 1938, a *Società Italiana Carlo Del Prete* passa a se chamar Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico. Para se fortalecerem, em 26 de maio de 1940, houve a fusão das duas associações, cujo nome adotado foi Clube Esportivo e Recreativo Atlântico.

Para a realização desta pesquisa, investiguei os diversos acervos já mencionados. Após analisar várias informações, pude identificar, na história do C.E.R. Atlântico, quatro etapas bem distintas.

A primeira delas tem seu início em 1921 e seu término em 1933. Neste período, o clube tem finalidade estritamente assistencial para os seus membros, sócios de origem italiana, sendo ainda denominado de *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*.

A próxima etapa decorre da construção de espaços para a prática esportiva e recreativa, introduzindo o jogo da bocha, bolão, teatro e atividades sociais, ainda que tenha mantido a assistência a seus associados.

Essa etapa finda em 1937, onde identifico o início de uma nova fase que se estabelece em função da esportivização das atividades desenvolvidas no interior do clube, que se estende até 1976. Em especial, a entrada do futebol, que lhe confere uma outra projeção local e regional. Ainda que nesta fase eu identifique o futebol como o principal eixo das atividades desenvolvidas no clube, ele não deixa de oferecer a seus associados outras opções como: eventos sociais e outras atividades esportivas (bocha, basquete, ginástica). É nesse momento que surge a denominação que se mantém até os dias de hoje: Clube Esportivo e Recreativo Atlântico.

A quarta etapa (1977 –2007) que identifiquei, relaciona-se ao declínio do futebol como a referência principal do clube. Há um fato aqui bastante importante para essa percepção: a implosão do estádio e a construção, no seu espaço, de um parque esportivo e de lazer. As atividades que serão desenvolvidas neste parque originam, ainda, a percepção de que uma nova fase aparece na história do clube. A ênfase não está mais no esporte de competição (o time de futebol), mas se volta para o oferecimento de oficinas pedagógicas que contemplam várias modalidades esportivas. Natação, voleibol, tênis, futsal e basquetebol passam a ser oferecidos aos associados em forma de escolinhas, alterando, significativamente, seu cotidiano.

Para narrar a história do CER Atlântico, elegi estas quatro etapas a serem analisadas com mais detalhamento. Etapas que emergiram das próprias fontes consultadas e não de uma periodização exterior ao objeto. E, enfim, é a partir destas etapas que esta pesquisa se estrutura.

3 CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO ATLÂNTICO

3.1 OS PRIMÓRDIOS DO CLUBE

A *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*, fundada em 20 de setembro de 1915 pelos imigrantes italianos, tinha por finalidade dar assistência para seus membros sócios. O termo *Mutuo Soccorso* que significa mútuo socorro, traduzia o principal objetivo da Sociedade. Era uma verdadeira previdência privada, em que seus membros depositavam mensalmente uma determinada quantia para dispor de ajuda quando necessitassem. Recebiam o auxílio quando não pudessem exercer suas atividades por motivo de doença ou por motivo de falecimento do associado, que, então, era destinado à família.

A data de fundação era o seu próprio nome, 20 de setembro, que lembrava a unificação italiana, reverenciando este feito histórico da Pátria Mãe. A mesma data lembra ainda Revolução Farroupilha, ocorrida no Rio Grande do Sul. É importante destacar que nestes dois eventos históricos houve a participação de um guerrilheiro italiano, Giuseppe Garibaldi, por isso é alcunhado de “herói de dois mundos”. O fato de Garibaldi ter lutado ao lado dos gaúchos na Revolução Farroupilha, dá aos ítalo-brasileiros um sentimento de “pertencimento” nacional. Coertjens, Guazzeli e Wasserman (2004, p. 251) traduzem bem esta forma de identificação social, ao afirmarem que “o fato de existir um grupo com um determinado sentimento nacional não impede a formação de outras formas de identificação”.

A Sociedade, desde a sua fundação, manteve estreitas relações de cortesia, cordialidade e cooperação com as demais sociedades congêneres, bem como com os poderes administrativos e com os partidos políticos. Nos seus arquivos, foi possível identificar várias correspondências que trocavam entre si. Entre elas, uma carta recebida do *Sport Club Ítalo-Brasileiro*, datada de 04 de janeiro de 1925, na qual agradece ao C.E.R. Atlântico pela comunicação da eleição da nova diretoria. Vale lembrar que as correspondências enviadas às sociedades congêneres e aos poderes públicos eram escritas em português e as atas, as

deliberações internas e as correspondências para o consulado italiano ou para os associados, em italiano.

Uma ocorrência muito freqüente nos registros das correspondências era a solicitação de auxílio monetário, de outras entidades ligadas à etnia italiana, tanto as existentes aqui no Brasil quanto no exterior. Inclusive da Itália chegavam solicitações, como se as sociedades aqui fundadas estivessem prosperando a ponto de poder socorrer as demais.

Junto às dificuldades financeiras, sempre estiveram presentes as crises enfrentadas pelas entidades. Várias vezes, no decorrer de sua história, a sociedade teve de se reorganizar, em função de fatores que, de certa maneira, estavam ligados a uma possível decadência. Na tentativa de superar os obstáculos financeiros e até políticos, aparecia a reorganização dos dirigentes e ainda a renovação do quadro de associados.

Exemplo dessa afirmação é o ofício expedido em 18 de dezembro de 1925, onde consta a reorganização da sociedade e o anúncio de uma nova diretoria eleita¹³. Essa alteração parece ter sido significativa na rotina do clube, que estava enfrentando problemas para manter-se em funcionamento. Essa diretoria injetou novos ritmos às atividades do clube, caracterizando uma mudança em prol de sua própria sobrevivência. “Tal qual um camaleão, ela foi se mimetizando, ora trocando de nome, ora diversificando suas atividades” (CALLIARRI, s/d, p. 11).

Indícios de que estava passando por dificuldades podem ser percebidos pelo ofício expedido em maio de 1924, dirigido ao cônsul da Itália em Porto Alegre, no qual o C.E.R. Atlântico solicita, de uma forma veemente e até desesperada, a substituição do correspondente consular em Erechim¹⁴. Alegava que o dito correspondente consular só se preocupava consigo, e tal comportamento havia desmantelado a sociedade, que, há três anos, já não mais atuava.

Para a posse da nova diretoria do C.E.R. Atlântico, foram expedidos ofícios a todas as autoridades do município e entidades co-irmãs e, juntamente, um convite para receber o Embaixador da Itália, Conde Barone G. C. Montagna, que, de passagem pela cidade, deter-se-ia por alguns instantes na Estação Ferroviária. Esta visita tornou-se uma oportunidade ímpar para a “Societá” se fazer presente e, ao prestigiar tão alta autoridade, mostrar-se, mesmo que

¹³ Presidente Giovanni Massignan, Vice-Presidente Eugênio di Francesco, 1º Secretário Battista Grando, 2º Secretário Ângelo Piazza, 1º Tesoureiro Orestes Berti e 2º Tesoureiro Giulio Trombini.

¹⁴ De 1922 a 1938, a cidade se chamava Boa Vista do Erechim.

por apenas alguns instantes. Afinal, este era um acontecimento extraordinário, tanto para o município de Erechim como para o C.E.R. Atlântico, que, certamente, elevaria o nome da entidade perante as autoridades italianas da época. No dia 19 de dezembro, o embaixador foi recepcionado conforme o jornal Diário de Notícias.

Procedente de Passo Fundo, chegou, sabbado, a esta vila, em trem especial, às 22 horas, o barão Julio Cezar Montagna e toda a sua comitiva, da qual fazia parte o dr Sergio de Oliveira, representante do presidente do Estado.

Os illustres viajantes foram recebidos festivamente na estação pela sociedade italiana 20 de Setembro, autoridades civis e militares, grande massa popular e uma banda de musica.

Depois dos cumprimentos foram os visitantes, conduzidos aos salões do Avenida, que estavam ornamentados e abundantemente illuminados.

Offerecida uma taça de champagne, foi saudado o embaixador pelo dr. Sabastião Cezar, em nome do município, pelo sr. Antonio Tagliari Filho, em nome da colônia italiana, e pela senhorita Dora di Francesco, que offereceu um lindo ramalhete ao sr. embaixador.

Este agradeceu a homenagem de que era alvo, estendendo-se longamente sobre a prospera situação da colônia italiana no Rio Grande do Sul, fazendo elogios ao governo do Estado.

Feitas as despedidas, foram o embaixador e sua comitiva acompanhados à estação, embarcaram no comboio de Marcellino Ramos à meia noite (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1925, p. 14).

Neste contexto, é impossível dissociar a história do município e da sociedade em questão. A influência e a abrangência do C.E.R. Atlântico fazia-se sentir também no clero e na educação da população. A religiosidade era uma força tão ou mais poderosa que as próprias leis que regiam a sociedade civil. O tentáculo religioso da entidade insinuou-se perante a diocese de Santa Maria, que então disciplinava o clero de Erechim, através do ofício enviado em 7 de janeiro de 1926, solicitando ao bispo a remoção do padre vigário. A falta de liderança religiosa era o motivo desse pedido, apesar de ser uma paróquia rica e que desejava contribuir para a construção dos colégios das Irmãs e dos Maristas e o pároco não se mostrava capaz de incentivar o povo nesta intenção.

No ano de 1927, a entidade realizou a troca de nome e passou a chamar-se, a partir de então, de Sociedade “Benito Mussolini”. Nos registros oficiais da sociedade, não há informações sobre os motivos que demandaram esta troca, mas parece ter relação com o sentimento de italianidade e com mudanças que ocorriam na Pátria Mãe. Neste período,

Mussolini alcançou grande popularidade na Itália como Primeiro Ministro e, de certo modo, isso mexia com os brios nacionalistas dos imigrantes, mesmo distantes de sua terra natal.

Nos registros encontrados, foi possível, ainda, identificar que, mesmo depois de transcorridos doze anos de sua fundação, a entidade ainda não era reconhecida oficialmente pelo Consulado Italiano em Porto Alegre. Apesar das correspondências trocadas, visitas oficiais e atividades desenvolvidas, o Consulado solicita informações, como o envio de cópias do estatuto, da composição da diretoria e de relatório das atividades.

Um dos propósitos do C.E.R. Atlântico era a instalação de uma Agência Consular em Erechim, mas o cônsul não concordou com essa idéia, conforme pode ser observado no ofício datado de setembro de 1927, onde negou a solicitação, mas se prontificou a nomear um representante que fosse indicado pela sociedade e prometeu uma visita à região¹⁵. Em correspondência, de 17 de outubro de 1927, o presidente Giovani Massignan comunica que a Sociedade “Benito Mussolini” voltaria a adotar o nome anterior, isto é, *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*. Esta alteração obedece à determinação de uma circular que o próprio ministro Benito Mussolini remeteu, solicitando que nenhuma sociedade italiana levasse seu nome. De acordo com Calliari (s/d, p. 19), “[...] foi publicada em todos os jornais do Estado e, segundo parece, atingiu todas as nações que tinham recebido imigrantes italianos”.

Neste mesmo ano de 1927, acontece um importante episódio para a história da entidade. O C.E.R. Atlântico consegue a licença para construir a sede própria. Para tanto, em 1928, iniciou uma campanha para angariar fundos, remetendo inúmeras correspondências para empresas comerciais, principalmente de Porto Alegre e São Paulo, pedindo contribuição e prometendo ao doador uma fotografia na galeria dos Sócios Beneméritos.

Em 1928, um acontecimento novo vai, outra vez, alterar a denominação deste clube, que agora buscava edificar sua própria sede. No dia 18 de agosto de 1928, chega aos dirigentes da “Società” um telegrama procedente de Porto Alegre, comunicando o falecimento do ídolo italiano Carlo Del Prete.

Del Prete foi um “ás” da aviação italiana e protagonizou a primeira travessia aérea do oceano Atlântico sem escalas para reabastecer. Partiu de Roma chegando à cidade de Natal (RN). Dias depois, realizando um vôo na Baía de Guanabara (RJ), sofreu um acidente e, apesar de socorrido, não resistiu aos ferimentos e veio a falecer.

¹⁵ Foi indicado o Sr. Battista Grando, que preenchia os requisitos exigidos pelo cônsul.

O C.E.R. Atlântico solidariza-se com Del Prete e, imediatamente, apressou-se em emitir convites para uma cerimônia religiosa em sufrágio à alma do aviador italiano. Recebeu condolências como se o mesmo fosse membro da Sociedade e foi considerado por todos como mártir. Este fato influenciou profundamente o sentimento de amor à Pátria Mãe, de tal ponto que, em dezembro de 1929, os documentos figuravam com o nome de *Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete*. Este fato tem forte conotação simbólica vinculada à identidade italiana. Homenagear um ídolo é constituir-se como integrante de sua trajetória. Vale destacar que, até hoje, na sede social do C.E.R. Atlântico, há um salão em sua homenagem, chamado Carlo Del Prete.

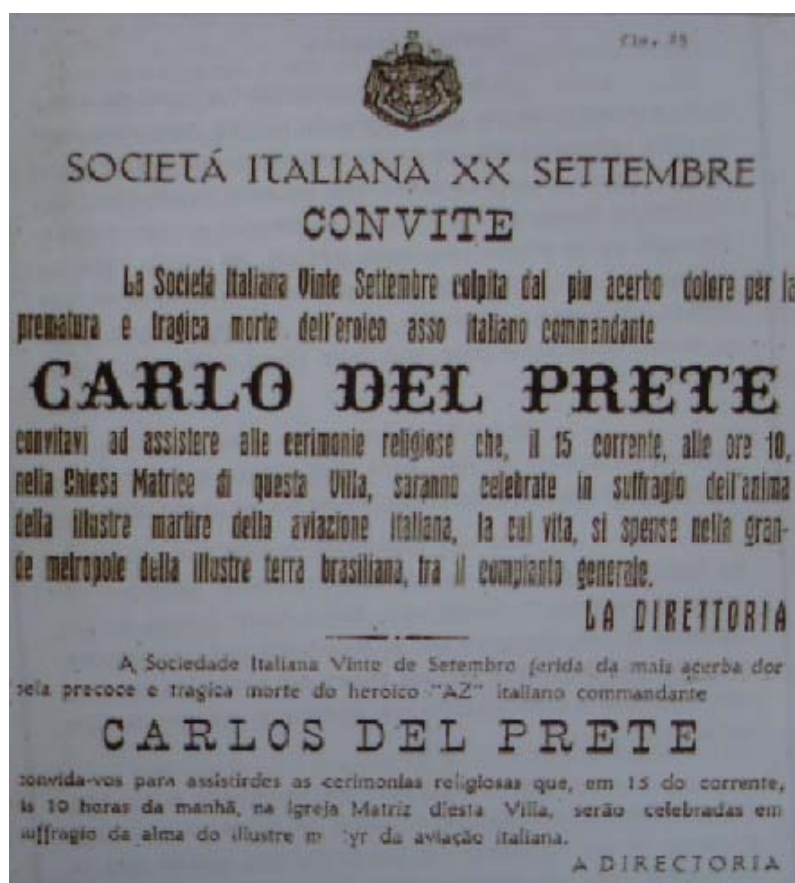


Figura 2: Convite para a cerimônia religiosa em homenagem a Carlo Del Prete escrito em italiano.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Neste mesmo ano de 1928, aconteceu, ainda, nova eleição no interior do C.E.R. Atlântico. Na falta de atas e de estatutos, são desconhecidas as regras que determinavam os períodos eletivos, se eram anuais ou adotava-se outro critério qualquer. Porém, no dia 28 de outubro de 1928, foi eleita nova diretoria, elegendo-se, como presidente, Battista Grando e, secretário, Carlos Mantovani.

Decorrente da determinação dos dirigentes da entidade e em função das contribuições recebidas, foi inicialmente agendada a inauguração da sede social para o dia 1º de janeiro de 1929. Porém, tal empreitada não aconteceu: houve falta de dinheiro para o término da obra, o que demandou nova busca por auxílio para o seu financiamento. Como a sede social teria uma sala de honra para a instalação da biblioteca e uma galeria de personagens ilustres das duas nações amigas, Itália e Brasil, a direção solicitou fotos do Rei da Itália, de sua família e do *Duce*, Benito Mussolini. Indignado por não ter recebido a fotografia da família Real, que deveria ser exposta na Galeria de Honra, o secretário Carlos Mantovani enviou um memorando ao então presidente Battista Grando, expressando o seu desagrado com o fato. Escreveu: “se isto é o que merece a nossa Sociedade por conservar o espírito de italianidade e especialmente o glorioso fascismo, creio que a presente carta não merece resposta” (CALLIARI, s/d, p. 28).

Os convites para inauguração da sede começaram a ser distribuídos em abril de 1929. No convite para o Intendente do Município, anexou-se uma carta, solicitando a ligação da luz elétrica e a isenção da mensalidade (conta da luz), argumentando que o prédio possuía no seu cume uma pequena torre¹⁶, com instalações para três lâmpadas de 600 velas de capacidade e que a sede estava localizada em um dos pontos mais altos da Vila. Como se fosse um farol, isso serviria para orientar os passageiros noturnos, que estavam próximos à Vila e daria uma ótima impressão aos visitantes. A sociedade comprometia-se a deixar as lâmpadas acesas à noite toda e aumentar o número de lâmpadas, se a Intendência reconhecesse a necessidade de tal medida.

O C.E.R. Atlântico recebeu no dia 3 de junho um telegrama do Cônsul Geral da Itália em Porto Alegre, comunicando a sua vinda no dia 9 de junho para a inauguração da sede: “Minha chegada será com o noturno (trem) que parte na quinta-feira de Porto Alegre, assinado Manfredo Chiostri”. O jornal Diário de Notícias noticia a visita do Cônsul Geral Italiano a Erechim.

¹⁶ Uma espécie de campanário, possivelmente por isso que o clube é também conhecido por “galo”.

Está sendo esperado na villa o cônsul geral da Itália, que vem especialmente presidir a inauguração do edifício da sede social da Sociedade Italiana XX de Setembro cujo presidente é o Sr. Baptista Grando. Reina contentamento no seio da colônia italiana local da próxima visita do cônsul geral (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1929, p. 3).

Para recepcionar o cônsul, foi nomeada uma comissão, que se encarregou de organizar a programação, que assim se constituiu: Atilano Machado, Intendente Municipal; Padre Benjamim Busetto, pároco; Renato Gomes, cabo da força pública; Carlos Mantovani, secretário e João José Pinto Filho. A presidência da comissão ficou a cargo do Intendente, Atilano Machado, conforme ata do dia 4 de maio de 1929.

A visita do Cônsul Geral teve uma ampla programação, conforme publicou o jornal Diário de Notícias.

Como estava sendo esperado, chegou aqui, sabbado último, o deputado Manfredo Chiostri, cônsul geral da Itália neste estado, que veio com o fim especial de presidir a inauguração do edifício da Sociedade Italiana XX de Setembro. Foi aguardado, na estação da Viação Férrea, por grande número de componentes da colônia italiana, autoridades, representantes da imprensa e outras pessoas.

Na manhã de sabbado, s. s. recebeu a visita de cumprimentos de grande número de pessoas de destaque social, inclusive as autoridades, tendo, após, feito um passeio de automóvel pelas ruas desta villa, em companhia do intendente municipal e membros da diretoria da Sociedade Italiana.[...]No dia seguinte, hontem, teve lugar a sessão commemerativa da inauguração do edifício da Sociedade Italiana, presidindo-a o deputado Chiostri. Fez uso da palavra o orador official, sr. Giacomo Tedesco, que salientou a importância do acto, tecendo louvores à concórdia ítalo-brasileira, cimentada desde a época farroupilha.

Depois de executado o hymno garibaldino, seguiu-se com a palavra o deputado Manfredo Chiostri, que teve palavras de incitamento aos seus patrícios para proseguirem na obra do progresso desta terra.

Após a execução do hymno nacional, cujos últimos sons foram abafados por prolongada salva de palmas, foi servida aos presentes uma taça de champagne.

À noite, teve lugar o banquete oferecido pela colônia italiana e classes conservadoras ao deputado Chiostri, estando presente as altas autoridades civis e militares, representante do commercio e industria e da imprensa da capital, foi servido um excellent menu. [...]

Terminado o banquete, seguiu o deputado Chiostri, acompanhado dos demais convidados, para a sede da Sociedade Italiana, onde teve lugar um grande baile, que se prolongou até a madrugada.

Os festejos projectados ficaram um tanto prejudicados pelo mau tempo reinante. Assim mesmo, grande número de habitantes ruraes accorreu a esta villa para cumprimentar o cônsul geral italiano.

Convidado para um jantar íntimo, que a sociedade Italiana XX de Setembro ofereceu, hoje, em sua sede, o deputado Manfredo Chiostri, Cônsul Geral da Itália neste Estado, aproveitamos a oportunidade para ouvir de s. s. a impressão que recebeu do desenvolvimento deste município.

S. s. começou salientando a preferência justa que gosa este estado para o estabelecimento das correntes immigratórias. Reputa este o maior estado do Brasil pelas suas esplendidas condições e possibilidades econômicas.

A sua impressão é excelente. Ficou confortado em ver que os seus patrícios, neste terra, colaboram efficientemente pelo progresso da sua segunda pátria, e de constatar a cordialidade fraternal que une brasileiros e italianos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1929, p. 4)¹⁷.

O cônsul ficou impressionado com a força da Sociedade, conforme fonograma emitido aos seus dirigentes, no dia 14 de junho, onde expressa: “Ringraziola n’ dimenticati le acolienza et prego esternare questi miei sentimenti popolazione tutta com vivíssima sympathia i miei migliori saluti. Assinado Chiostri”¹⁸.

A inauguração da sede começou a transformar a finalidade do C.E.R. Atlântico, que se converteu em um centro de lazer para os associados e alternativa para eventos sociais, políticos, educativos e culturais também para a população da cidade. A partir deste acontecimento, são constantes as solicitações para uso da nova sede. Este período marca a primeira grande virada nas intenções de atuação do C.E.R. Atlântico, desencadeando uma atividade social intensa e que se fazia carente na época. Havia outros locais de lazer, porém particulares. Um deles chamava-se “Rick Imperial”, que promovia bailes e outros eventos do gênero.

Se a atividade social sofreu uma aceleração, o mesmo não se pode dizer das atividades administrativas, que durante os anos de 1930 a 1933 não registram nenhum ofício. Mas o fato de não haver correspondência não significa inatividade no período. O que pode ter acontecido é que as correspondências tenham tomado o destino das demais, isto é, o fogo. Em uma listagem de 1930, consta que havia 120 sócios, mais tarde associaram-se outros 60, totalizando 180 sócios. Outro comunicado dizia ter sido atingido o número de 300 associados, mas não apresentava a listagem.

Em ofício de 29 de janeiro de 1933, são convocados os associados para uma assembléia geral no dia 22 de fevereiro, para a eleição da nova diretoria, tendo como Presidente Aldo Arioli. Nesta época, os documentos eram redigidos ainda em italiano, no entanto, em correspondências dirigidas a outras sociedades e às autoridades municipais, a

¹⁷ Esta matéria foi enviada de Erechim pelo correio no dia 10 de junho de 1929.

¹⁸ Calliari (s/d, p.33), tradução do fonograma, “Agradecendo, não esquecerei a acolhida e peço externar estes meus sentimentos a toda a população com a mais viva simpatia e meus melhores votos de saúde”.

redação era em português, como, por exemplo, uma petição ao Sr. Prefeito Municipal, de 3 de fevereiro de 1933, solicitando isenção de impostos.

Segundo as correspondências encontradas, é possível perceber que a relação com as demais sociedades existentes na vila de Erechim era cordial. Promoviam-se várias atividades de intercâmbio social e cultural com a comunidade, fosse qual fosse a origem étnica. O C.E.R. Atlântico expedia convites quando da realização de um evento social, como também recebia convites para bailes, concurso de canto, teatro e música ou, ainda, para a posse de uma nova diretoria. Um exemplo a ser mencionado é o convite para participar dos festejos da fusão das três sociedades teuto-brasileiras¹⁹.

Com o crescimento populacional da vila, o comércio e a indústria em desenvolvimento, aos poucos os interesses e as necessidades da população iam se alterando. Neste período, há significativas mudanças econômicas, sociais e culturais na sociedade brasileira e o esporte começa a ganhar maior visibilidade. Assim, o C.E.R. Atlântico também se transformava para atender às expectativas de seus associados, incorporando atividades sociais e de lazer, além de manter o assistencialismo.

3.2 SOCIABILIDADE E LAZER: MUDANÇAS NO OBJETIVO DO CLUBE

Na década de 30, século XX, o Estado brasileiro se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas. Para Goellner,

o temor à degenerescência da raça e o robustecimento da força produtiva necessária ao desenvolvimento da economia nacional evocam um maior controle sobre o corpo, objetivando resguardar e canalizar suas energias. Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal é reconhecido como essencial ao desenvolvimento da nação porque capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social (GOELLNER, 2003, p. 3).

¹⁹ A fusão das três sociedades teuto-brasileiras foi mencionada no sub-capítulo 2.3.

Razão pela qual as práticas corporais e esportivas são amplamente incentivadas como possibilidade de moralização e controle social, canalizado para o trabalho e a produção. Para reforçar este discurso, neste período foram criados: o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1931); a Escola de Educação Física do Exército (1933); a Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, junto à Universidade do Brasil (1939); a instalação da Comissão Nacional dos Desportos (1939) e o Conselho Nacional dos Desportos, em 1941. Além disso, em 1932, surgem a Revista Educação Physica e a Revista Brasileira de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército, com o propósito de desenvolver e difundir a Educação Física na sociedade brasileira.

O esporte, tal como a educação física, era considerado importante para o desenvolvimento nacional, devido à capacidade de formar indivíduos saudáveis, fortes e eugenicamente superiores, que colaborariam com o aprimoramento étnico brasileiro.

Nas primeiras décadas do século XX, inicia-se um processo de modernização do país, espelhado nas potências industriais, para inseri-lo no mercado de capitais. Junto às transformações econômicas, estruturais e políticas, buscam-se novos padrões de sociabilidade e novas referências culturais na modernidade européia, provocando uma diversidade de hábitos e costumes, entrando em cena um estilo de vida que se diferencia do anterior na maneira de vestir, na forma de tratar o corpo, na relação com o trabalho, no conceito de diversão e nos lugares da moda.

O empenho na construção de uma nova identidade para a nação implicou a busca de novas formas de lazer e recreação sociais no campo das atividades corporais e esportivas.

Proliferam, nos centros urbanos, os clubes recreativos, as agremiações, as federações, os campeonatos, as regatas, as travessias, as demonstrações atléticas, os clubes de ginástica, os certames esportivos, os parques de lazer, os campos de futebol, os estádios e ao mesmo tempo multiplicam-se os espectadores e os participantes. As competições arregimentam pessoas de todos os bairros, de todas as raças, de todos os gêneros, de todas as idades, de todas as classes sociais, promovendo o confronto e o encontro das partes, imprimindo nas cidades a imagem do espetáculo (GOELLNER, 2003, p. 21 –22).

Por isso, mudanças na forma de passatempo compõem também um conjunto de modificação nas formas de morar, no processo educativo, nas formas de trabalho, nas relações familiares e entre grupos distintos, pois

viver na cidade [...] era viver as possibilidades do mundo das máquinas e das comunicações rápidas. Era aí que estava a nova geração de líderes políticos, a eletricidade, o automóvel, a máquina, a indústria e tudo o que significava ganhar tempo, acelerar. Eis a ordem que se impunha ao homem na cidade: o “moderno”²⁰ não podia mais ficar à espera das mudanças; haveria de ir ao seu encontro (LUCENA, 2001, p. 18).

Neste período, a cidade de Erechim também percorre uma trajetória de progresso e de modernidade, com a implantação do plano urbanístico de traçado xadrez, onde o traçado de ruas e avenidas ligava a estação ferroviária à praça Cristóvão Colombo (hoje Praça da Bandeira) e a implementação de uma arquitetura moderna na Av. José Bonifácio (atual Mauricio Cardoso), que passou a abrigar uma seqüência homogênea de prédios de dois pavimentos em alvenaria, com comércio no térreo e residência em cima.



Figura 3: Vista parcial do traçado de Erechim em 1940, partindo do anel central.
Fonte: Acervo Histórico Municipal de Erechim Juarez Miguel Illa Font.

²⁰ Grifo do autor.

No C.E.R. Atlântico, decorriam cinco anos da inauguração da sede social, via-se a necessidade de ampliá-la e criar novos espaços de entretenimento e lazer. Diante disso, a diretoria do clube enviou um ofício para o Prefeito Amintas Maciel, no dia 16 de junho de 1933, comunicando o desejo de tornar-se recreativo, além de socorrer os seus associados, e solicita liberação para a ampliação de sua sede social.

Este pedido fazia-se necessário, devido à proibição, por parte da Prefeitura Municipal de Erechim, de construções de prédios de madeira, pois havia constante ocorrência de incêndios. Foi um dos motivos que propiciou mudanças arquitetônicas na área central da cidade, além do anseio dos proprietários em renovar as suas casas, assemelhando-se a centros urbanos maiores, como Porto Alegre e Caxias do Sul.

A licença para construção foi deferida, com a condição de ser em caráter provisório. Neste ofício, percebe-se que o C.E.R. Atlântico ainda tem o caráter assistencial, mas começam a ocorrer mudanças nos objetivos do clube, conforme consta no ofício²¹ expedido ao Prefeito Municipal.

Os infra-assignados, Presidente e Secretário, respectivamente, da Società Italiana di Mutuo Soccorso Carlo Del Prete, vêm mui respeitosamente expor a V. Exa. o seguinte:

que a Società Italiana di Mutuo Soccorso Carlo Del Prete deseja também tornar-se recreativa, além de socorrer os seus associados

que tendo aumentado sensivelmente o número de seus associados, pois actualmente conta com mais de 350 sócios e a Sede actual é demasiadamente pequena para poder receber estes sócios e assim sendo foi deliberado aumentar dita Sede, fazendo-se uma construção de madeira em virtude de não permitir nossa situação financeira fazermos construções de material

que esta construção viria a embelezar bastante a Rua Pedro Álvares Cabral, visto o estylo da construção, como remetemos a V. Exa. a planta respectiva.

Rogamos, pois, a V. Exa. permittir a construção conforme a planta annexa.

Com a ampliação do espaço físico, foi construído um palco no salão de festas, transformando-o em um teatro alternativo, o qual foi prontamente oferecido às instituições da cidade que quisessem utilizá-lo para apresentações teatrais e culturais. Cumpre-se, de certa forma, o desejo de transformar o C.E.R. Atlântico de uma instituição assistencial para os ítalo-brasileiros em uma entidade de caráter recreativo.

²¹ Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.



Figura 4: A primeira sede do C.E.R. Atlântico que foi ampliada em 1933.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

É no contexto dessa ampliação que surgiu a primeira atividade esportiva do C.E.R. Atlântico, em vista da construção de canchas de bocha. De acordo com o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul

A introdução do Jogo de Bocha, no Rio Grande do Sul, está relacionada à chegada dos primeiros imigrantes italianos na segunda metade do século XIX. [...] comunidade se reunia nos finais de semana, após a missa (igreja católica), para praticar o Jogo da Bocha, que representava uma das principais atividades de lazer dos homens.[...] Hoje o Estado constitui a região do Brasil em que a Bocha tem mais destaque, embora este esporte possa ser considerado como parte da cultura de todo o sul do país, tendo, portanto, uma prática difusa e ligada às tradições comunitárias locais (MAZO e AMPESSAM, 2005, p. 64).

A inserção do jogo da bocha nas atividades oferecidas aos sócios pode ser considerada como o início da fase de sociabilidade e lazer do Clube. Nesse momento, a intenção não era promover campeonatos, mas proporcionar uma nova alternativa de lazer para os associados.

A inauguração do novo prédio e das três canchas de bocha aconteceu no dia 28 de janeiro de 1934, através de ato solene, em que foram convidadas as autoridades locais, bem como representantes da Sociedade Alemã G. W. C., do Ypiranga F.B.C. e da Associação Comercial. O evento foi publicado pelo jornal O Boavistense do dia 29 de janeiro.

A solene inauguração do novo prédio da sociedade Italiana Carlo Del Prete De acordo com as comunicações anteriormente feitas, efetuou-se, no dia de hontem, a grande festividade da inauguração do novo prédio da Sociedade Italiana, construído graças à atividade e esforços da diretoria, e, principalmente, seu esforçado presidente, sr. Aldo Arioli, que conseguiu reunir, em torno de si, a boa vontade dos sócios.

[...] Segundo o programa, as festividades da inauguração tiveram início com um gordo e abundante churrasco, do qual participaram mais de 200 pessoas, [...].

O churrasco foi regado a bom vinho e cerveja.

A posse da nova Diretoria

Seriam 15 horas, quando os presentes foram convidados a subir ao salão, onde se realizaria a cerimônia de posse da nova Diretoria²². [...]

O grandioso baile de hontem

Hontem à noite, bem cedo, sócios e convidados começaram afluír à sede da Sociedade Italiana.

O amplo salão ficou, desde logo, literalmente cheio, notando-se grande entusiasmo em todos os semblantes, criando um ambiente de cordialidade e de intensa alegria.

[...], o sr. Alfredo Franchi pronunciou em italiano um brilhante discurso, saudando os presentes e fazendo votos para que o baile que se ia iniciar fosse o elo da união da colônia italiana sob o estandarte da Sociedade Carlo Del Prete. [...]

Enfim, o baile oferecido, hontem á noite pela Sociedade Italiana, constituiu uma festividade invulgar entre nós, não só pela extraordinária afluência de pessoas, mas pelo cunho verdadeiramente social de que se revestiu (O BOAVISTENSE, 1934, capa).

Ao se pronunciar em italiano, o Sr. Alfredo Franchi, referendando a Sociedade Italiana Carlo Del Prete como entidade representativa dos ítalo-brasileiros e a construção das canchas de bochas, observamos a valorização de uma cultura estrangeira dentro do Brasil que, através de manifestações culturais organizadas, objetiva preservar a identidade de uma etnia num outro país, com o princípio fundamental de preservar a memória da velha pátria.

A construção das canchas de bocha levou o associado a freqüentar com mais assiduidade a sede social do C.E.R. Atlântico. Além do jogo de bocha, havia ainda o carteadado e o canto, considerados como uma velha mania dos italianos, tudo acompanhado da degustação do vinho, proporcionando horas agradáveis entre amigos, que assim recordavam a distante Itália, amenizando a saudade.

Apesar de ser uma associação ítalo-brasileira que não aceitava sócios de outras nacionalidades, o C.E.R. Atlântico tinha um bom relacionamento com outras sociedades e seus eventos sociais ou esportivos eram abertos a toda a população da vila. Esta relação pode ter levado à introdução de um esporte ligado à etnia alemã e também como forma de diversificar as práticas corporais. Exemplo dessa afirmação foi a construção de uma cancha de

²² Foi reempessado o atual presidente Aldo Arioli.

bolão em 1936. Com esta nova opção, os seus associados logo se organizaram, formando um “bloco de bolão”²³. Este esporte provocou uma intensa movimentação, havendo grande troca de correspondência com outros “blocos de bolão”, inclusive de outras localidades da região, para marcar partidas, estabelecendo datas, locais e prêmios para as disputas.

O C.E.R. Atlântico organizou vários torneios de bolão, um deles foi realizado no dia 28 julho de 1937. Intitulado “Grande Torneio de Bolão da Sociedade Italiana Carlo Del Prete”²⁴, o torneio ofertou prêmios e realizou-se conforme este regulamento:

- Qualquer pessoa poderia participar comprando cartões nominais no valor de 1000 réis;
- Um livro especial destinado para marcar os pontos dos jogadores que só atirarão perante no mínimo dois membros da comissão e outras pessoas assistentes (2 pessoas);
- O número de bolas será de 5 cada cartão. O 1º lugar para o que alcançar maior número de pontos;
- Premiação para o jogador que fizer menor número de pontos, sem nenhuma banda.

Premiação

- 1º lugar - 1 faqueiro com estojo;
- 2º lugar – 1 aparelho de chá de porcelana
- 3º lugar – 1 finíssimo ferro elétrico Siemens
- 4º lugar – 1 aparelho de níquel para café
- 5º lugar – um despertador de reputada marca
- 6º lugar – 1 aparelho nickel com 4 peças
- Prêmio único - ao que conseguir menor números de pontos – 1 finíssima faca prateada

Foi um torneio muito concorrido, movimentando toda a sociedade, com a presença de vários “blocos de bolão”, tanto da vila como de outras localidades da região. Como a disputa era individual, pessoas que não faziam parte de nenhum “bloco de bolão” tinham a oportunidade de participar, fazendo com que aumentasse a participação no torneio.

Mesmo com essas alterações ocorridas no funcionamento da entidade, seu principal escopo ainda era o “mútuo socorro” e somente alguns artigos do Estatuto foram alterados. Estas alterações foram esclarecidas em circular emitida aos sócios no dia 1º de outubro de 1936.

²³ Termo utilizado entre os participantes do bolão para uma equipe.

²⁴ Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Na Europa, ano de 1937, os primeiros sinais do “fervente caldeirão” começavam a aflorar e se transformar naquela que seria uma das mais sangrentas guerras da época moderna, a Segunda Grande Guerra Mundial. Tão distante parecia a agitação que não poderia atingir os já instalados imigrantes neste lado do Oceano Atlântico. O Brasil era governado pela ditadura Vargas, que ao final do ano decretaria o Estado Novo, “o continuísmo da ditadura”, não sem antes dos movimentos políticos, ameaças de golpes e revoltas terem sacudido a estabilidade do Presidente Getúlio Vargas (BERCITO, 1990).

Tudo parecia formar um quebra-cabeça e sequer se poderia imaginar o quanto a Grande Guerra influenciaria a vida nos anos seguintes e como iria, de maneira até bastante contundente, ocasionar as retaliações que estavam por suceder, a ponto de estabelecer-se aqui um regime ditatorial que causava medo e desconfiança.

Nesse período, o C.E.R. Atlântico só aceitava como sócios os imigrantes ou seus descendentes. Em sua sede social e esportiva, continuavam sendo cultivados os hábitos da cultura do ítalo-brasileiro, tais como a bocha, o carteadado e as cantigas italianas embaladas pela bebida preferida, o vinho, além de serem promovidas atividades sociais e artísticas, como bailes e peças teatrais. Fora dali, um grupo de amigos ligados ao C.E.R. Atlântico amadurecia a idéia da formação de um clube de futebol, que se chamaria Atlântico *Foot Ball Club* e que mais tarde se filiaria ao C.E.R. Atlântico, iniciando a era do futebol dentro desta associação.

3.3 A ERA DO FUTEBOL: ESPORTE E LAZER NO C.E.R. ATLÂNTICO

O aparecimento do futebol no C.E.R. Atlântico se dá, inicialmente, como uma forma de lazer. Aos poucos passa a se esportivizar, tornando-se o principal eixo das atividades desenvolvidas no clube, em especial no período de 1937 a 1976. Ainda assim, o clube não deixa de oferecer outras opções de lazer para os associados, como, por exemplo, a bocha, o basquete, a ginástica e os eventos sociais.

No final do século XIX e no início do século XX, iniciava-se a institucionalidade do esporte, cuja estrutura formal moderna somente seria definida entre as décadas de 20 e 30, transformando-o em uma atividade altamente competitiva e profissional, nos moldes que

atualmente conhecemos. O grande impulso do esporte moderno ocorreu na Europa, em especial na Inglaterra, para depois ser introduzido em todas as partes do mundo.

A introdução do esporte moderno no Brasil foi influenciada pelos funcionários de empresas inglesas presentes na economia brasileira e pelos imigrantes europeus que vieram para o país para substituir a mão-de-obra escrava. Segundo Melo (2001, p. 21), “a história do esporte não está desarticulada dos acontecimentos estruturais da sociedade, e estes nos esclarecem sobre seu desenvolvimento”. E, considerando o esporte como uma manifestação cultural importada, Melo (2001, p. 25-26) destaca duas dimensões:

a) a influência dos imigrantes que aqui moravam foi realmente grande na organização do campo esportivo, mas, independente dela, havia o desejo de copiar as práticas culturais européias, o que significa que existia uma predisposição clara para o desenvolvimento da prática;

b) a despeito dessas influências, não se deve imaginar que tal desenvolvimento no Brasil tenha se dado exatamente da mesma forma que na Europa, não só porque as influências eram múltiplas e diferenciadas, como porque devemos compreender a cultura brasileira a partir de uma idéia de *eclétismo*²⁵.

As práticas esportivas em solo brasileiro adquiriram um caráter próprio, específico e peculiar. Para este autor, “seria mais adequado compreendermos a cultura brasileira a partir da idéia de circularidade e influência múltipla entre distintos padrões culturais” (MELO, 2001, p. 26).

Nesse sentido, é possível afirmar que, no Brasil, o esporte moderno começa a organizar-se na segunda metade do século XIX, através do turfe e, em seguida, na década de 1860 estrutura-se o remo²⁶. A introdução do futebol, segundo a história oficial desta modalidade, é atribuída a Charles Müller, que, em 1894, retornou ao Brasil depois de uma temporada de estudos na Inglaterra, carregando uma bola debaixo do braço e que teria, então, plantado essa mania na alma nacional. Essa versão é refutada por vários historiadores do esporte brasileiro que narram essa história a partir de outras fontes. Segundo Ribeiro,

Atribuir a origem a Charles Müller é reduzir a experiência histórica brasileira e uma única fonte à documentação oficial de um grande clube paulista. [...] perdendo-se de vista, muitas vezes, a percepção do processo em que a “fundação” não tem

²⁵ Grifo do autor.

²⁶ Sobre o surgimento do turfe e remo, ver Melo, (2001).

propriamente um lugar único. Certamente iremos encontrar, de norte ao sul do Brasil, diversos Charles Müller “fundando” o futebol (RIBEIRO, 2000, p. 124).

DaCosta (2000, p. 100) reforça esta idéia, ao afirmar que “levantamentos históricos recentes em texto de 1998 de Victor Melo, [...] o futebol teria sido introduzido por ordens religiosas – jesuítas – que teriam se antecipado a Müller por duas décadas”. Além disso, o clube de futebol mais antigo do Brasil é o *Sport Club* Rio Grande, da cidade de Rio Grande, RS, fundado em 19 de julho de 1900, reconhecido como tal pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Com o futebol se tornando cada vez mais popular nos centros urbanos, certamente sob a influência desta marca, o time de futebol que deu origem ao C.E.R. Atlântico começou a se formar. Um pequeno grupo de jovens de descendência italiana que, antes ou após o trabalho, se reunia para conversar à sombra de um plátano em frente à firma de João Massignan, na esquina da então rua João da Fontoura²⁷ com a rua Bortolo Balvedi. Próximo dali ficava a alfaiataria de José Viero, Victor Calliari, Milo Calliari e Atílio Calliari, que viriam a ser fundadores do Atlântico *Foot Ball Club*, pois ali também era um ponto de encontro para a conversa dos jovens.

O plátano em questão tornou-se um símbolo, pois, nas conversas sob a sua sombra, amadureceu-se a idéia de formar um clube de futebol. Tanto que ele foi transplantado para o parque esportivo do C.E.R. Atlântico e, junto ao plátano, encontra-se hoje um monumento que homenageia os fundadores com os seguintes dizeres: “Somos filhos fortes! Agradecidos... Assim, queremos devolver a seiva para a raiz donde viemos”. Além do bate-papo debaixo do plátano, os jovens reuniam-se para um bate-bola no meio da rua. Com o aumento do número de participantes, as “peladas” começaram a se realizar na estação ferroviária que tinha um espaço maior e possibilitava o acontecer do jogo.

Sem maiores pretensões, mais por diversão do que por outra razão qualquer, começaram a se realizar partidas de futebol fora da cidade como, por exemplo, um jogo em Barão de Cotegipe e outro em Gaurama²⁸. No acervo histórico organizado por Aldo Castro estão registrado os primeiros jogos do clube que estava se formando.

²⁷ Hoje rua João Massignan.

²⁸ Na época, a cidade de Barão de Cotegipe se chamava Floresta e a cidade de Gaurama, Barro.

O ATLÂNTICO

Começou assim...

Um quadro organizado às pressas, para disputa de jogos varzeanos, na Floresta, no Kilometro 10 etc...

O quadro parece que nem tinha nome...

O futebol paralisado em Boa Vista do Erechim. Com o desaparecimento do S.C. Ítalo-Brasileiro, 1929, Ipiranga também cessara as suas atividades futebolísticas, e formavam-se, então, quadros de ocasião para a realização de disputas sem maior importância.

Das canchas varzeanas, esses quadros improvisados já realizavam partidas no “field”²⁹ do Ipiranga, o único então existente na cidade.

Dessas improvisações é que surgiu a ideia da fundação do Atlântico, o que se realizou em 3 de fevereiro de 1937.³⁰

Com os bons resultados e o entusiasmo do grupo, o time foi crescendo a cada novo jogo e logo lhe foi dado um nome, Regência. O chefe da estação, Alfredo Buzi, era um dos torcedores e, entusiasmado pelo time de futebol, pressionou José Viero para que dirigisse o Regência, sob a forma de um clube, dentro das normas e leis, uma vez que a formação de um time de futebol

Têm a característica de unir os indivíduos ao seu redor (torcedores) pelos mais variados motivos; com o passar do tempo eles se escondem atrás da aparente irracionalidade dessa identificação – assinalada à paixão – mas a origem dos times e dos aficionados tem sempre alguma motivação racional, explicada muitas vezes através da representação das identidades dos indivíduos, por exemplo, identidade dos habitantes de uma cidade, classe social, etnia, ou mesmo religião (ARAÚJO, 2000, p. 84).

Aproveitando o espírito positivo do grupo, José Viero resolveu aceitar, mas com a condição de que houvesse uma sociedade com diretoria própria, sem nenhum vínculo com o C.E.R. Atlântico, da qual faziam parte diversos componentes do Regência. Uma reunião foi realizada para a constituição da sociedade e um dos primeiros assuntos discutidos foi a escolha do nome do clube, conforme a ata de fundação³¹:

²⁹ Campo em inglês.

³⁰ Aldo Afonso de Castro foi o historiador, além de jornalista do jornal A Voz da Serra, que em 1937 iniciou a organização de um arquivo histórico tanto da trajetória do futebol como da própria história do CER Atlântico. Este acervo histórico atualmente faz parte do acervo histórico do C.E.R. Atlântico.

³¹ Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Aos três dias do mês de fevereiro de 1937, na casa do sr. José Viero, organizou-se a primeira assembleia composta dos seguintes senhores: José Viero, José Noal, João Francescheto, Hilario Balvedi, Odorico Massignan, Luiz Balvedi, Joaquim Lemos, Modesto Caldart, Mario Balvedi, Hugo Longo, Alberto Fransescheto e Milo Cagliari. Foram apresentados para eleição os três seguintes nomes: Atlântico – Brasil – America. Por maioria de votos venceu o nome de ATLÂNTICO, isto é, por cinco votos contra três de ambos os outros, devendo, assim, o clube chamar-se Atlântico F.B.C.

De comum acordo, a diretoria ficou composta dos seguintes cidadãos:

Presidente	- José Viero
Vice-presidente	- Odorico Massignan
1. secretario	- José Noal
2. dito	- Victor Cagliari
1. tesoureiro	- João Francescheto
2. dito	- Modesto Caldart
Capitão geral	- Hilário Balvedi
Capitão de campo	- Ervino Vité
Guarda-sport	- João Francescheto
Conselho	- Luiz Balvedi, Joaquim Lemos, Mario Balvedi, Hugo Longo e Manoel Galiart.

A associação durará por tempo indeterminado, sendo esportivos os seus fins.
Hilário Balvedi.

A escolha do nome Atlântico foi influenciada pela existência de um mapa-múndi que estava pendurado na parede onde se realizou a reunião. O mapa mostrava o oceano Atlântico, que trazia lembranças para os imigrantes que o atravessaram. Lembrava, ainda, a façanha do aviador Carlo Del Prete, um ídolo esportivo daquele momento.



Figura 5: O primeiro escudo e o atual do clube.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Uma vez escolhido o nome, o outro assunto tratado foi o fardamento. Depois de algumas conversas e discussões, foi adotado o uniforme composto pela camiseta em verde e vermelho e calção branco, cores que lembravam a bandeira da Itália.

Lembrava, ainda, a bandeira do Rio Grande do Sul que o C.E.R. Atlântico costumava hastear, juntamente com a do Brasil, nos dias de festas pátrias (ainda que naquele momento, pelo ambiente político, o seu uso estava proibido pelo então Presidente Getúlio Vargas). Os alfaiates, usando a suas habilidades na confecção e sua criatividade, confeccionaram a bandeira do Atlântico F.B.C., utilizando o modelo da bandeira do Rio Grande do Sul (retirando o escudo Riograndense e a cor amarela), e a da Itália (suprindo a cor branca) que passou a ser usada nas letras do escudo.

A escolha das cores do uniforme parece ser uma forma sutil de representar a bandeira da Itália, pois não podemos esquecer que a diretoria do clube era composta, em sua maioria, por ítalo-brasileiros.

Um fato idêntico se deu com o Palestra Itália de São Paulo, uma associação de futebol fundada em 1914 por ítalo-brasileiros. Era conhecido na época como *team* tricolor devido ao seu uniforme, que era composto pelas cores da bandeira da Itália, camisa verde, com gola e punhos vermelhos, meias e calções brancos. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, tornaram-se mais agudas as represálias aos ítalo-brasileiros em São Paulo, obrigando o Palestra Itália a trocar de nome, passando a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras. Entretanto, preservou o distintivo do clube (um “P” maiúsculo) e retirou o vermelho, preservando o verde e o branco no uniforme (ARAÚJO, 2000).

Com nome e fardamento, a equipe começou a jogar de forma mais sistemática. Segundo o relato Aldo Castro, em seu arquivo histórico, o Atlântico F.B.C. participou de um torneio na localidade do Kilômetro 10³² e realizou sua primeira partida, que ainda não foi considerada como jogo oficial. Nas suas palavras:

Envergando já a camiseta de corpo verde e barras encarnadas, que há de se tornar glorioso em dois anos consecutivos (1937 e 1938)[...] Vários jogos efetuados, com o S.C. Garibaldino, com o Internacional do povoado Floresta, com Juventude, do Kilometro 10, não há razão para considera-los como partidas oficiais. Não passavam de torneios, pois aqueles quadros eram também improvisados.

³² Como o nome já diz, é uma localidade distante 10 quilômetros da cidade de Erechim.

Neste arquivo, figura como primeiro jogo disputado pelo Atlântico, o realizado em Kilometro 10, por ocasião de um torneio, contra o Ipiranga FBC.

Propriamente esse jogo não devia ser considerado uma disputa oficial do Atlântico, entretanto, por se tratar de um clube aqui da cidade, contra o qual o Atlântico posteriormente jogou inúmeras vezes, e como o referido jogo resultou na vitória do adversário por 3 x 0, convinha oficialisa-lo a fim de que o Atlântico não fosse acusado de sonega-lo ao balanço de glórias do adversario.³³



Figura 6: A equipe do Atlântico F.B.C, em um torneio varzeano que jogou contra o Internacional do povoado Barão de Cotegipe³⁴.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Desde 1929 não ocorriam mais campeonatos na cidade de Erechim. Somente aconteciam alguns jogos ocasionais ou torneios que geralmente ocorriam no interior e tinham caráter recreativo, com equipes formadas apenas para a ocasião.

No cenário futebolístico de Erechim e da região, o Ypiranga F.B.C, que havia sido fundado em 1924, se tornou o principal rival do Atlântico e cada vez que se encontravam numa disputa, colocava-se em ação o “Atlanga”, o famoso clássico citadino.

Com a equipe formada, os treinos eram realizados inicialmente no campo do próprio Ypiranga F.B.C., pois era o único disponível na cidade. No entanto, tão logo o time começou a crescer e se tornar um “adversário de peso”, o Ypiranga começou a cobrar uma quantia elevada para ceder o campo, levando os atlantistas a procurar um novo espaço para seus treinos. Foi, então, improvisado um local próximo ao campo do Ypiranga, na rua Bento

³³ Nestes primeiros registros de Aldo Castro não consta a data dos jogos e quando foi registrado. O que se sabe é que aconteceram no ano de 1937.

³⁴ Nesta época chamava-se de Floresta.

Gonçalves, e ali eram realizados os treinos, de modo a manter a forma física e a unidade da equipe. Resultou desse treinamento sistemático a intensificação de jogos com equipes das localidades vizinhas, tais como o Internacional de Barão de Cotegipe, o Garibaldi, Juventude de Kilômetro 10, o *Sport Club* Campoerense de Capoeirê³⁵, o *Sport Club* Barrense de Gaurama³⁶.

Com as vitórias acontecendo, o Atlântico F.B.C. foi crescendo e a cada jogo ganhava novos adeptos ao time. O entusiasmo era grande, surgindo a necessidade de comemorações à altura. Como não tinha sede própria, as comemorações passaram a acontecer na sede do C.E.R. Atlântico, predominando as festas com baile, reunindo sócios e familiares.

Diante desta circunstância, ainda neste ano de 1937, José Viero apresentou a idéia de filiação dos sócios do Atlântico F.B.C. ao C.E.R. Atlântico, sugestão que foi aceita sem restrições. Aqui acontece uma alteração importante para a história do C.E.R. Atlântico. O Clube, ao aceitar os jogadores de futebol do time Atlântico F.B.C., abre mão da exigência de ser ítalo-brasileiro como critério necessário para tornar-se sócio. Ou seja, é em função do futebol que essa norma é alterada, ampliando o quadro de sócios, pois foi exigido que todos os jogadores deveriam ser sócios ou filhos de sócios da entidade, independente de serem ou não ítalo-brasileiros. Na negociação para a adesão do futebol no interior do C.E.R. Atlântico, ficou acordado que todas as despesas relativas ao futebol ficariam sob responsabilidade do Atlântico F.B.C. Em função disso, o time tinha direito de realizar reuniões, festividades ou bailes na sede da associação. O importante era que a inclusão do futebol não causasse despesas ao C.E.R. Atlântico, e isso se procurou respeitar.

Com a ausência de competições oficiais em Erechim³⁷, desde o ano de 1929, foi reativada a Associação que dirigia o futebol na região, com o objetivo de organizar um campeonato. A criação do Atlântico F.B.C. propiciou o surgimento de um campeonato municipal que contou com a participação de mais três equipes: o Ypiranga F.B.C., o Grêmio *Sportivo* Germânia (G.S. Germânia)³⁸ e o *Sport Club* 14 de Julho (S.C. 14 de Julho), sendo todas equipes de Erechim.

³⁵ Capoeirê é um distrito de Erechim.

³⁶ Nesta época chamava-se Barro.

³⁷ Nesta época chamava-se Boa Vista do Erechim

³⁸ Grêmio Sportivo Germânia (também aparece como Sociedade Germânica), pertencia a *Deutscher Verein G.W.C.* (Sociedade Alemã) como um departamento de futebol desta sociedade.

O primeiro jogo oficial do Atlântico F.B.C. se deu nesta competição. Foi no dia 29 de agosto de 1937, no campo do Ypiranga F.B.C, cujo adversário foi a Sociedade Germânia. O Atlântico saiu vencedor por 3 x 0. A equipe jogou nessa ocasião com a seguinte formação: Arlindo Passuello, Domingos Viero, Hugo Longo, Roberto Massignan, Adelino Incert, Petrônio Faccin, Odone Alberici, Alderico Massignan, Eolo Arioli, Caetano Bosio, Atílio Calliari, Joaquim Lemos e João Fransceschetto. Como diretor técnico, Odorico Massignan (Pimenta). Sobre esta estréia, o jornal A Voz da Serra publicou uma reportagem no dia 31 de agosto de 1937, onde descreve alguns dos lances da partida. Vejamos:

Logo no início, os dianteiros do Atlântico levam boa carga ao goal de Ernesto, cujo pelotasso tem defesa na trave. A seguir, os rapazes do Germania retribuem o mesmo golpe, tendo o mesmo resultado. [...] Decorriam 15 minutos de jogo quando Odone, aproveitando um calculado passe de Calliari, arremete ao goal, burlando, com tiro indefensável, a vigilância de Ernesto, aninhando a bola na rede do Germânia.

[...] O Atlântico marca outro ponto por intermédio de Alderico, e assim, com cargas fracas, termina o primeiro tempo.

Iniciando o segundo tempo, patenteia-se a forte superioridade do Atlântico que domina o jogo, apesar do Germania tentar algumas cargas, tendo Alderico, com um tiro de surpresa, conseguido aumentar a contagem para três tentos a favor do valoroso Atlântico, que comporta-se brilhantemente até ao final da peleja (A VOZ DA SERRA, 1937, contra capa).

No transcorrer dos jogos, mais dois atletas se integraram ao time e atuaram nas demais partidas: Modesto Caldart (goleiro) e Hilário Balvedi (Pimenta). O campeonato terminou em 17 de outubro de 1937 e o Atlântico F.B.C. sagrou-se campeão já em seu primeiro ano de atividade.

Em função dos resultados positivos no seu primeiro ano de existência, para comemorar o feito, foi organizada uma grande festa na sede social do C.E.R. Atlântico. Além das equipes participantes, foram convidadas outras agremiações para festejos do título: Grêmio Esportivo Marcelinense, de Marcelino Ramos, S. C. Barrense, de Barro e União *Sportiva Boavistense de Foot-Ball*, de Erechim. Na cerimônia, foram distribuídas as premiações aos participantes do Campeonato Municipal. Os atletas do Atlântico foram condecorados com medalhas entregues por uma comissão de senhoritas da sociedade, algumas das quais eram namoradas ou noivas dos mesmos. A taça foi “batizada” com champagne e, em seguida, foi realizado um animado baile.

Para finalizar o ano esportivo, o Atlântico F.B.C. realizou no dia 07 de novembro de 1937 um jogo amistoso, no campo do Ypiranga, contra os Veteranos *Foot Ball Club*, de Carazinho, vencendo o jogo por 3 x 1.

O ano de 1938 é cheio de novidades, a começar pelo então presidente do C.E.R. Atlântico, Aldo Arioli, que ansiava em passar o cargo para outro, tendo em vista o clima pouco favorável aos estrangeiros que viviam no Brasil. Conforme Calliari (s/d, p.69) “José Viero foi convencido a ficar no lugar de Arioli, já que tinha mais jeito para se relacionar com as pessoas, principalmente com quem exercia atividade policial”. Aqui vale lembrar que no ano de 1937 foi implantado o Estado Novo e o governo de Getúlio Vargas intensificou a política nacionalista iniciada em 1930. Assim, a identidade ítalo-brasileira cultuada no interior do C.E.R. Atlântico “representava um empecilho para a construção da identidade nacional” (COERTJENS, GUAZZELLI e WASSERMAN, 2004, p. 254) e passa a sofrer ação do Estado. Diante disso, com a forte pressão do governo brasileiro, alguns membros do clube sentiram-se ameaçados. Provavelmente foi o caso de Aldo Arioli, que desejava deixar o cargo de presidente do C.E.R. Atlântico.

Em assembléia geral, com grande maioria de votos, foi decidido que José Viero deixaria a presidência do Atlântico F.B.C. e assumiria a presidência do C.E.R. Atlântico³⁹, e Aldo Arioli seria o presidente do Atlântico F.B.C.

Entre os anos de 1937 e 1940, documentos comprovam a existência de duas entidades com atuação em uma mesma sede: o C.E.R. Atlântico e o Atlântico *Foot Ball Club*. Esta divisão é percebida pela correspondência expedida pelo Atlântico F.B.C., em 30 de Setembro de 1939, para o C.E.R. Atlântico:

Prezados Senhores.

Temos o prazer de acusar o recebimento do vosso ofício de 23 de Setembro, em que nos convida para o grande baile que levareis a efeito hoje em regosijo ao vosso 24º aniversário de fundação, bem como para a secção solene da Diretoria.

Agradecidos pela gentileza do convite, comunicamo-vos que a diretoria desta Sociedade as fará representar nessas festividades pelos associados Erminio Wittée Fo e José A. de Holleben.

Sem outro particular e fazendo votos pela sempre crescente prosperidade desta valorosa Entidade, subscrevemo-nos com todo apreço.

Pela DIRETORIA DO ATLÂNTICO F.B.C.⁴⁰.

³⁹ Nesta época ainda chama-se de *Società Italiana di Mutuo Soccorso Carlos Del Prete*.

⁴⁰ Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Em razão da chamada Lei da Nacionalização⁴¹, promulgada pelo então presidente Getúlio Vargas, que proíbe o uso de nomes estrangeiros a clubes e associações, foi determinado que seria necessária a substituição do nome da *Società Italiana di Mutuo Soccorso Carlo Del Prete*. No dia 23 de outubro de 1938, foi realizada uma assembléia geral para a escolha do novo nome da *Società*. Influenciados pelos fundadores do Atlântico F.B.C., e pelas parcerias já existentes entre os clubes, a *Società* passa a ser denominada de Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico (S.R.B. Atlântico). Só que esta mudança de nome gerou críticas e descontentamentos, desencadeando uma polêmica em torno dessa nova denominação. Tal polêmica não ficou restrita ao interior do clube e foi visualizada fora de seus muros, conforme notícia publicada no jornal A Voz da Serra. Alguns sócios do clube publicaram esta nota no dia 24 de outubro de 1938, em repúdio à escolha do nome, denunciando, inclusive, uma irregularidade na convocação da assembléia geral.

A PEDIDO

A Mudança do Nome da “Sociedade Italiana M. S. Carlo Del Prete”

Ilmos. Srns. Presidente e Demais Membros da Diretoria da Sociedade Italiana
Nesta Cidade

Os baixos assinados, membros integrantes desta sociedade, vem, por meio deste, protestar contra a decisão de ser dado à essa Sociedade o novo nome de “ATLÂNTICO”. Essa deliberação não satisfaz, em absoluto, as aspirações da maioria dos seus associados, pois não exprime aquela nova denominação a sua vontade. Tanto é assim, que a deliberação em apreço foi tomada em Assembléia Geral irregularmente convocada, sem a devida publicação pela Imprensa, como sempre foi observado em Assembléia de menor importância, além de que os respectivos convites foram entregues na última hora, havendo sócios que só tiveram conhecimento da reunião quando esta já se tinha realizado.

Pelo exposto, os signatários solicitam que seja convocada uma nova Assembléia Geral, observados os requisitos legais, a fim de que se possa proceder com toda isenção de ânimos a escolha do nome que satisfaça os verdadeiros anseios dos nossos associados.

José Bonifácio, 24 de Outubro de 1938.

Ângelo Cecchet – Carlos Rigoni – Pedro Fregonese – Francisco Rigon – José Contini – Mário Meletti – Algemiro Barbieri – Annuncio Lain – Hercules Bello – Benevenuto Ballen – João Lora – Alberto Parenti – Domingos Zanella – Santo Dal Bosco – Victorio A. Grando – Julio Berto – Palmiro D. Tosetto – Henrique Salomoni – Olinto Zambonato – Aquilino Faccenda – Sady C. Dias – Isidoro Castilhos (AVOZ DA SERRA, 1938, capa).

Nesta relação de nomes, nem todos os membros são da etnia italiana, pois neste momento a Sociedade Italiana já permitia a entradas de sócios de outras nacionalidades,

⁴¹ Decreto-lei n.868 de 18/11/38. (LICHT, 1992; AMPESSAM, 2000 apud MAZO e AMPESSAM, 2005 p.65).

decorrente da filiação com o Atlântico F.B.C., conforme descrito acima. Este grupo de associados alegava nesta publicação que a assembléia geral havia sido convocada irregularmente e manifesta a insatisfação com a escolha do nome “Atlântico”. Em resposta a esta nota, dois dias depois, Aldo A. Castro, em um artigo para jornal *A Voz da Serra* do dia 26 de outubro de 1938, revela o nome que almejavam estes sócios descontentes, no qual transcreverei alguns trechos:

Consta que existe uma corrente que deseja que o nome da sociedade seja mudado para Vinte de Setembro, fica aqui uma perguntinha toda brasileira e indiscretamente patriótica: - Qual é o Vinte de Setembro das simpatias dos componentes desta corrente? É o Vinte de Setembro da Itália, que interessa apenas aos italianos, ou o Vinte de Setembro dos Farrapos, que interessa somente aos brasileiros? Precisamos esclarecer se, vitoriosa a campanha desta corrente de associados da Sociedade Italiana, não se pretende com tal manobra burlar, de alguma maneira, a vontade nacionalizadora da lei vigente. Porque é preciso notar esta circunstancia de significativo interesse: A Sociedade Italiana já foi denominada de Vinte de Setembro. Sua finalidade era então a de incutir entre os seus associados o espírito de italianidade. Só votavam e podiam ser votados, italianos e filhos de italianos. O Vinte de Setembro que se homenageava naquele tempo, nunca foi o Vinte de Setembro que o grande Garibaldi e outros italianos ilustres ajudaram os brasileiros a glorificar na epopéia farroupilha. Era o Vinte de Setembro da unificação italiana, que não podia, como não pode hoje interessar a brasileiros (*A VOZ DA SERRA*, 1938, contra capa).

Denota-se neste artigo a manifestação em defesa à nacionalidade que na época foi imposta pelo Estado Novo, quando o autor se manifesta dizendo: “fica aqui uma perguntinha toda brasileira e indiscretamente patriótica”. Significa que tanto os imigrantes italianos como os seus descendentes que, por influências dos pais, exprimiam um sentimento de patriotismo pela Itália, deveriam não somente amar a pátria brasileira, como apagar de sua memória qualquer sentimento de italianidade. Portanto, a oposição ao nome de Atlântico traduzia um sentimento de perda por parte destes associados. Aqui vale lembrar que Aldo Castro tinha ligação com o Atlântico F.B.C. e que foi ele quem organizou um arquivo histórico⁴² contendo documentos sobre a trajetória do futebol do clube e o fato de ser contra o nome Vinte de Setembro não era só em defesa da nacionalidade, mas do próprio nome do Atlântico, do qual era simpatizante. Em sintonia com o pensamento do grupo de associados descontente, Luis

⁴² Neste arquivo histórico ele organizou uma ficha de cada jogo, tendo todas as informações desde o local, o adversário a escalação do time, autores dos gols, resultado do jogo e um resumo dos jogos realizados até aquela data.

Zanardo escreveu, no dia 16 de novembro de 1938, em um especial para *A Voz da Serra* que desfilou-se da *Societá* pela demora na troca do nome, além de que era simpatizante ao nome Vinte de Setembro. Nesta publicação, apresenta quatro argumentos para questionar o posicionamento de Aldo A. Castro.

O provectoro cidadão Aldo A. Castro pergunta: “A qual das datas (XX Setembro) é simpática a corrente que nela votou, à nacional ou à estrangeira? Não será esta uma manobra para burlar o sentido nacionalizador do decreto 383⁴³?”

Nada disso. A efemeridade seria a brasileira por diversas razões. A primeira é que ela, há mais de 10 anos, deixou de ser comemorada na própria Itália. A segunda é que os estatutos da Del Prete, em seu artigo 66, se refere ao 20 de Setembro de sua fundação e não ao da unificação do país citado. A terceira é que uma sociedade que se ia nacionalizar não poderia festejar uma data estrangeira e nem admitir que os seus associados mantivessem qualquer reserva mental ou sentimental neste ponto. A quarta é que o XX de Setembro pode até certo ponto ser encarada como uma data libertária qualquer, equivalente ao 14 de Julho francês que, durante muitos anos, foi por nós oficialmente comemorado e simboliza ainda o triunfo da Liberdade. Contra o poder absoluto e divino dos reis.

Se a denominação do “XX” fosse adotada teria a significação, agora, de data brasileira, republicana e liberal (no verdadeiro sentido) como era liberal anteriormente apesar das dúvidas do amigo A. Castro. Italiana era a sociedade de tradição. Nunca foi desnacionalizante, nunca manteve uma escola em idioma estrangeiro. Era apenas recreativa e de mutua assistência. Não há nos estatutos a mais leve menção ao XX de Setembro estrangeiro (*A VOZ DA SERRA*, 1938, p. 3).

O autor justificou que a denominação XX de Setembro estaria relacionado ao dia de fundação da associação e ao feito dos revolucionários riograndenses na Guerra dos Farrapos. Como ele diz: “Italiana era a sociedade de tradição”, pois os sentimentos dos associados e os fins da sociedade eram brasileiros. E frisava, na terceira justificativa, que “os seus associados mantivessem qualquer reserva mental ou sentimental neste ponto”. Aldo Castro retrucou esta afirmação, no dia 23 de novembro de 1938, em um outro artigo publicado no mesmo jornal.

“Não há entre os membros da Sociedade em foco falta de sadio patriotismo”. São palavras de s. sria.

⁴³ Decreto-lei 383, de 18 de abril de 1938, editado pelo Governo do Presidente Getúlio Vargas que regularizava as atividades de associações estrangeiras no Brasil, ela proibia o funcionamento, no território nacional, de sociedades, entidades, clubes, fundações e todo e qualquer estabelecimento vinculado a organismos internacionais, que tivessem entre seus objetivos a divulgação de ideologias políticas ou que professassem idéias ou filosofias originárias em instituições estrangeiras. BOBBIO, P.V. (org) LEX, Coletânea de Legislação apud PERAZZO, (1999).

Pois, escute, meu caro tenente. Eu, dentro mesmo dos meus “pendores patrióticos”, continuo duvidar do sadio patriotismo dessa marca de brasileiros, que enquadra na parede da casa um diploma vindo da Itália, onde se declara que ao apelo da “pátria”, respondeu “presente”. Continuarei a desconfiar do espírito de brasilidade daquele que em substituição á sua aliança matrimonial, ostenta orgulhosamente um anel de ferro vindo das mesmas bandas, e onde se lê a inscrição: “Dei a outra à **pátria.**”⁴⁴

Concordo com a s. sria. em que devemos nacionalizar sem ódios e sem prevenções. Declaro que nada me anima contra brasileiros de qualquer origem. O que não posso admitir é que eles pretendam dividir o seu amor entre duas pátrias. É justamente por isso que precisam ser ditas , corajosamente, certas verdades que podem doer, mas que apontam os males que agridem a “saúde do patriotismo” de muita gente...

[...] Não será cultuando tradições de nacionalidade que não a nossa, não será preferido idioma que não o nosso, que se realizará o verdadeiro conagraçamento dos brasileiros, já que a língua e as tradições são o laço mais fortes de união entre os homens da mesma nacionalidade (A VOZ DA SERRA, 1938, p. 3).

A nacionalização não estava só relacionada à regularização das associações estrangeiras, mas também ao uso do idioma e costumes. Conforme foi apontado por Zambonato (2000, p. 37), em Erechim “muitos foram presos e seviciados somente porque, inadvertidamente, diziam *Buon Giorno* ou *Auf Fiederzen*. Eram taxados de *5ª coluna*”.⁴⁵ Porém, todo este debate não alterou a escolha do nome Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico, tomada em assembléia geral realizada no dia 23 de outubro de 1938.

Outra medida institucional para implantação e consolidação de uma identidade nacional era o hastear da bandeira nacional e o entoar do hino nacional nas competições esportivas. O jornal A Voz da Serra relatava, em diversas reportagens, que, antes dos jogos, as equipes se perfilavam para hastear a bandeira e cantar o hino nacional. O jornal, inclusive, divulgou no dia 26 de maio de 1941 a lei nº. 259 de 01 de outubro de 1936, que estabelecia a obrigatoriedade do ato.

⁴⁴ Grifo do autor.

⁴⁵ Grifo do autor. Termo cunhado *5ª coluna*, de acordo com Zambonato (2000, p. 37), está relacionada “a Revolução Espanhola (1936-1939), o líder da revolução, o general Franco estava para tomar Madrid, contava com quatro colunas revolucionárias que avançavam sobre a capital espanhola [...]. Numa entrevista que deu aos jornalistas, disse que contava com cinco colunas e não com quatro. Ao lhe fazerem ver que contava apenas com quatro e não cinco, ele respondeu que a *5ª coluna* estava dentro da própria Madrid: contava com adeptos alojados e que lutavam nos subterrâneos e nas guerrilhas urbanas. Por isso, os alemães e italianos e seus descendentes que estavam no Brasil eram taxados de *5ª coluna*, durante a Segunda Guerra Mundial. Temiam as autoridades brasileiras que o eixo Roma-Berlim-Tóquio pudesse contar com essa possível *5ª coluna*”. Em outras palavras, este termo foi utilizado para referir-se àqueles que agiam sub-repticiamente num país em guerra, ou em vias de entrar na guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL:

Faço saber que o poder legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Fica obrigatório, em todo o país, nos estabelecimentos de Ensino, mantidos ou não pelos poderes públicos, e nas associações de fins educativos e outros, constantes desta lei, o canto do Hino Nacional, de Francisco Manoel da Silva, com a letra de Joaquim Osório Duque Estrada, oficializado pelo Decreto nº. 15.671, de 6 de setembro de 1922, do Governo da República.

Parágrafo único. A obrigatoriedade, estabelecida neste artigo, refere-se aos estabelecimentos de ensino primário, normal secundário e técnico-profissional e às associações desportivas, de radio-difusão e outras de finalidade educativas.

Art. 2º. Ficam adotadas, para a execução do Hino Nacional, de Francisco Manoel da Silva, a orquestração de Leopoldo Miguez e a instrumentação, para bandas, do 2º tenente Antonio Pinto Junior, do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, no tom original: de si-bemol; e, para canto, em fá, trabalho de Alberto Nepomuceno.

Art. 3º. A instituição que, previamente intimada, deixar de cumprir as determinações desta lei, terá proibido o seu funcionamento pela autoridade competente.

Art. 4º. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º. Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1936, 115º da Independência e 48º da República.

GETULIO VARGAS

Gustavo Capanema

Arthur de Souza Costa

Vicente Ráo

Joaquim Licínio de Souza Almeida

José Carlos de Macedo Soares

João Gomes

Henrique A. Guilhem

Odilon Braga

*Agamenon Magalhães*⁴⁶

A obrigatoriedade do canto do hino integra uma série de pequenas ações voltadas para a construção de simbologias vinculadas ao nacionalismo, tais como o hasteamento da bandeira. Para Hobsbawm (1998, p 87) “o significado dos ícones sagrados é demonstrado pelo uso universal de simples pedaços de panos coloridos – as bandeiras – como símbolo das nações modernas, e associação com ocasiões rituais altamente direcionadas e atos de veneração”.

No dia 05 de abril de 1938 foi fundada a Liga Erechinense de Futebol (LEF), com o propósito de aperfeiçoar a vida esportiva no município. Coincidentemente, neste mesmo dia, o Decreto Estadual nº. 7.210 de 05/04/1938 muda o nome da cidade, que deixa de ser Boa Vista do Erechim e passa a José Bonifácio. Este nome foi proposto pelo engenheiro Carlos Torres Gonçalves em seu projeto urbanístico da cidade de Erechim, para homenagear o Patriarca da Independência.

⁴⁶ Esta lei está disponível no site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L0259.htm>. Acessado em 04/09/2007.

A Liga Erechinense de Futebol cria um calendário de atividades com a finalidade de movimentar e aprimorar o futebol na cidade de Erechim. Além do campeonato municipal, realiza um torneio *initium*, para apresentação das equipes participantes do campeonato municipal e o “torneio encerramento” com as mesmas equipes para concluir a temporada desportiva. Estes torneios eram realizados em um único dia, jogando todos contra todos com o tempo reduzido de jogo. Mudanças estas que se repetem nos anos seguintes.

O Grêmio *Sportivo* Germânia se retira do campeonato e assume seu lugar o Barrense de Gaurama⁴⁷ mantendo, com isso, quatro equipes. Além de Barrense, o Atlântico F.B.C., o Ypiranga F.B.C. e o E.C. 14 de Julho. O jornal A Voz da Serra, ao analisar o primeiro jogo do campeonato entre o Atlântico F.B.C e o Ypiranga F.B.C., demonstra preocupação com nível apresentado pelas equipes, conforme noticiado no dia 11 de julho de 1938.

Aguardava o nosso mundo desportivo ter ensejo de vibrar de entusiasmo com a realização do match entre as equipes principais do Ypiranga e do Atlântico, em disputa numa partida de turno, do Campeonato da LEF. Todavia, o embate de ontem constituiu uma penosa desilusão. Nada brilhante e muito menos agradável foi o transcurso da luta. Ambos os quadros puseram de lado todos ensinamentos do moderno futebol. Não apresentaram o requisito principal – combinação. Linhas desarticuladas. Defesa sem orientação. Nenhuma ação de conjunto. [...].

A luta de ontem não foi, como prevíamos, mais um passo á frente do desejo justificado de fazer progredir o futebol local. É mister que o entusiasmo inicial chegue ao fim cercado da mesma auréola do seu começo. É preciso que se corresponda á animação da população. Um apelo: congreguemo-nos em torno de um ideal – o engrandecimento do nosso association, amparados na nobre vontade de vermos a nossa terra grande e progredida. O futebol é um esporte. Pratiquemo-lo dentro das leis que o regem. Respeito. Ordem. Lealdade. A técnica completará todas estas virtudes.

[...] Até a natureza sofreu, com a má apresentação dos cracks. Tarde agradável, temperatura amena, estava propícia á prática de todos os esportes, convidava mesmo para assistir prélios futebolísticos. Á medida que ia transcorrendo o jogo mudava a sua feição. Tornou-se o céu nublado. Nuvens começaram a se formar. Desceram as sobras da noite como que enlutadas (A VOZ DA SERRA, 1938, contra capa).

O baixo nível técnico no início do campeonato era decorrente da falta de treinos e de jogos. Até então, o Atlântico F.B.C. havia jogado três partidas em torneio e, ainda assim, com o tempo reduzido. Com o transcorrer do campeonato municipal, jogos amistosos e treinos, melhorava o desempenho da equipe, conforme registra a reportagem publicada pelo A Voz da Serra sobre o jogo contra o S. C. Barrense.

⁴⁷ Nesta época chama-se de Barro.

Em brilhante exibição o forte conjunto do Atlântico F.B.C. Venceu o Barrense F.B.C.

Não padece dúvidas que, de todos os machts realizados ultimamente o de ontem foi o que se revestiu melhor forma. Ambos os conjuntos apresentaram-se em ótima performance agradando plenamente. O numeroso público saiu contente

O quadro do Atlântico, surpreendeu pela maneira como desenvolveu o seu jogo. Técnica, rapidez, cargas fulminantes e, sobretudo uma grande disciplina (A VOZ DA SERRA, 18/07/1938, contra capa).

Repetindo o feito do ano anterior, o Atlântico F.B.C conquista o bi-campeonato. Com isso ambiciona-se e convida para um amistoso o Cruzeiro de Porto Alegre, que gozava de grande prestígio em âmbito estadual, visto que era detentor do título de vice-campeão.

O jogo foi anunciado como um dos mais sensacionais de todos os tempos. A visita do time cruzeirense foi amplamente divulgada pelo jornal local, visto que era um acontecimento de grande magnitude para a cidade. A delegação foi recebida a 6 quilômetros de Erechim, sob a chefia do presidente do Atlântico, Aldo Arioli, a quem acompanhava uma numerosa comitiva integrada por representantes das entidades esportivas, da sociedade local e da imprensa, a fim de recepcionar a missão e acompanhá-la até a cidade.

No dia do jogo, não faltou a apresentação da Banda Municipal antes da partida, tendo uma numerosa assistência como nunca antes se havia visto em uma partida de futebol na cidade, com o agravante de ser uma quinta-feira. As equipes disputaram o jogo no dia 17 de novembro de 1938, no campo do E.C. 14 de Julho. Apesar da goleada do Cruzeiro de 5 x 1, o Atlântico estava satisfeito por promover um jogo desta envergadura, inédito na região, e já pensava em novas aventuras da mesma dimensão ou até maiores (A VOZ DA SERRA, 1938).

Várias reportagens reproduzidas nesta pesquisa permitem evidenciar que, desde a sua fundação, o Atlântico F.B.C. ampliou sua participação em torneios e amistosos. No ano de 1938, um dos quatro amistosos que disputou foi realizado, pela primeira vez, fora do município, contra o Tabajara *Foot Baal Club*, de Getulio Vargas. Já no ano de 1939, realizou quatro amistosos com equipes de outras cidades e dois deles com destaque na imprensa. As partidas tendiam a ser de ida e de volta, ou seja, uma em cada cidade. As excursões futebolísticas, na maior parte das vezes, utilizavam o transporte ferroviário, no eixo que envolvia as cidades de Erechim, Getulio Vargas, Passo Fundo e Carazinho.

Estes certames eram aguardados pela população, pois se tornaram grandes eventos, que mobilizavam os clubes envolvidos, chamando a atenção da comunidade local para a

realização destes acontecimentos. Na maioria dos encontros havia, além do jogo, uma confraternização entre os clubes e as autoridades da cidade, com almoços ou jantares, nos quais a equipe visitante era recebida com muita pompa. Na inauguração de um campo ou de sedes sócio-esportivas, era costume convidar algum time de renome para a festa, time que era escolhido como paraninfo do clube anfitrião. Foi isso que se passou com a ida do Atlântico F.B.C. para a cidade de Carazinho, onde serviu de paraninfo e participou da festa de inauguração do campo de futebol do Glória F.B.C., evento que foi noticiado no jornal A Nação de Porto Alegre.

O dia 17 de março é um dia memorável para o aguerrido futebol “Glória”. Pois neste belo dia, cheio de alegria de sol, foi inaugurado o novo campo de futebol do Glória. [...]

O tri-campeão da cidade natal, o Futebol Clube Atlântico de José Bonifácio (Boa Vista) aceitou gentilmente o convite para paraninfar a inauguração do Glória, desincumbindo-se desta sua missão com a costumada galhardia e cavalheirismo já de todos conhecidos (A NAÇÃO, 24 mar. 1939).

Percebe-se que o nome José Bonifácio é ainda estranho às pessoas, pois Boa Vista do Erechim era ainda conhecido de todos. Primeiro, a alteração do nome da cidade era recente, em abril de 1939 completaria um ano. Segundo, a direção da Estrada de Ferro não mudou o nome da estação, permanecendo Boa Vista do Erechim, o que causava muitos contratemplos para o comércio com a demora para o despacho das mercadorias. Por sua vez, os Correios e Telégrafos aumentavam ainda mais a confusão, as cartas para José Bonifácio iam para os outros municípios homônimos: um em Minas Gerais e outro na Bahia (TASSO, 1968, s/p). Além disso, na capa do jornal A Voz da Serra, onde aparece a identificação da cidade José Bonifácio, abaixo aparecia entre parênteses “Antiga Boa Vista do Erechim” e, nos anos subsequentes, além do nome da cidade, constava abaixo “Estação Boa Vista do Erechim”. Isso demonstra que a mudança de nome do município foi um processo lento que envolvia a assimilação gradativa por parte da própria população.

A outra partida amistosa amplamente divulgada tanto pelo jornal local A Voz da Serra do dia 29/05/1938 como pelo jornal Diário da Manhã, de Passo Fundo, do dia 30/05/1939, foi o jogo do Atlântico F.B.C x Grêmio Esportivo 3º Regimento de Cavalaria, que aconteceu no dia 28 de maio de 1939. Pela primeira vez na sua trajetória, o Atlântico se deslocou até a vizinha cidade de Passo Fundo, para enfrentar, num amistoso, o clube que era considerado, na

época, como a mais categorizada equipe de futebol da região serrana. Em função da importância do adversário, a viagem foi organizada com grande mérito. Dias antes, a direção do Atlântico enviou fonogramas para várias entidades de Passo Fundo: Presidente do Cruzeiro, Prefeito Cel. Arthur Ferreira, delegado de Polícia, jornal Diário da Manhã, *Sport Club* Gaúcho, Comandante do 3º Regimento da Brigada Militar e Comandante do 8º Regimento de Infantaria do Exército, comunicando sua ida com uma comitiva de, aproximadamente, 200 pessoas. A viagem foi feita de trem, em vagão especial. No retorno, muita alegria e festa pela vitória do clube por 2 x 1 gols, que foi comemorada, também, na estação ferroviária onde havia uma multidão que aguardava para recepcionar os atletas. Era a primeira vitória de um clube de Erechim na cidade de Passo Fundo. Nesse mesmo ano, o Atlântico F.B.C. conquistou o tri-campeonato da Liga Erechinense de Futebol, quando derrotou o E.C. 14 de Julho.

Além das disputas esportivas, o clube integra outras atividades de relevância no período como, por exemplo, a participação nos desfiles comemorativos ao dia da Pátria. Vale lembrar que a participação das entidades associativas no desfile no Dia da Independência tinha como objetivo expressar o sentimento de nacionalismo dos brasileiros e era incentivado pelo Presidente Getúlio Vargas com a implantação do Estado Novo. O Estado passou a ver a cultura estrangeira como uma ameaça a sua soberania e ao seu projeto nacional e as associações recreativas e esportivas passam a sofrer ação do Estado para um fortalecimento dos ideais nacionais. Neste período, o desfile de Sete de Setembro era um importante símbolo voltado para a construção da identificação nacional e, dentro deste, o esporte tinha certa relevância. Podemos verificar a importância dada pelo C.E.R. Atlântico em participar do desfile nesta convocação divulgada no dia 1º de setembro de 1939, pelo jornal A Voz da Serra.

Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico
Convocação

De ordem do Sr. Presidente, convoca todos os sócios desta sociedade para em nossa sede social, no próximo dia 7 de Setembro, às 8 horas incorporados dirigirem-se para o Campo de Esportes do 14 de Julho, para a grande parada do Dia da Pátria.

Pede mais, para maior brilho das comemorações, e atendendo as instruções emanadas pela Comissão das Comemorações do dia 7, que as Senhoras e Srtas, da Sociedade, tomem parte ativa na parada juntando-se como lhes será determinado às demais Senhoras e Senhoritas de outras Sociedades.

José Bonifácio 28 de Agosto de 1939

JULIO BERTO – 1º Secretário (A VOZ DA SERRA, 1939, capa)

Da mesma forma ocorre com o Atlântico F.B.C. que também se faz presente no desfile de Sete de Setembro, bem como participa de um torneio em comemoração a esta data promovido pela Comissão Central pró-festejos da Semana da Pátria. Ainda que nesse dia o clássico Atlanga não tenha terminado, já que o jogo, que se encontrava no segundo tempo, foi interrompido quando o juiz agride o atleta verde-rubro⁴⁸ Capitãozinho (Horaci de Oliveira), originando uma confusão com invasão de campo e culminando com a prisão do atleta, do presidente do clube, Aldo Arioli, e Domingos Caldart (atleta). Em sinal de protesto, o Atlântico F.B.C. se retirou de campo. Isso denota que as relações de gentileza e amistosas que havia entre os dois clubes não são mais as mesmas e começam a despontar os entchoques movidos pelos interesses diversos, o que causava certa rivalidade. O desentendimento serviu para exasperar a competitividade que se estabelecia, a fim de ver quem iria se constituir como referência do futebol na cidade.

O ano terminou com uma grande mobilização por parte dos associados do Atlântico para adquirir uma área própria para o futebol. Essa movimentação culminou com a compra de terrenos situados, na época, na Rua Rio Grande do Norte (atualmente Jerônimo Teixeira), onde o clube se situa até os dias de hoje. No dia de 27 de fevereiro de 1940, o diretor do Atlântico F.B.C. encaminha um requerimento ao Sr. Jerônimo Teixeira de Oliveira, Intendente Municipal, solicitando a compra desta área que, como é possível identificar, aconteceu com êxito. Até então, os jogos realizados pelo Atlântico F.C.B. eram nos campos do Ypiranga F.B.C. ou do S. C. 14 de Julho.

Com determinação e entusiasmo, os dirigentes, atletas e colaboradores do clube conseguiram, em um curto período de tempo, nivelar o terreno, plantar a grama e construir o cercamento com tábuas, constituindo, então, o sonhado campo de futebol do Atlântico F.B.C. Ao entrar em campo para sua inauguração, o Atlântico completaria sua 50ª partida, contra o S. C. Gaúcho de Passo Fundo, no dia 31 de março de 1940.

A visibilidade adquirida pelo time de futebol e uma série de ações desenvolvidas pelo Atlântico F.B.C. e pelo C.E.R. Atlântico⁴⁹ apontavam para a fusão dessas entidades, o que efetivamente aconteceu. Fundiram-se no dia 26 de maio de 1940, passando a se chamar de Clube Esportivo e Recreativo Atlântico. Apesar de constar nos documentos oficiais do

⁴⁸ Como era também chamada a equipe do C.E.R. Atlântico.

⁴⁹ Nesta época chamava-se de Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico.

cartório, quando da fusão, o nome de *Sport Clube Atlântico*, esta entidade nunca existiu e atribui-se o engano à distração de algum escriturário.

Esta mudança não estava sendo cogitada pelas duas associações, como podemos contatar na notícia publicada, em 22 dez. 1939 no *A Voz da Serra*.

Sociedade Recreativa e Beneficente “ATLÂNTICO”

Esta apreciada sociedade local, realizou domingo próximo passado, 17 do andante, a sua Assembléia Geral Ordinária, tendo escolhido os membros eletivos da sua nova Diretoria, que deverá nortear os destinos da mesma, no ano social de 1940.

Sendo eleito como Presidente Domingos Donida Filho. [...]

Relativamente a ratificação da denominação social desta entidade, foi atada pela atual, por 115 votos contra 6 e um branco.

Depois de terminados os trabalhos dessa sessão, foram os presentes obsequiados com um excelente churrasco fartamente regado a bebidas.

Tudo transcorreu na maior harmonia e cordialidade, confirmado dessarte, o ambiente de inalterável paz e amizade que existe no seio desta prospera agremiação que também dignifica a sociedade desta cidade (*A VOZ DA SERRA*, 1939, capa).

A fusão entre as duas entidades não parece ter sido longamente discutida entre seus associados. Em dezembro de 1939, o C.E.R. Atlântico elegeu novo presidente e, em janeiro de 1940, o mesmo aconteceu com o Atlântico F.B.C. que, em uma assembléia geral, elegeu a diretoria que regeria os destino do clube no corrente ano, sendo eleito como presidente Armando Reichmann.

Esta fusão não foi aceita de forma homogênea pelos associados das duas entidades. Muitos se retiraram da nova sociedade e, em contrapartida, muitos outros se associaram, permitindo, assim, seu crescimento, tanto na área social como na esportiva. Uma nova diretoria foi eleita, assumindo como presidente o Sr. Domingos Donida Filho, que delegou ao vice-presidente, Armando Reichmann, a direção do departamento esportivo do Clube.

As vantagens da fusão atingiram os dois clubes. Se a sede do C.E.R. Atlântico foi importante para o time do Atlântico F.B.C., onde festejava suas vitórias e acontecia o convívio social com a família e o encontro dos amigos, foi o futebol que deu um novo impulso ao C.E.R. Atlântico. José Viero, em depoimento à Calliari (s/d, p. 72) , afirma que “o futebol salvou a Societá”. Quero lembrar que José Viero foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Atlântico F.B.C e mais tarde assumiu a presidência do C.E.R. Atlântico.

Neste ano de 1940, foi adotada pelos clubes da cidade uma nova estratégia de marketing para divulgação dos jogos, que incluía a criação de panfletos e cartazes impressos, que eram distribuídos para a população e afixados em locais de grande circulação de pessoas.

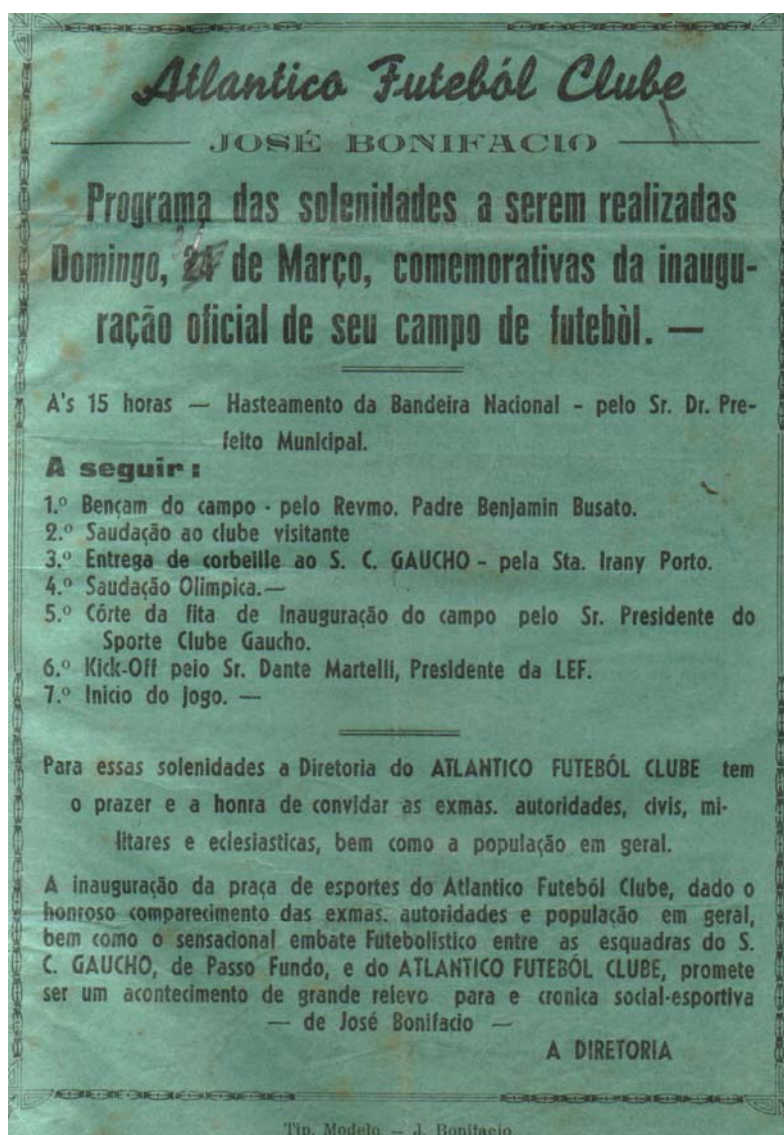


Figura 7: Cartaz para divulgação da programação de um evento esportivo importante.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.



Figura 8: Cartaz para divulgação do clássico Atlântico.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Neste mesmo ano, o clube sagrou-se tetra-campeão da cidade de Erechim, com todos os jogadores da sociedade local e, na grande maioria, filhos de associados da antiga Sociedade Italiana⁵⁰. Desde a fundação, esta foi a temporada que o C.E.R. Atlântico realizou o maior número de jogos, como também o maior número de amistosos intermunicipais, conforme pode ser observado no quadro 1:

⁵⁰ A equipe do Atlântico era amadora e a comissão técnica ficou por muitos anos com Odorico Massignan e Horaci de Oliveira (Capitãozinho), que se revezavam na função.

Nº. de jogos	Data	Clube	Resultados	Clube	Tipo de Jogo
1	31/03	Atlântico F.B.C.	2 x 3	<i>Sport Club</i> Gaúcho	Amistoso
2	07/04	Atlântico F.B.C.	0 x 0	S.C. Barrense	Torneio Início
3	07/04	Atlântico F.B.C.	0 x 0	Ypiranga F.B.C.	Torneio Início
4	07/04	Atlântico F.B.C.	0 x 0	S.C. 14 de Julho	Torneio Início
5	07/04	Atlântico F.B.C.	1 x 0	S.C. Capoeense	Torneio Início
6	21/04	Atlântico F.B.C.	3 x 5	S.C. Barrense	Campeonato Municipal
7	05/05	Atlântico F.B.C.	1 x 0	Ypiranga F.B.C.	Campeonato Municipal
8	19/05	Atlântico F.B.C.	2 x 0	S.C. 14 de Julho	Campeonato Municipal
9	26/05	C.E.R. Atlântico	3 x 3	S.C. 14 de Julho	Amistoso
10	02/06	C.E.R. Atlântico.	11 x 1	S.C. Capoeense	Campeonato Municipal
11	09/06	C.E.R. Atlântico	3 x 2	Grêmio 14 de Julho	Amistoso
12	07/07	S.C. Gaúcho	4 x 3	C.E.R. Atlântico.	Amistoso
13	28/07	C.E.R. Atlântico	0 x 0	Ypiranga F.B.C.	Torn. Dia do Desporto
14	28/07	C.E.R. Atlântico	0 x 0	S.C. 14 de Julho	Torn. Dia do Desporto
15	28/07	C.E.R. Atlântico	5 x 0	S.C. Capoeense	Torn. Dia do Desporto
16	07/08	C.E.R. Atlântico	7 x 2	S.C. Barrense	Campeonato Municipal
17	11/08	C.E.R. Atlântico	9 x 3	Glória F.B.C.	Amistoso
18	25/08	C.E.R. Atlântico	4 x 2	S.C. 14 de Julho	Campeonato Municipal
19	01/09	C.E.R. Atlântico	3 x 3	Riograndense F.B.C.	Amistoso
20	10/12	S.C. Barrense	0 x 4	C.E.R. Atlântico	Campeonato Municipal
21	06/10	C.E.R. Atlântico	1 x 0	S.C. 14 de Julho	Torneio Encerramento
22	13/10	Grêmio 14 de Julho	3 x 3	C.E.R. Atlântico	Amistoso
23	03/11	C.E.R. Atlântico	5 x 1	Escola do Comércio	Amistoso
24	17/11	C.E.R. Atlântico	4 x 1	Grêmio 14 de Julho	Amistoso

Quadro 1: Jogos da temporada de 1940

Obs: S.C. Gaúcho e Grêmio Esportivo de 14 de Julho são de Passo Fundo. Glória F.B.C. e Escola do Comércio são de Carazinho.

Nas dependências do estádio do clube, algumas melhorias precisavam ainda ser feitas. Com o campo cercado, faltavam as arquibancadas para a sua conclusão e esta foi a meta da direção do C.E.R. Atlântico para o ano de 1941. Em poucos meses, estava pronto o majestoso pavilhão construído em madeira. Para esta grande obra, foi programada uma festa de comemoração. Foi convidado, para sua inauguração, o campeão estadual, conhecido como Rolo Compressor, o *Sport Club* Internacional, time da capital do Estado.



Figura 9: Convites divulgados pelo jornal “A VOZ DA SERRA” e o cartaz de divulgação do jogo contra o Internacional de Porto Alegre.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Foi amplamente divulgada a programação desta festividade. O time do Inter chegou a Erechim⁵¹ no sábado, dia 12 de abril, sendo recepcionado com uma carreata. O domingo, dia 13 de abril de 1941, data da inauguração do pavilhão, amanheceu com uma forte chuva que se prolongou por todo o dia. Às 15 horas, deu-se o início da solenidade de inauguração. O corte da fita foi realizado pelo paraninfo, Sr. Milton Soares, Presidente do Internacional, descerrando uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “Em 13/04/41, sendo presidente do C.E.R. Atlântico o Sr. Domingos Donida Filho, foi inaugurado este estádio, tendo como paraninfo o S. C. Internacional, campeão Estadual, sob a presidência de Milton H. Soares”.

⁵¹ Nesta época chamava-se José Bonifácio.



Figura 10: Vista do pavilhão inaugurado em 13 de abril de 1941.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.



Figura 11: Placa de inauguração do Estádio do C.E.R. Atlântico.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Apesar da chuva, uma grande assistência compareceu ao novo estádio da baixada rubra (como era conhecido o estádio do C.E.R. Atlântico) para ver desfilarem os craques do Rolo Compressor, entre eles Osmar Fortes Barcelos, conhecido, pelos torcedores e locutores esportivos, como Tesourinha. O jogo teve seu início às 16 horas e terminou com o Atlântico sendo derrotado pelo placar de 3 x 11. O Rolo Compressor ratificou sua fama, ao mesmo tempo que o C.E.R. Atlântico realizou um grande evento em seu quarto ano de existência futebolística, chamando a atenção da cidade.

Neste ano de 1941, o C.E.R. Atlântico contrata, pela primeira vez, um jogador a ser pago, Laureano Estivaletti, goleiro argentino que atuava na fronteira e que esteve inicialmente fazendo testes no S.C. Internacional. Inicia-se, assim, o processo de profissionalização no C.E.R. Atlântico. No ano seguinte, mais atletas são contratados. Plácido Dal Zot⁵², por

⁵² Sócio do clube que mais tarde, em 1946, se tornaria presidente do clube.

iniciativa própria, propiciou várias contratações de jogadores para trabalhar na sua empresa e jogar para o verde-rubro⁵³. Dentre eles, Hermínio Carpegiani (Borges), procedente de Caxias do Sul. Esta forma de contratação é apontada por alguns estudiosos do futebol como “amadorismo marrom⁵⁴ mesclado com profissionalismo”. Segundo Rigo (2004, p. 136), este era um processo no qual “os proprietários de fábrica ajudavam a pagar os jogadores para atuarem em uma certa equipe, como através das propostas de emprego para os jogadores”. Estes procedimentos eram comuns antes da oficialização do profissionalismo. No Brasil, a profissionalização de jogadores foi adotada em 1933, em uma reunião histórica ocorrida no Rio de Janeiro entre paulistas e cariocas. Mas, como as decisões legais não têm efeito imediato e similar em todo o território nacional, em Erechim o “amadorismo marrom mesclado com profissionalismo” perdurou por muitos anos. Para Rigo (2004, p. 139), “a profissionalização concretiza-se não tanto por decretos legais, mas mais a partir dos embates locais que aconteceram vinculados às contingências próprias das diferentes realidades socioculturais”. O profissionalismo, dentro do clube, não tem uma época exata de implantação. Isso deve ter ocorrido após 1955 e, provavelmente, num processo gradual, pois, neste ano, ainda há registro de atletas vinculados a empresas.

No ano de 1942, o C.E.R. Atlântico retoma o título municipal perdido no ano anterior. Diante disso, a equipe verde-rubra foi convidada pela Federação Rio-Grandense de Futebol⁵⁵ para defender o título da Região Serrana, no início do ano de 1943. Pela primeira vez na história da cidade, um clube defendia tal título. O primeiro adversário é o Veterano de Carazinho, no dia 03 de janeiro de 1943, no estádio do Atlântico, que, com uma vitória fácil, 4 x 0, credencia-se para a final. A final foi realizada no dia 10 de janeiro, contra o Riograndense, de Cruz Alta, no estádio da baixada rubra. Com elevado placar de 5 x 2, o C.E.R. Atlântico conquista o título de Campeão da Região da Serra, ganhando o direito de disputar o Campeonato Estadual de Amadores, em Porto Alegre, juntamente com o Esportivo de Bento Gonçalves (campeão colonial), o Cachoeira (campeão da fronteira) e o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense.

⁵³ Como era também conhecida a equipe do C.E.R. Atlântico.

⁵⁴ Amadorismo marrom, o jogador recebia ajuda de custo, como moradia e alimentação.

⁵⁵ Fundada em 1918 e que mais tarde passou a se chamar Federação Gaúcha de Futebol (FGF). O campeonato de 1918 acabou não sendo disputado. Em 1919, é organizado o primeiro campeonato. O estado foi dividido em regiões. Os campeões citadinos disputam os regionais. Os campeões regionais disputavam o campeonato gaúcho. A fórmula permaneceu praticamente a mesma até 1961. Disponível em <http://paginas.terra.br.com/esporte/rsssfbrasil/tables/rscamp.htm>. Acesso em: 20 set. 2007.

Quando o Internacional soube da notícia, colocou todo seu complexo esportivo à disposição do C.E.R. Atlântico, bem como o técnico, o massagista e tudo o mais que fosse necessário, por ocasião da estada em Porto Alegre. Por suas ligações de coração, pois era o seu padrinho, o Internacional não esqueceu as gentilezas e a boa acolhida de que foi alvo quando esteve na cidade de Erechim.

A delegação seguiu de trem no dia 13 de janeiro de 1943, e, em Cruz Alta, foi surpreendida pela imprensa e por desportistas daquela cidade que lhe desejaram sucesso nas finais. O primeiro jogo foi contra o Esportivo de Bento Gonçalves, realizado no dia 14 de janeiro, no campo do Cruzeiro de Porto Alegre, sob refletores, que era uma novidade para os atletas que nunca tinham experimentado jogar sob a artificialidade das luzes. Neste dia, perdeu o jogo e também a chance de seguir adiante na competição.

Neste ano, houve uma novidade: em 02 de abril de 1943, o jornal A Voz da Serra noticia que o C.E.R. Atlântico cria um departamento de Educação Física, sob a direção de Arno Pini, que já trabalhava como preparador físico da equipe verde-rubra, para ministrar gratuitamente aulas de educação física para os associados. No dia 19 de abril, o clube divulga uma nota no mesmo jornal, onde estipula dias, horários e locais diferentes para homens e para mulheres. Além disso, justifica a importância desta medida tomada pelo clube.

Creemos que a instalação do referido departamento foi feita em época bastante oportuna, pois a situação anormal que o Brasil atravessa exige que seus filhos preparem-se fisicamente e moralmente para o futuro.

A Pátria precisa de homens forte e sadio. A ginástica fortalece e dá saúde, devendo pois ser praticada com entusiasmo por todos que desejam a grandeza da Nação.

Homens e mulheres que passam horas a fio entre quatro paredes, debruçados á escrivaninha ou á maquina de costura, pódem e dévem, através do exercício físico recuperar as energias perdidas.

É com máxima satisfação que oferecemos aos associados deste clube e a suas exmas famílias, a oportunidade de praticarem a ginástica, ocupando poucas horas da semana.

[...] Contamos com interesse valioso de nossos associados na iniciativa que tomámos, certo de que éla trará benefícios incalculáveis a todos (AVOZ DA SERRA, 1943, contra capa).

Com as mudanças ocorridas no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, trens, automóveis e aviões passam a fazer parte das paisagens. Estas e outras inovações técnicas advindas do processo de industrialização tornaram a velocidade e o ganhar tempo

fundamentais na vida dos seres humanos. Junto a isso veio o conforto, que, para Mendes (2004, p. 89), “contribuiu para que, aos poucos, o movimento fosse transformando-se numa experiência passiva”. Ou seja, conduzindo o ser humano a sair da posição de pé para ficar sentado. Ao mesmo tempo, as práticas corporais com sustentações científicas ganham visibilidade na opinião pública, objetivando um corpo individual controlado com um maior rendimento.

Vale lembrar que nesta época o Brasil junta-se aos Aliados na 2ª Grande Guerra Mundial. O discurso da nota estimula a população a se preparar, caso o país viesse a participar da guerra (o que veio a acontecer em meados de 1944) e/ou de uma invasão dos alemães em terras brasileiras. Além disso, este discurso está alinhavado a uma propaganda muito forte dos benefícios das atividades físicas, evidenciado pela Revista Educação Physica (n. 30, 1939, p.5 apud GÓIS JUNIOR e LOVISOLO, 2003, p.47) ao afirmar que “só são realmente fortes os países de população forte e, para que se robusteçam os naturais de um Estado, é imprescindível a cultura física”, e em outra passagem, que defendia que “a educação physica é um meio eficaz de propagar a hygiene e alcançar a saúde” (REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 19, 1938, p. 9 apud GÓIS JUNIOR e LOVISOLO, 2003, p. 47). Está também implícito neste discurso do clube um sentimento de nacionalidade, quando diz: “A Pátria precisa de homens fortes e sadios [...] por todos que desejam a grandeza da Nação”. Mesmo assim, o clube não escapou de ser acusado de “quinta coluna”. Conforme divulgação no jornal A Voz da Serra de 15 de outubro de 1943, Ricieri Zanin teria qualificado de “Clube Quinta Coluna” e acrescentado “[...] que não tinha significação o fato do **C.E.R. ATLÂNTICO** participar oficialmente de festividades patrióticas ou organizar e patrocinar empreendimentos cívicos, pois, que tudo não passava de um “bluff” sómente para “tapear” (A VOZ DA SERRA, 1943, contra capa).

Este fato teria acontecido no dia 23 de agosto, no recinto do Clube do Comércio desta cidade. Diante dessa referência insultuosa à sociedade, o presidente Palmiro D. Tosetto, em nome do C.E.R. Atlântico, entra com uma interpelação judicial, que é acatada pela justiça. O Juiz de Direito convoca ambas partes e seus advogados para uma audiência. Após explicação do depoente Ricieri Zanin, que negou tais imputações, a Diretoria resolveu aceitar e dar o assunto por encerrado.

Nos anos que seguem, o Atlântico recebe convite para realizar partida fora do estado, tanto em Santa Catarina como no Paraná. Como o clube começa a passar por problemas

financeiros, no final da década de 1940 e início da década de 1950, estes jogos são verdadeiros “caça níqueis”. A dificuldade financeira, neste primeiro momento, está relacionada à construção da sede social do clube, que a conclui no ano de 1951, e com o custo para manter o departamento de futebol. Além disso, arbitragem não mais era local, por exigência da Federação Rio-Grandense de Futebol. Cobrava-se dos árbitros maior competência e qualidade, aumentando o custo, já que vinham de Porto Alegre. A fase romântica do futebol passou rapidamente da agonia para a morte, obrigando o clube a investimentos maiores para poder continuar competindo.

A dificuldade financeira não foi momentânea, perdurou enquanto o clube manteve o futebol. Em decorrência disso, várias vezes foi levantada a possibilidade de fechar o departamento de futebol. Para superar o déficit, a cada ano foram criadas estratégias para tentar superar a crise, tais como rifas, contribuições mensais⁵⁶, novos associados, sorteio de uma casa, jogos amistosos. Eram ações paliativas que solucionavam o problema temporariamente.

A partir do ano de 1952, a Federação Rio-Grandense de Futebol qualifica os dois clubes de Erechim, o C.E.R. Atlântico e o Ypiranga F.B.C., como profissionais da segunda divisão. Por este motivo, o verde-rubro afasta-se, temporariamente, da competição cidadina. Entre as dificuldades financeiras e o esforço para manter o futebol, o C.E.R Atlântico encerra esta década com a criação de seu hino, com a música composta por Osvaldo Engel e letra de Dorival Cunha Antunes:

Avante, vamos para a luta
Salve o nosso pavilhão
Na vitória ou na derrota
Honremos nossa tradição

Atlântico, tu és poderoso
Conquistando vitórias com ardor
Teu símbolo é belo e grandioso
Inspiras confiança e amor

⁵⁶ Como havia os sócios remidos que pagavam uma jóia muito alta e eram liberados de pagar mensalidades. Eram convidados a contribuir mensalmente para a manutenção do futebol.

Plácido Dal Zot, que já havia assumido a presidência em 1946, elege-se para assumir a direção do clube nos anos de 1954 e 1955. Dal Zot, como vimos anteriormente, contratava jogadores para trabalhar na sua empresa e jogar para o C.E.R. Atlântico. Era uma pessoa comprometida com o clube. Além do futebol, desejava implantar mais práticas desportivas no clube, ou seja, criar um complexo esportivo. Se não atingiu tal intento, pode-se afirmar que, considerando as condições do clube, conseguiu construir novas canchas de bochas e de bolão e, ao ar livre, uma quadra para voleibol e basquete, que eram praticados inclusive por mulheres (CALLIARI s/d, p. 153).



Figura 12: O primeiro pavilhão e mais a esquerda identifica-se uma tabela de basquete.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Com relação à bocha, é importante registrar que, desde a inauguração das primeiras canchas, em 1934, foi o esporte que o clube sempre propiciou para seus associados. Em 1964, novas canchas de bochas foram construídas e o primeiro pavilhão a ser construído no atual Complexo Esportivo foi exatamente o das canchas de bochas. Percebe-se, então, que, a cada nova construção, o intuito era melhorar a qualidade, tanto do espaço onde era praticado o esporte, quanto da prática da bocha.



Figura 13: Equipe de bocha da década 1960.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Findando o ano de 1954, o C.E.R. Atlântico conquista o título Regional Zona Norte da Segunda Divisão de Profissionais do Campeonato Gaúcho. Representando a região, no início de 1955, vai a Porto Alegre disputar a fase final com os demais representantes de outras regiões: Estrela Futebol Clube (Estrela), Clube Esportivo Bento Gonçalves, *Sport Club Guarany* (Cruz Alta) e Flamengo (Alegrete). No entanto, uma série de dificuldades foi se interpondo ao C.E.R. Atlântico na disputa da fase final deste campeonato. Além do déficit financeiro que o clube estava passando, teve de permanecer vinte dias na capital gaúcha, fato que foi oneroso, pois somava despesas com hospedagem, alimentação e transporte. Segundo Calliari (s/d, p. 157), “o clube vinha de pesado ônus para manter uma das mais caras equipes, como também dificuldade de obter dispensa do trabalho para vários de seus atletas”. É diante destas dificuldades que o C.E.R. Atlântico decide o título com o S. C. Guarany, no dia 18 de fevereiro de 1955, quando foi derrotado na prorrogação.

Percebe-se que o clube ainda não se profissionalizou totalmente, pois ainda utiliza o “amadorismo marrom mesclado com profissionalismo”. Para Rigo (2004, p. 140), “o que contribuiu para o profissionalismo firmar-se [...] no Estado foi a diminuição do isolamento regional e a alteração no tipo de disputas: elas deixaram de ser regionais para, cada vez mais, tornarem-se estaduais”.



Figura 14: Equipe Vice Campeã da Segunda Divisão Profissional do Campeonato Gaúcho. De pé, da esquerda para a direita: Wilson, Bainha, Noronha, Borges, Sebastião, João Ribeiro. Agachados: Fossati (Alberto Astrogildo), Leié, Quinzinho, Afonsinho, Piaveta II (Funcho).

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico

Em 1960, o clube volta a discutir sobre a sua permanência no universo do futebol, devido às dificuldades financeiras que atravessa. Estas dificuldades afetavam o Departamento de Futebol, bem como a parte social do clube, ocasionando limitações para o seu sustento, além de atrasar o pagamento de jogadores e de funcionários. Uma das soluções momentâneas foi desfazer-se do patrimônio para mantê-lo. E a outra, defendida pelo então presidente Eddy Mattevi, indicava a extinção da equipe de futebol. Porém, a posição da maioria dos diretores era de manter o futebol, aumentando os recursos financeiros para o Departamento de Futebol. Decorrente disso, no dia 07 de abril de 1960, o presidente encaminhou o pedido de demissão.

Nova eleição é realizada e foi eleito presidente o senhor Alexandre Mattevi, favorável a manter o futebol em atividade, prometendo, inclusive, fazer novas contratações. Com isso, é criado o Departamento Esportivo, com uma diretoria desportiva com presidente, secretário e tesoureiro, sem autonomia financeira, sendo dependente da aprovação pela Diretoria Executiva do clube para todas despesas necessárias.

Apesar de todos estes entraves que o clube estava passando, entre os anos de 1958 e 1962, o C.E.R. Atlântico manteve a hegemonia no Campeonato Estadual Regional Zona Norte da Segunda Divisão de Profissionais. Com a conquista do título de pentacampeão

regional em 1962, vai em busca novamente do título estadual, sob o comando técnico de Fábio Koff, mas pela quarta vez fica com o vice-campeonato.

Em 06 de julho de 1963, iniciam as obras de construção do novo pavilhão do estádio, que não foi totalmente concluído. A iluminação foi implantada e inaugurada apenas na noite de 28 de março de 1967, em um jogo contra o Gaúcho de Passo Fundo. Neste ano, o seu rival Ypiranga F.B.C. conquista a vaga para disputar a Divisão Especial do Campeonato Gaúcho.

O C.E.R. Atlântico somente começa a sua participação na Divisão Especial do Campeonato Gaúcho em 1971. Mas, diante das dificuldades do ano anterior, em março de 1972, de comum acordo, Atlântico e Ypiranga, publicam uma nota oficial à imprensa sobre o licenciamento de ambos da Federação Gaúcha de Futebol (F.G.F.), alegando impossibilidade de participar do Campeonato Gaúcho pelo alto custo das equipes e pela falta de apoio dos associados (CALLIARI, s/d, p. 206). Prenuncia-se uma possível fusão entre as duas agremiações. Mas o Ypiranga troca de presidente e rompe o protocolo assinado, inscrevendo sua equipe para disputar o Campeonato Gaúcho. Diante disso, o presidente do C.E.R. Atlântico, Eolo Arioli, delibera que não tomará parte em novas tentativas de fusão.

Em 1976, o C.E.R. Atlântico se classifica para disputar a Divisão Especial do Campeonato Gaúcho, em que tomam parte os grandes clubes da Capital do Estado. Por exigência da Federação Gaúcha de Futebol, foram necessárias algumas melhorias no estádio, sendo providenciadas cabines de rádio e melhores vestiários. O primeiro adversário foi o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense, que supera o C.E.R. Atlântico pelo placar de 0 x 1, jogo que foi realizado no estádio do Ypiranga, o Colosso da Lagoa, para conseguir uma maior renda. Conclui sua participação em 5º lugar na classificação geral do Campeonato Gaúcho. Neste ano, o Atlântico participa da Copa Governador do Estado, uma espécie de torneio de consolação para ocupar o restante do tempo, enquanto os finalistas terminam o Campeonato Gaúcho.



Figura 15: A equipe do C.E.R. Atlântico que encerrou o ciclo do futebol profissional em 1976. De pé, da esquerda para a direita: Félix, Verno, Décio, Vergílio, Carlos Alberto e Sidnei. Agachados: Valdir, Laerte, Fernando Rabello, Darcy Maravilha e Odir.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

No dia 15 de novembro de 1976, é realizado o último clássico entre as duas equipes de Erechim, o Atlanga, amistoso vencido pelo Atlântico por 3 x 1. Segundo Calliari:

Ou se acaba com o futebol ou o futebol acaba com o Clube. De tudo isto, o mais estranho foi a falsa impressão de crescimento do futebol, pois os clubes estavam no mais alto escalão do futebol gaúcho, com estádios de fazer inveja a outras entidades e mantendo equipes competentes até certo ponto. O ápice que buscavam parecia estar à sua frente, mas conforme subia desfaziavam-se os apoios, decretando a impossibilidade de voltar. E lá se foram os bons tempos de futebol em nossa cidade (CAGLIARI, s/d, p. 217).

No ano de 1977, Abelar Menegati é eleito presidente, porém só aceitou concorrer ao cargo de presidente com a condição inarredável de licenciar o clube da Federação Gaúcha de Futebol, o que foi aceito e apoiado pelos demais membros da diretoria, que finalmente perceberam a impossibilidade sonhar com uma utopia.

Após 40 anos, dissipa-se a chama que aqueceu a paixão, o motivo de tantas alegrias e tristezas para seus torcedores. Em todo tempo de atividades no futebol, o C.E.R. Atlântico granjeou fama em todo o Estado e mesmo fora dele. Muitos foram os convites para jogos em

estados vizinhos, em que o C.E.R. Atlântico figurava como atrativo. Foi pelo futebol que o clube cresceu e se tornou conhecido. Assim, conclui sua participação no futebol com uma bagagem de trinta títulos conquistados, entre campeonatos citadinos e regionais, e mais quatro vice-campeonatos da Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho.

Um fato inusitado, e ao mesmo tempo muito significativo, que se deu no clube, foi a implosão do não tão velho estádio, que por tantos anos acolheu as torcidas e foi testemunha de um período vitorioso. O jornal *A Voz da Serra* do dia 25 de maio de 1991, dia anterior à implosão, destaca uma página inteira a este tema e o jornalista José Adejar Ody, sob o título “Baixada rubra, adeus!”, expressa sua contrariedade ao fato.

[...] Prevalece a vontade e a responsabilidade de quem detém o poder de decisão e tudo, aponta pelo ato inapelável já previsto. Quem sabe, das cinzas da implosão do prédio condenado pela engenharia, o Atlântico se faça ainda mais forte, reencontrando a sua primeira e verdadeira identidade (*A VOZ DA SERRA*, 1991, p. 15).

Na sua última fala, quando o autor diz “reencontrando a sua primeira e verdadeira identidade”, ele se refere ao futebol que está associado ao antigo Atlântico F.B.C., que o introduziu no C.E.R. Atlântico, na esperança de que o clube retorne para o futebol. Ao final do texto, ele acrescenta a primeira estrofe do hino do C.E.R. Atlântico que ajuda a reforçar os seus sentimentos:

Atlântico, vamos para a luta
Salve o nosso Pavilhão
Na vitória e na derrota
Honremos a nossa tradição.
Atlântico, tu és poderoso...

Em outra passagem deste mesmo jornal, o presidente do clube nesta época, Mário Tormen, justifica as razões pela qual o clube tomou esta decisão, indicando que foi para concluir o projeto do complexo esportivo e de lazer. Este fato será interpretado como um possível retorno do clube ao futebol. Assim descreve:

[...] O definitivo propósito de ver concluído o projeto, no entanto, ainda reservou um espaço para que o presidente Mário Tormen fizesse uma rápida referencia aos verdadeiros vínculos do Atlântico. Ele garante que “a partir de uma estrutura sólida, não termos dificuldades que diretorias anteriores tiveram”, referindo-se a uma possível volta à prática do futebol de campo, o verdadeiro atestado de nascimento do Clube Atlântico (A VOZ DA SERRA, 1991, p. 15.).

Em outro título do jornal, “Pavilhão Social do Atlântico espera a hora de cair”, deste mesmo dia, uma nova contestação é feita:

[...] É muito provável que no domingo quando o velho e não menos belo pavilhão vira pó, atlantistas que passaram incontestáveis tardes de domingo sentados nas arquibancadas daquela construção, sintam uma dor como se estivessem perdendo um bem que lhes pertenceu algum dia. Uma dor que a “visão modernista introduzida no clube a partir dos anos 80, amparada numa pesquisa de resultado previsível, porquanto realizado apenas com associado”, poderá até admiti-la publicamente, porém, de difícil aferição quanto sua intensidade e fidelidade (A VOZ DA SERRA, 1991, p. 15).

A implosão do estádio transforma-se em notícia nacional, conforme narra Calliari (s/d, p. 238), ao afirmar que “vários repórteres do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre telefonaram para a sede solicitando maiores detalhes”. Foi um fato inédito no Brasil, não da implosão em si, mas a implosão de um estádio num país que venera o futebol. No 26 de maio de 1991, o velho estádio veio abaixo, as ruas estavam repletas de pessoas desde cedo, com uma assistência que talvez nunca tenha abrigado em seus melhores dias de jogos empolgantes.



Figura 16: Implosão do pavilhão social realizado no dia 26 de maio de 1991, em primeiro plano a piscina externa que já estava construída.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

Talvez motivados pela reportagem do jornal *A Voz da Serra*, a implosão foi acompanhada de protestos por alguns torcedores e saudosistas, que mostravam sua carteira de sócio, reclamando desta medida. O fato é que a estrutura do estádio estava completamente comprometida e já havia sido condenada por técnicos (engenheiros) após uma avaliação feita e documentada por inúmeras fotos.

Com a implosão do estádio, uma nova fase desponta no interior do clube. Esta ação encerra definitivamente o envolvimento do C.E.R. Atlântico com o futebol. A atividade de um clube de futebol exige uma renda plausível com patrocínio para que possa suprir os investimentos necessários para a sua manutenção e permita não envolver os associados e torcedores em pagar a conta, e essa não era mais a situação do C.E.R. Atlântico. Diante disso, o clube iniciou uma nova fase na sua história, através da construção de um parque esportivo e de lazer, redimensionando, assim, suas atividades para o oferecimento de escolinhas, contemplando várias modalidades esportivas. Natação, voleibol, tênis, futsal e basquetebol passaram a ser oferecidos aos associados, em forma de escolinhas pedagógicas, alterando, portanto, seu cotidiano.

3.4 O ESPORTE NO C.E.R. ATLÂNTICO: OUTRAS POSSIBILIDADES ATRAVÉS DAS ESCOLINHAS PEDAGÓGICAS

Em função do declínio do futebol dentro da estrutura da C.E.R. Atlântico, foi necessário pensar em alternativas para atrair e manter o grupo de associados. Iniciou-se, assim, a cogitar o oferecimento de outras opções sociais e de eventos, dentre eles o desenvolvimento de esportes amadores para aproveitar o estádio e a estrutura física do clube, que ainda comportava muitas obras e que estava ocioso.

A venda do terreno do Estádio também foi postulada, mas não vingou. Começou a amadurecer a idéia de transformar o estádio e sua área em um complexo esportivo e de lazer, reascendendo a aspiração do presidente do biênio de 1954 e 1955, Plácido Dal Zot, que já vislumbrava essa perspectiva naquela época. Num primeiro momento, essa idéia não era de consenso entre a diretoria do clube: havia alguns que ainda estavam inclinados em ressuscitar o futebol. Entretanto, as experiências negativas no passado com o futebol estavam vivas ainda na mente da direção, tais como as dificuldades financeiras, inclusive necessitando desfazer-se de seu patrimônio para sua manutenção e não ter tido condições econômicas para concluir totalmente o estádio, foram motivos suficientes para desestimulá-los em uma nova investida no futebol.

Entre debates, reuniões e, inclusive, uma pesquisa de opinião, em junho de 1984 foi feito o lançamento oficial do projeto para construção do complexo esportivo e de lazer, que foi apresentado aos associados, autoridades, imprensa e convidados especiais. O então presidente, Jacir Paliosa, detalhou, ilustrou e apresentou a maquete de como seria o novo C.E.R. Atlântico. As alterações que se fizeram neste momento, se por um lado podem estar relacionadas à mercadorização do esporte, por outro, foram uma estratégia de sobrevivência do clube. Esse processo, quase inevitável, de mercadorização do esporte não atingiu apenas o C.E.R. Atlântico, mas os clubes de uma forma geral. Segundo Bracht:

[...] significa a extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos. Normalmente se discute ou se entende que a mercadorização do esporte acontece apenas no plano do esporte-espetáculo [...]. Mas esse é apenas o lado mais evidente do processo; gostaria de chamar atenção para a mercadorização no âmbito da prática do esporte enquanto atividade de lazer, tomado este termo aqui no sentido sociológico (BRACHT, 2002, p. 196).

Nesta perspectiva, em ritmo acelerado, no dia 30 de março de 1985, foi inaugurado o novo pavilhão que abriga duas canchas de bochas. Conforme destacamos anteriormente, a bocha foi um esporte que, a partir de 1934, esteve sempre presente dentro do clube e está diretamente ligada a suas origens, ou seja, ao ítalo-brasileiro. Para Coertjens, Guazzelli e Wasserman (2004, p 152) representa “uma forma de preservação da identidade étnica nas sociedades esportivas”. Porém, a consolidação do jogo da bocha também está vinculado à simpatia pelas pessoas que não eram ítalo-brasileiras e que se associaram com a abertura do clube em 1937. Nesta perspectiva, o esporte vivido no interior do C.E.R. Atlântico, tanto opera no sentido da construção da identidade ítalo-brasileira, como na sua própria diversificação. Segundo Stigger:

[...] o esporte se evidencia de forma global, trazendo consigo uma lógica e características padronizadas que o distinguem de outras práticas sociais, que lhe conferem uma homogeneidade capaz de permitir a realização de trocas esportivas em escala mundial. Em contrapartida, tendo em vista a dificuldade de traçar contornos claros, também se vislumbra uma heterogeneidade na forma com que o esporte é apropriado em diferentes contextos e por diversos grupos culturais particulares, o que aponta para uma diversidade cultural nesse universo (STIGGER, 2005, p. 9).

A equipe de bocha do clube começa a ter destaque municipal em 1987, ao conquistar o tri-campeonato, nas duas categorias, ‘A’ e ‘B’. Esta hegemonia se mantém por mais dois anos. Neste mesmo ano, surge no cenário da bocha uma pioneira nesta modalidade, Marilei Fátima Martins, a primeira mulher gaúcha a ser convocada para a seleção brasileira da modalidade. Nesta época a bocha feminina começa a ganhar espaço dentro do clube.

A primeira conquista estadual do C.E.R. Atlântico acontece em 1989, ao sagrar-se campeão Estadual de Bocha. No ano de 1995, o departamento de bocha se mobiliza e contrata o atleta André Backes, de Santa Maria, considerado o melhor bochófilo sul-americano, que, juntamente com outros, compõe a equipe de 20 atletas. O jogo da bocha não se resumia só à equipe, eram realizados torneios inter-sócios, impulsionados pelos bons resultados da equipe, incentivando vários sócios a aderirem a esta modalidade, aumentando o número de praticantes. O jornal A Voz da Serra de 27 de junho de 1995 divulga este evento e destaca o crescimento deste esporte em toda a região do Alto Uruguai.

A bocha, em Erechim, está crescendo a cada ano com adeptos praticantes deste esporte em todos os locais deste município e da região do Alto Uruguai. O Clube Esportivo e Recreativo Atlântico é um dos maiores responsáveis pelo crescimento da bocha na cidade pois possui uma estrutura própria que proporciona a prática deste esporte através das duas canchas totalmente remodeladas dentro dos padrões internacionais com asfalto sintético.

O próximo evento que o departamento de bocha do Clube que está organizando é o Torneio Inter-Sócios masculino que deve envolver cerca de cem atletas⁵⁷, incluindo os componentes das equipes que têm participado de competições no Estado e até em outras cidades do país em competições nacionais.

Aquiles Poletto, do Departamento de Bocha, diz [...] o torneio [...], tem a finalidade específica de integrar todos os praticantes da bocha dentro do clube e motivar ainda mais o crescimento deste esporte. (A VOZ DA SERRA, 1995, p. 11).

Resultado de uma boa organização, o clube conquista o bicampeonato estadual de bocha na categoria ‘A’ neste ano, e o atleta André Beckes conquista o título Sul-Americano na modalidade de trios, defendendo a seleção brasileira de bochas, além de receber o prêmio de melhor jogador individual.

O ano de 1996 é pródigo em conquistas da bocha: o clube leva o título municipal da categoria ‘A’ e ‘B’ e de dupla mista e de campeão de trios no XI Torneio Internacional de Jaguari. Na categoria feminina, conquista o título municipal e, em nível estadual, na categoria de duplas, as atletas Ana Lúcia de Oliveira e Mari Poletto ficam em oitavo lugar. Além de organizar a IV Copa Duas Bandeiras no mês de julho, uma competição entre o Brasil e o Uruguai, em que é realizada uma etapa no Uruguai e outra no Brasil, cabe ao C.E.R. Atlântico representar o Brasil, ficando o título para os uruguaios. Em dezembro, realiza o Primeiro Mundialito de Bocha, juntamente com a Federação Riograndense de Bocha e a Confederação Brasileira de Bocha e Bolão, evento no qual participaram delegações da Argentina, do Paraguai, do Uruguai, da Itália, de San Marino, da Suíça e duas seleções brasileiras.

Nos anos seguintes, o C.E.R. Atlântico continua imbatível no campeonato municipal. Em julho de 1997, a equipe conquista o Campeonato Brasileiro de Clubes, realizado em Chapecó, Santa Catarina. Na chegada a Erechim, os atletas foram recepcionados com uma carreata, tendo à frente um carro do Corpo de Bombeiros que percorreu diversas ruas da cidade e, após, houve uma confraternização no Ginásio de Bochas do clube com a presença da imprensa, da direção e de convidados (A VOZ DA SERRA, 1997). De 5 a 9 de novembro, a atleta Ana Lúcia de Oliveira fez parte da equipe do Brasil no campeonato Sul Americano Feminino de Bochas, realizado em

⁵⁷ Conforme o jornal “A Voz da Serra” de 08/07/1995 o torneio inter-sócios reuniu 16 duplas.

Cachoeira do Sul. Destacou-se na competição, conquistando os títulos de vice-campeã Sul Americana de Seleções; campeã Sul Americana de Trios e vice-campeã Sul Americana de Duplas. Projeta, com isso, a bocha feminina de Erechim no cenário internacional.

Em 1998, os atletas André Backes e Ana Lúcia de Oliveira são condecorados pelo então governador, Antônio Brito, com a medalha Pedro Carneiro Pereira e o troféu João Havelange, resultado das conquistas do Campeonato Brasileiro de Duplas Mistas e do Campeonato Estadual Praiana de Duplas Mistas.

No ano de 1999, além de destacar-se no estado, o C.E.R. Atlântico, representando o Brasil, vence a Copa das Duas Bandeiras, em Montevideu (Uruguai) e conquista o título de Campeão Sul Americano de Clubes Campeões. Na bocha feminina, a atleta Ana Lúcia de Oliveira se destaca no estado, vencendo o Estadual Individual Feminino de bocha e recebe, em 2000, o troféu Pedro Carneiro Pereira das mãos do Governador do Estado, Olívio Dutra.

O declínio do futebol fez com que o clube buscasse uma nova âncora para substituí-lo. A estratégia utilizada pela direção do C.E.R. Atlântico foi a de construir uma piscina térmica para provocar um impacto, feito inédito na região, atraindo novos associados. A intenção dos discursos de apresentar a natação como o esporte mais adequado ao novo momento do clube tem um cunho mais elitista, se comparado a épocas passadas. Como o clube é dirigido por membros das elites com ações diretamente ligadas a seus interesses, é compreensível que o clube implementasse estratégias para unir forças, buscando diminuir os problemas encontrados e potencializar as conquistas necessárias, que era a construção do complexo esportivo e de lazer.

Ao findar o ano de 1985, o clube promove a entrega da piscina térmica e no ano seguinte contrata um profissional de Educação Física, o professor Nelson Pistorelo, responsável pela primeira escolinha esportiva do clube. Com o interesse dos pais e da direção, foi criada a equipe de natação, com fins de representar o clube em eventos na região e, em outubro de 1986, o C.E.R. Atlântico filia-se à Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos (FGDA)⁵⁸. Conforme Rubio:

Na sociedade contemporânea muitos são os fatores que levam crianças e jovens a optarem por uma modalidade esportiva. O desejo de ser campeão, a intenção de ser como alguém e nos tempos atuais de possuir os bens que um vencedor conseguiu

⁵⁸ Até 1995 era denominada de Federação Gaúcha de Natação.

somar são motivos que se encontram relacionados à escolha e permanência no esporte (RUBIO, 2001, s/p.).

Por um longo período de tempo, a natação permanece como o esporte que atraiu o maior número de associados, principalmente crianças e jovens, que se matricularam na escolinha. Esta procura pode ser relacionada, ainda, à crescente evolução da equipe de natação. De acordo com Goellner:

[...] pensar na própria promoção do espaço esportivo como um terreno de virtuosas visibilidades visto que em torno do esporte, em especial de alto rendimento, há a construção de representações que associam seus protagonistas a figuras heróicas que, mediante intenso esforço pessoal, conquistaram um lugar ao sol num mundo de adversidades. O esporte opera também, ao nível do imaginário individual e coletivo quando é representado como promessa de felicidade, ascensão social, *marketing* pessoal, domínio tecnológico, reconhecimento nacional e afirmação política de determinado país ou ideologia (GOELLNER, 2004, p. 25).

Os discursos que circulam no interior do clube, neste período, não se voltam apenas para promover o clube, o esporte e os alunos/atletas, mas, fundamentalmente, para alguns valores que sua prática pode criar e fortalecer, em especial aqueles voltados para a construção de uma vida mais humana e criadora. O esporte é narrado como um instrumento que aproxima as pessoas. Os vínculos com o ser humano são os realmente importantes, porque não basta construir espaços para as práticas corporais. Para isso, é necessário saber aproveitá-los.

No planejamento de 1990, identificou-se que no departamento de natação havia uma estrutura funcional para dar suporte tanto para a escolinha de natação como para a equipe, composta de um diretor, um secretário geral e um conselho executivo e fiscal, cargos que eram ocupados por pais, além de um técnico/professor da equipe e uma professora. Os objetivos do planejamento de 1990 foram assim traçados:

Escola de Natação:

- Divulgar e incentivar a maior participação dos associados para propiciar maior integração e uso do patrimônio a disposição, aumentando assim também, a seleção de novos integrantes da Equipe de Natação.

Equipe de Natação:

- Desenvolver qualitativamente e quantitativamente a Equipe de Natação.

- Participar de eventos competitivos Estaduais e Nacionais, buscando o maior desempenho possível.
- Incentivar a criação de uma competição Regional interestadual visando o desenvolvimento e estímulo da Natação Regional⁵⁹.

No objetivo formulado para a Escola de Natação⁶⁰, percebe-se a preocupação em aumentar a ocupação da piscina⁶¹ pelos associados, pois era pequena em relação a sua capacidade. Além disso, propõe que a inserção de novos alunos na escolinha tivesse como finalidade fortalecer a equipe de natação⁶², posição reforçada quando menciona “desenvolver quantitativamente”. O intento de “propiciar maior integração”, demonstra que, no entendimento do Departamento de Natação, o esporte é, tal como mostrou Bracht, “em praticamente todas as sociedades, uma das práticas sociais que reúne a unanimidade quanto à sua legitimidade social” (2005, p. 10). Esta posição é, também, a da Diretoria do clube, pois, ao apresentar suas diretrizes através de uma circular, datada a 09 de março 1994, determina que a finalidade primeira de cada Departamento Esportivo⁶³ seja a realização sistemática de eventos que congreguem os associados. E seja, ao mesmo tempo, estimulada “[...] a formação e educação técnica esportiva através das escolinhas, que promoverão atletas a fim de representar o clube em competições amadoras”. Mais adiante, reafirma que “é preciso ter claro a finalidade desportiva amadora do Clube”. Esta diretriz é adotada pelo clube até os dias de hoje, exceto na modalidade do futsal que, a partir de 2000, se torna profissional, conforme será relatado mais adiante.

Objetivando divulgar a participação da equipe de natação em competições e outros entretenimentos, o Departamento de Natação cria, em 1994, um jornal denominado “O Balal”. Na edição de março de 1995, a publicação esclarece aos pais dos alunos o trabalho desenvolvido na natação, desde a iniciação até o treinamento, visando à obtenção de bons resultados em eventos esportivos.

⁵⁹ Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico

⁶⁰ A Escola de Natação desenvolve atividade de iniciação tanto para crianças como adulto.

⁶¹ Dentro da estrutura do clube têm uma piscina térmica interna e uma externa que é ativada na temporada de verão.

⁶² Equipe de natação refere-se ao grupo de nadadores com fins de representar o clube em competições.

⁶³ Dentro do organograma do clube os Departamentos Esportivos estão assim distribuídos: basquetebol; bocha; futebol sete; futsal; ginástica/atletismo/musculação; natação; voleibol; sauna e tênis, cada um tendo seu diretor.

O treinamento de muitos anos

Quando recebemos uma criança junto ao grupo de trabalho do departamento de natação, esta criança passa a receber estímulos físicos considerados como muito fracos, com um único objetivo físico: dar um embasamento técnico para esta criança. À medida que esta criança toma o corpo de um adulto, para os meninos entre 18 e 20 anos e para as meninas entre 16 e 18 anos, o treino toma um padrão rigoroso, e nesta idade o atleta tem condições de decidir-se, tendo conhecimento de suas necessidades. Neste período é feito um treinamento muito forte com objetivos únicos de obtenção de resultado. Até esta fase o trabalho é feito de forma progressiva com metas diferenciadas a cada ano, de acordo com a idade biológica.

Os primeiros anos de treinamentos não visam obtenção de resultados, fato que muitas vezes não é compreendido pelo próprio nadador ou pelos pais que esperam um campeão. [...] Os trabalhos para as crianças nos primeiros anos é apenas deixar claro que o objetivo não é participar, não é ganhar, o objetivo do trabalho é apenas educar-se através do esporte, com disciplina e respeito.

Se o treinamento não visa fazer campeões, porque treinar todos os dias? A cada ano de treinamento colocamos um grau a mais de carga, para que o atleta quando chegar aos 20 anos tenha um corpo preparado para suportar tal estímulo.

O que é feito durante os anos? Nos primeiros 3 anos, ou até ao 13 anos de idade temos muitos trabalhos técnicos, com filmes e correções, e o treinamento psicológico que para o nosso trabalho é de fundamental importância.

O treinamento psicológico, além de preparar o atleta para uma competição onde ele deve ter em mente que o resultado é apenas uma consequência e nunca um objetivo, ele receberá orientações de higiene, cultura geral, Treinamento Autógeno, orientações sociais de como conviver em grupo. Terá uma aprendizagem [...], com viagens frequentes onde a criança obriga-se a resolver seus próprios problemas...

A partir dos 14 anos, dependendo da idade biológica, o treinamento toma outro rumo e o atleta passa a vivenciar mais a competição e perceber o trabalho que está sendo feito. Iniciam-se os treinos preparando-os fisicamente para no período de 4 a 5 anos estarem dando resultado. O normal de um trabalho bem feito no departamento de natação dura em torno de 8 a 9 anos de treinamento para obter resultados, antes disso, a palavra “resultado” não existe, há apenas o que chamamos de “consequência”, que é a classificação de um atleta dentro de uma prova onde fatores como biotipo, saúde geral, estado emocional e qualidade de treinamento irão ditar o resultado.

A criança não deve em momento algum conhecer algum tipo de pressão sobre si mesma, ela deve conhecer-se. (O BALAL, 1995, p. 2)

Verificamos, nesta publicação, a preocupação do Departamento de Natação em esclarecer a filosofia de trabalho implantada, possivelmente, dentro da concepção do professor/técnico que, neste período, estava sob a responsabilidade do professor José Clandio Costódio. Acredito que a criação deste jornal está diretamente vinculada ao crescimento da natação dentro do clube e no próprio estado do Rio Grande do Sul, que pode ser identificado no ofício, datado de 10 de agosto de 1992, encaminhado ao Presidente do clube, Valdomiro Simoneti, pelo então diretor geral dos esportes, Jorge F. N. da Veiga e pelo diretor de natação, Jaime R. Costa, comunicando o convite recebido da FGDA para que o clube fosse sede do Campeonato Estadual de Verão, que foi deferido e realizado em 06 de novembro.

[...] Esta decisão da Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos em realizar a competição mais importante do estado na categoria infantil se deve ao reconhecimento do empenho do Clube em manter e desenvolver esta equipe que cresceu muito passando do 12º lugar no estado ao vice-campeonato no período de 18 meses⁶⁴.

Os bons resultados conquistados pela equipe de natação, e sua evolução, estão associados a ações de cunho democrático que envolveram a direção do clube, a direção da natação, os professores de Educação Física e os pais dos alunos/atletas em torno do objetivo proposto, que era dar visibilidade ao clube e a esta modalidade esportiva.

Um exemplo da visibilidade atingida pelo clube foi as conquistas que obteve no ano de 1995, ao vencer o Campeonato do Interior de Inverno realizado em Erechim, o Campeonato do Interior de Verão, em Pelotas e o vice Campeonato Estadual Infanto Juvenil de Inverno, que aconteceu em Porto Alegre. A partir de 1996, durante os 5 anos seguintes, a equipe disputou eventos no Chile, como, por exemplo, a Copa Itália, a Copa Espanha e a Copa Estádio Francês. Na primeira participação do C.E.R. Atlântico na Copa Itália, na capital, Santiago, o clube obteve resultados expressivos, conforme relato do jornal A Voz da Serra do dia 11 de julho de 1996.

A equipe de natação Atlântico/Unimed trouxe sete medalhas de Santiago do Chile. O clube erechinense foi destaque nos jornais da cidade através do atleta Vinícius Ghedine que bateu o record do campeonato e venceu a Enzo Marzullo, atleta da seleção do Chile que estará participando das Olimpíadas de Atlanta.

[...] sendo o Atlântico/Unimed o único representante do Brasil. A competição foi marcada sempre por um forte nível técnico onde o Stadio Italiano do Chile, Estudiantes da Argentina, São José do Paraguai e Mercedes da Argentina, formam as bases das seleções nacionais de cada país.

Na classificação geral o Atlântico/Unimed ficou em 6º lugar entre os 14 clubes participantes de 5 países (A VOZ DA SERRA, 1996, p. 11).

⁶⁴ Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.



Figura 17: Equipe de natação, em 1996, participando da Copa Itália, no Chile.
Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

No ano de 1999, foi realizado, pela primeira vez em Erechim, o Campeonato Sulbrasileiro Mirim e Petiz de Natação, que contou com a presença de 33 Clubes do Sul do Brasil e aproximadamente 400 atletas de fora da cidade. O evento marcou o início de uma era vencedora da natação de Erechim, que durou 3 anos, conforme Quadro 2.

Ano	Categoria	Competição	Classificação
1999	Mirim I	Campeonato Sul Brasileiro Mirim e Petiz	Campeão
1999	Mirim II	Campeonato Sul Brasileiro Mirim e Petiz	Vice-campeão
1999	Petiz I e II	Campeonato Sul Brasileiro Mirim e Petiz	4º lugar
2000	Infantil I	Campeonato Brasileiro Infantil de Inverno	10º lugar
2001	Infantil II	Campeonato Brasileiro Infantil de Inverno	10º lugar
2001	Juvenil Masculino	Campeonato Sul Brasileiro Infanto Juvenil	Campeão

Quadro 2: Resultados de competições do C.E.R. Atlântico.

O clube teve uma de suas atletas convocadas para a Seleção brasileira, em 2001: Fernanda Ramos, que se sagrou campeã mundial na prova do revezamento 4x100 metros nado livre e vice-campeã mundial nos 100 metros nado costas. Outro atleta que iniciou suas braçadas na piscina do C.E.R. Atlântico e destacou-se em várias competições representando o clube é Eduardo Deboni que, atualmente, faz parte da seleção brasileira. Nos Jogos Pan-

Americanos realizados no Rio de Janeiro, em julho de 2007, conquistou a medalha de ouro no revezamento 4x100 metros e prata nos 4x100 medley, que lhe rendeu homenagens no dia 8 de outubro de 2007 da Câmara de Vereadores de Erechim e do C.E.R. Atlântico (BOM DIA, 2007, p. 19).



Figura 18: Equipe de natação do C.E.R. Atlântico de 2001, que contava com 60 nadadores de com idade entre 7 e 19 anos.

Fonte: Acervo Histórico do C.E.R. Atlântico.

O C.E.R. Atlântico, no ano de 2000, monta uma equipe de futsal profissional para disputar a Série Ouro, campeonato organizado pela Federação Gaúcha de Futsal. Com isso, mudando o foco do clube, a natação perde o apoio da direção e entra em declínio, praticamente se desmantelando. Com esforço do departamento de natação e dos pais, nos anos seguintes (2003, 2004 e 2005) se reestrutura e timidamente começa a participar de campeonatos na região. Para isso, além da escolinha de natação ser a base desta nova fase para formação da equipe, era importante ter também um aporte financeiro. É, então, criado o Projeto Olímpico 2012 e realizada uma parceria com a Universidade Regional Integrada do Campus de Erechim, noticiada pelo jornal Bom Dia de 5, 6 e 7 de maio:

Projeto Olímpico 2012 é base da parceria entre o Clube Recreativo Atlântico e a URI Campus de Erechim. A iniciativa propõe um auxílio financeiro para o Dep. de Natação do Clube com custeio de projetos paralelos para o crescimento do esporte

junto a competições de alto nível estadual e brasileiro. Assim os atletas, que na maioria são crianças ainda, poderão ter uma melhor condição tanto física quanto motivacional para futuras conquistas. A parceria ainda ajudará com a equipe de competição participe de mais competições este ano, já que os custos com a federação e viagens eram altos e dificultava a evolução dos atletas (BOM DIA, 2007, p. 22).

O C.E.R. Atlântico, além da natação, abre espaço para outras escolinhas esportivas, tais como o voleibol, o futsal, o basquetebol e o tênis. Isto porque, para Soares, o esporte:

[...] deixou de ser apenas um exercício físico e passou a ser um estilo de vida, um estado de espírito; ele não é apenas divertimento, ou mesmo uma pedagogia virtuosa do corpo. A extensão da *mentalidade esportiva* ultrapassa largamente aquilo que denominamos universo dos lazeres esportivos. A compreensão do esporte como *estilo de vida* vai afetar o seu status e a sua significação em referência à sociedade, uma vez que sua forte ancoragem na vida cotidiana revela que ele não mais constitui apenas uma das muitas formas de divertimento ou mesmo de uma atividade organizada tendo em vista performance a cumprir (SOARES, 2005, p. 48).

A cultura do esporte é um elemento de intermediação simbólica e de significação produzidas e mantidas, tradicionalmente, por comunidades ou sociedades. O caráter global que adquirem as práticas humanas tem prevalecido numa cultura de movimento que educa o indivíduo e os grupos e os motiva a buscar um estilo de vida esportivo. A relação que se faz com saúde e qualidade de vida, por exemplo, delineia um estilo de vida centrado na valorização do exercício físico em oposição ao sedentarismo (FRAGA, 2006).

No ano de 1987, foi concluído o ginásio de esportes. Para comemorar este fato, foram realizados jogos de alto nível, com participações da Seleção Brasileira de Futsal, da Seleção Brasileira de Vôlei Feminino contra a Seleção Italiana de Vôlei Feminino, além de outras equipes em evidência, como as de futsal do Grêmio F.B.P.A e do S. C. Internacional e as de vôlei da Enxuta, Sadia e Pirelli, todas na modalidade masculina.

O Departamento de Voleibol foi criado em 1988, com o objetivo de desenvolver o mini-voleibol⁶⁵ como iniciação esportiva, atingindo a faixa etária de 9 a 11 anos e o voleibol

⁶⁵ O mini-voleibol tem como objetivo atingir crianças na faixa etária de 9 a 11 anos. Oportunizá-la a participar de um jogo que se assemelha ao voleibol, em que as regras são adaptadas à capacidade e necessidade da criança (tamanho da quadra, altura da rede, número de jogadores, etc.). Ele é jogado por duas equipes compostas de

acima de 12 anos. Tendo a frente deste Departamento Gleison de Quadro, como diretor de esporte, e José Luiz Dalla Costa (Nino), professor da escolinha. Foi uma das primeiras escolinhas a utilizar o ginásio, realizando seus treinos duas vezes por semana. Neste mesmo ano, o clube participou do Campeonato Municipal Mirim e sagrou-se campeão, além de realizar jogos amistosos com as equipes do Colégio Conceição, de Passo Fundo, nas categorias mirim e infantil masculino. Fizeram parte, neste primeiro ano de existência da escolinha, 22 alunos.

É importante destacar que, neste ano, foram formadas as equipes adultas de voleibol, tanto masculina como feminina, que participavam em torneios e campeonatos municipais e regionais. Exemplo disso, foi a participação da equipe masculina no Campeonato Vôlei-Mania, disputado em Getúlio Vargas, que conquistou o vice-campeonato, e a equipe feminina de vôlei na Copa Antártica, realizada na mesma cidade, que ficou em segundo lugar.

A escolinha de voleibol, além de ensinar e ser uma opção de lazer para os filhos dos associados, tem como objetivo a formação de equipes para competições. Isto pode ser verificado no ano de 1991, quando foi apresentado um plano de ação em que foram traçados metas e objetivos pelo Departamento de Voleibol, tais como: manter a escolinha nas categorias pré-mirim, mirim e infantil masculino; promover torneios internos e participar em torneios e campeonatos municipais, regionais e estaduais. Entre os objetivos, um deles foi o de inscrever o C.E.R. Atlântico na Federação Gaúcha de Voleibol (FGV) para, assim, competir no Campeonato Estadual de Voleibol com as categorias mirim e infantil masculino. A razão pela qual trabalhou apenas com a equipe masculina estava justificada dentro das metas deste plano, no qual aparece mencionado que o fato de não ter escolinha para as categorias femininas era motivado pela pouca procura. Concretizada a filiação, nesta sua primeira participação do Campeonato Estadual de Voleibol, o clube ficou em sexto lugar na categoria infantil e em quinto lugar no mirim.

Visando reforçar a equipe de voleibol para participar do Campeonato Estadual de Voleibol, no ano de 1993, o clube realiza um teste de seleção, noticiado no jornal Diário da Manhã do dia 10 de março.

O desafio de participar novamente do Campeonato Estadual de Vôlei fez com que o Atlântico decidisse realizar testes com jovens tanto do sexo masculino como do feminino para formar as equipes que vão participar das competições deste ano. Para isso, o técnico Nino está convidando as crianças e adolescentes que atinjam as idade de 12 e 13 anos para o Mirim e 14 e 15 anos para o Infantil para realizarem três semanas de testes para ingressarem nestas equipes que este ano terão um vasto calendário de competição (DIÁRIO DA MANHÃ, 1993,p. 14).

Percebe-se que o clube incentiva também a formação de equipes femininas, já que neste momento a escolinha de voleibol desenvolve um trabalho com meninas. Provavelmente, este teste tem como objetivo dar oportunidades a crianças e adolescentes que não são sócios do clube, já que a notícia não especifica que é só para os seus associados. Neste sentido, busca ampliar a possibilidade de melhorar o nível da equipe. O mesmo jornal relata que a escolinha de voleibol também está aberta para crianças a partir dos 6 anos e divulga os seus objetivos:

As aulas de voleibol [...] vão além do simples exercício de gestos desportivos ou movimentos táticos. Há todo um envolvimento educacional no trato com esta faixa etária, um vínculo entre o estudo e a vida, o fortalecimento da livre iniciativa e da auto-confiança. O voleibol, assim como outras atividades ministradas nesta fase, será auxiliar na formação bio-psicosocial destes indivíduos (id.).

Destaca, aqui, que a formação das crianças e dos adolescentes na escolinha de voleibol é focada como um todo, vai além do aprendizado de suas técnicas. Logo, aprender esporte, segundo Santana (2005, p. 2), “seja qual for e onde for, é bom quando os princípios encaminham métodos suficientemente adequados para que o aprendizado de dentro da quadra, do campo, da piscina, da pista, do tablado se generalize para a vida”. A iniciação esportiva, para o autor, deve ser tratada como

[...] um período relevante para se desenvolver as capacidades motoras, para aprender as habilidades técnicas e táticas, para aprender a cooperar, para construir autonomia, para aprender a gostar de esporte, para aprender uma cultura de lazer esportivo, para aprender a competir, a socializar conhecimentos, a dialogar, a socializar-se, a motivar-se, para se fomentar a auto-estima, isto é, para se equilibrar o que é racional e o que é sensível (SANTANA, 2005, p. 3).

As equipes masculina e feminina de voleibol foram à cidade de Bento Gonçalves, no dia 16 de novembro de 1995, sob o comando do técnico Professor José Luis Dalla Costa (Nino) para participar do Campeonato Estadual de Mini-Voleibol. Este evento reuniu crianças de 9 a 11 anos, que estavam iniciando neste esporte. Além das equipes do C.E.R. Atlântico, participaram equipes de São Leopoldo, Porto Alegre, Bento Gonçalves, Horizontina e Passo Fundo. O verde-rubro conquista o título de Campeão Estadual de Mini-Voleibol, no feminino, e Vice-campeão, no masculino. O jornal A Voz da Serra do dia 21 de novembro relata estas conquistas:

A melhor colocação do Atlântico aconteceu no mini-voleibol feminino onde ficou com o título da competição, sem perder nenhuma partida. A final foi realizada contra o Teresópolis Tênis Clube de Porto Alegre, e as meninas do Atlântico confirmaram que eram as melhores, vencendo por 20 x 12. Participaram desta modalidade 16 equipes de todo o Estado.

As garotas que receberam o troféu da Federação Gaúcha de Voleibol, pelo título estadual foram: Carolina Detoffol, Marien Arndt, Ariane Pagnocelli, Lívia Stumpf, Larrissa Severo, Alessandra Toniazzo, Viviane Elsner e Mitsue Abe.

Os meninos do Atlântico ficaram em segundo lugar nesta categoria. Na fase classificatória, já mostram que também são uma das melhores equipes do Estado: venceram cinco partidas e perderam somente uma. Nas finais, participaram de um triangular onde venceram a Unisinos, de São Leopoldo por 20 x 16, e foram derrotados pelos garotos de Horizontina por 20 x 6 (A VOZ DA SERRA, 1995, p. 13).

Os resultados das equipes de voleibol no ano de 1996 foram expressivos, conforme Quadro 03. A categoria pré-mirim feminina voltou a disputar novamente uma final, teve que se deparar com equipes de maior estatura e em muitos jogos superou esta dificuldade com garra e com o conjunto da equipe. Dentro dos objetivos propostos para a equipe mirim masculina, um deles era conseguir uma medalha. Para o técnico José Luis Dalla Costa “foi a medalha do esforço, dedicação, empenho, que premia principalmente os atletas” (Informativo do C.E.R. Atlântico, 1996, p. 7). Esta declaração vai ao encontro da atitude do atleta Ricardo Muller Jr, que disputou os jogos mesmo levando cinco pontos no calcanhar do pé. Para o jornal a Voz da Serra, do dia 05 de outubro, a equipe infantil feminina mostrou grandes qualidades nos dois torneios de níveis estaduais. O técnico José Luis Dalla Costa, neste mesmo jornal, analisa a participação da equipe infantil feminina que representou Erechim nos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul:

Atuando com sua equipe infantil dentro da categoria adulto o resultado pode ser considerado excelente, analisa o técnico Nino Dalla Costa, tendo em vista que a média de idade da equipe é de 15 anos.

Os jogos, diz o técnico, serviram para dar uma maior experiência ao grupo pois foram enfrentados adversários que contam com estrutura de profissionais e atletas adultos, experientes (A VOZ DA SERRA, 1996, p. 15).

O Quadro 3 abaixo sintetiza as conquistas desse período.

Naípe	Categoria	Competição	Classificação
Feminino	Pré-mirim (até 11 anos)	Campeonato Estadual de Mini-Vôlei	2º lugar
Masculino	Pré-mirim (até 11 anos)	Campeonato Estadual de Mini-Vôlei	5º lugar
Feminino	Mirim	Campeonato Estadual de Voleibol	8º lugar
Masculino	Mirim	Campeonato Estadual de Voleibol	3º lugar
Feminino	Infantil	Jogos da Primavera de Erechim	1º lugar
Feminino	Infantil	XI Copa RS de Voleibol	3º lugar
Feminino	Infantil	Jogos Intermunicipais do RS	10º lugar

Quadro 3: Resultados das equipes de voleibol do ano de 1996. Fonte: Informativo do C.E.R. Atlântico – Dezembro/1996.

Do dia 29 de junho ao dia 13 de julho de 1997, o Departamento de Voleibol do C.E.R. Atlântico realizou o 1º Festival de Mini-Voleibol, que reuniu cerca de 85 crianças de 7 a 11 anos. A organização ficou a cargo do professor José Luis Dalla Costa e na execução do festival foram envolvidos os atletas de outras categorias e pais de alunos. O evento foi encerrado com um almoço, onde foram entregues as medalhas a todos os participantes do festival.

Este ano também foi marcado pela conquista do Campeonato Estadual de Voleibol na categoria mirim masculino. Fizeram parte da equipe os atletas: Tiago Mignoni, Juliano Centenaro, Lucas Tedesco, Bernardo Koller, Juliano Imlau, Felipe Fusinato, Lucas Biasson, Rafael Baggio, Cristiano Spindler, Gustavo Giacomazzi, Danilo Perin e Ricardo Muller Jr.

As conquistas do clube ampliam-se em outros anos e em outras modalidades: em 1999, a cidade de Erechim tem um representante na Série Prata⁶⁶, a Associação Erechinense de Futsal, que conquista a vaga para Série Ouro. Por falta de apoio financeiro oferece a vaga

⁶⁶ Campeonato organizado pela Federação Gaúcha de Futsal.

para o C.E.R. Atlântico. Mesmo 13 anos após a extinção do futebol, ocasionada pelas dificuldades financeiras vividas, na época, pelo clube, esta modalidade esportiva não parece ter sido esquecida pelos seus associados. Talvez porque esteja relacionada à paixão que o brasileiro nutre por este esporte bretão. Como o futebol de campo, neste momento, é inviável para o clube, esta paixão parece ter sido transferida para o futsal. A partir das lições aprendidas no passado com futebol, o Departamento de Futsal supre as despesas para a sua manutenção através dos patrocínios que consegue e da venda de ingressos para o público assistir aos jogos. Esse incentivo possibilitou que a equipe conquistasse o 3º lugar na Série Ouro do Estadual de 2001 e o vice-campeonato da Liga Futsal 2005.

Apesar da equipe de futsal se destacar no estado e no país, o clube não consegue manter a escolinha de futsal, que é extinta. Antes da formação da equipe profissional de futsal, ela se mantinha, tanto que, em 1991, a escolinha atendia a 80 alunos divididos em cinco categorias; fraldinha de 6 a 8 anos, pré-mirim de 9 a 10 anos, mirim de 11 a 12 anos, infantil de 13 a 14 anos e infante de 15 a 16 anos. Na época, proporcionava aos alunos jogos amistosos nas dependências do clube, bem como viagens realizadas para as mais diversas cidades vizinhas com o objetivo de manter intercâmbio e integração entre as demais escolinhas (A VOZ DA SERRA, 1991, p. 29).

A manutenção de uma escolinha esportiva se fundamenta na participação em competições e nos resultados destas, para manter a motivação do aluno. Resultados como os obtidos em 1996, quando a equipe mirim conquistou o bicampeonato municipal de futsal e o infante, de forma invicta, estimulando, desse modo, as crianças e os adolescentes a permanecerem na escolinha.

Com o advento da equipe de futsal, o clube abriu espaço para a participação de crianças não sócias, realizando parceria com o PROETI⁶⁷ e o Serviço Social do Comércio (Sesc), criando o Projeto Geração Futsal, com o objetivo de atender a mais de 150 crianças das 4ª, 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental das Escolas Municipais. Com a contestação dos associados em não concordarem com o acesso destas crianças no Complexo Esportivo e de Lazer do CER Atlântico, este projeto acabou se esvaindo⁶⁸.

⁶⁷ Programa de Educação em Tempo Integral da Prefeitura Municipal de Erechim.

⁶⁸ Por exigência da Federação Gaúcha de Futsal, o CER Atlântico mantém uma categoria de base, a juvenil, que é renovada anualmente através da realização de teste para o ingresso na equipe.

São várias as causas prováveis para o não funcionamento da escolinha de futsal no clube. Uma delas estava relacionada aos resultados que não estavam mais sendo satisfatórios nas competições, levando as crianças, em especial as mais habilidosas, a procurarem outra escolinha de futsal em que os resultados em competições eram melhores, provocando, assim, um esvaziamento. Uma segunda razão: os associados do C.E.R. Atlântico são de classe média e média alta e, em sua maioria, freqüentam Escolas de Ensino particulares, que oferecem a opção para os alunos freqüentarem a escolinha de futsal na própria Escola. Esta situação fez com que muitas crianças não procurassem o clube para tal. A terceira razão está relacionada à falta de horário disponível do ginásio para ser cedido ao funcionamento da escolinha, em razão da sua utilização pela equipe profissional de futsal do clube. Outro motivo, ainda, estava vinculado a questões econômicas, mais especificamente, à contenção de despesas.

Além das modalidades já descritas, o C.E.R. Atlântico investiu também no basquetebol. Esta modalidade atraiu praticantes mesmo antes de ter sido construído o ginásio, tanto que o Departamento de Basquete teve suas primeiras atividades no início de 1980. Os treinos da equipe, nesta época, eram realizados em quadras alugadas em escolas ou em ginásios que possibilitavam a prática do basquete, ou seja, que tivessem tabelas. Neste ano, o clube participou de um torneio em comemoração ao “Dia do Basquete”, realizado na quadra da praça Daltro Filho, na cidade de Erechim, e conquistou o título de campeão. Vale lembrar que já em 1941, este esporte era praticado no interior do clube. Estas evidências estão na figura 11, onde se pode notar uma tabela de basquete que aparece no lado esquerdo da entrada (assinalada com uma flecha), situada entre a cerca e o pavilhão do estádio.

O basquete é um esporte pouco praticado na cidade de Erechim e isso pode ser um reflexo de que na maioria das Escolas de Ensino da cidade não se desenvolve esta atividade com seus alunos. Além disso, o próprio Conselho Municipal de Desporto (CMD) não tem promovido muitos campeonatos ou torneios de basquetebol e sempre que aconteceram foi por pressão para que fossem realizados. O C.E.R. Atlântico, através de seu Departamento de Basquete, tem sido uma das fontes de pressões sobre o CMD e, algumas vezes, tem tomado a iniciativa de realizar torneios, tal como o torneio realizado em 1983. Outro evento que o clube tem promovido, desde 1992, é o *Streetball*⁶⁹, que, por se tratar de um jogo de trincas em meia quadra, facilita a formação das equipes e sua realização.

⁶⁹ *Streetball* é uma palavra da língua inglesa que significa “jogo de rua” ou também conhecido por “basquete de rua” que teve sua origem nos Estados Unidos.

Em 1996 houve um certo interesse em se iniciar uma escolinha de basquetebol, o que foi feito, e as aulas foram iniciadas com muitas inscrições. Porém, após dois anos, foi desativada. Como não localizamos nenhum documento a este respeito, acreditamos que o encerramento da escolinha deu-se, muito provavelmente, pela pouca procura dos associados por este esporte.

Ainda assim, o clube continuou dando vida a novas iniciativas relacionadas às escolinhas esportivas. No final do ano de 1989, foram concluídas as piscinas externas (a olímpica e a infantil), constituindo-se, assim, um complexo de obras que destacou o C.E.R. Atlântico entre um dos clubes mais bem estruturados do Rio Grande do Sul. Nos anos seguintes, 1990-91, foram finalizados as quadras de tênis e os campos de futebol sete. Com essa nova estrutura física, formam-se as escolinhas de tênis e mini-tênis que, inicialmente, era chamado de *baby tennis*.

A escolinha de tênis atendia a crianças e adultos. Em um primeiro momento, as crianças eram iniciadas no tênis com a mesma metodologia e utilizando os mesmos equipamentos dos adultos. Em 1993, sob coordenação do professor José Luiz Dalla Costa, que participou de um estágio de aperfeiçoamento no início deste ano no Rio de Janeiro, o clube implanta o *baby tennis* para crianças com idade de 6 a 11 anos. A partir dessa iniciativa, adota procedimentos metodológicos e materiais apropriados⁷⁰ para esta faixa etária. O lançamento desse projeto se deu no início de março e contou com a presença do professor Milton Brustolin, um erchinense que percorre Brasil para conscientizar os clubes a desenvolverem esta atividade para as crianças. Na edição de abril, o Informativo do C.E.R. Atlântico destaca que no Rio Grande do Sul,

[...] esta iniciativa vem sendo desenvolvida apenas em Novo Hamburgo. O “baby tennis” começou a ser implantado na Suécia que hoje mostra para todo mundo grandes nomes deste esporte. E esta conquista se deve ao trabalho desenvolvido com crianças, o que não acontece na maioria dos países onde se pratica este esporte (INFORMATIVO C.E.R. ATLANTICO, 1993, p. 7).

⁷⁰ A raquete é menor e mais leve, a bola de tênis é *soft* (sem pressão) e é reduzido o tamanho da quadra.

Na edição de julho, aparece uma nova reportagem sob o título “Baby-Tennis já é uma promissora realidade”, na qual se refere à metodologia utilizada e às atividades que são desenvolvidas na primeira fase do *baby tennis*:

A primeira preocupação neste trabalho é voltada para as condições psico-motrizas do aluno e tentar desenvolver ao máximo a coordenação motora e a habilidade do mesmo, afim de torná-lo apto a adquirir fundamentos técnicos a ser capaz de realizá-los com eficiência.

Segundo o professor Nino, a criança precisa conhecer o seu corpo, suas extensões, seu equilíbrio, seu potencial de movimento, equilibrar, desequilibrar, mudar de direção, pular e cair.

A criança também precisa conhecer a bola, seu peso, seu pique, todo o tipo de bola e aprender a rolar, picar, arremessar, mirar, pegar, chutar e bater.

Estes são alguns trabalhos iniciais realizados no baby-tennis, antes de ser introduzido o fundamento técnica (INFORMATIVO C.E.R. ATLANTICO, 1993, p 9).

As crianças também começam a ter contato com a quadra, a raquete e as bolinhas, através de atividade onde as habilidades motoras fundamentais (correr, saltar, chutar, rolar, arremessar, rebater, etc.) são trabalhadas. Esta proposta de trabalho está alinhada à afirmação de Gallahue e Ozmun (2001, p 257), que atesta que “essas habilidades motoras formam a base sobre a qual cada criança desenvolve ou refina os padrões motores fundamentais do início da infância e as habilidades motoras especializadas da infância posterior e da adolescência”.

O trabalho realizado com o *baby tennis* começa a produzir bons resultados regionais. Um exemplo disso foi o ano de 1995, com a participação na I Copa Mirim de Tênis, realizada em Passo Fundo nos dias 23, 24 e 25 de junho e na II Copa Hartmann Cup de Tênis, na cidade de Carazinho, nos dias 10 e 11 de dezembro, conforme Quadro 4.

Atleta	Categoria	Competição	Classificação
Guilherme Zanella	10 anos	I Copa Mirim de Tênis	2º lugar
Maurício Mosena	12 anos	I Copa Mirim de Tênis	1º lugar
Flávio Tirello	10 anos	II Copa Hartmann Cup de Tênis	1º lugar
Guilherme Zanella	10 anos	II Copa Hartmann Cup de Tênis	2ª lugar
Maurício Mosena	12 anos	II Copa Hartmann Cup de Tênis	1º lugar
Débora Veronese	12 anos	II Copa Hartmann Cup de Tênis	1º lugar

Quadro 4: Resultados dos tenistas do C.E.R. Atlântico em 1995.

Fonte: Jornal A Voz da Serra.

Desde a implantação do *baby tennis* no clube, realiza-se, anualmente, o Circuito de *Baby-Tennis* em duas etapas, uma em cada semestre do ano. Tem como objetivo oportunizar ao aprendiz a demonstração na prática dos conhecimentos adquiridos através de uma competição. Além disso, o professor José Luis Dalla Costa (Nino) frisou outro objetivo ao jornal a Voz da Serra do dia 02 de outubro de 1997.

O torneio serviu também para uma avaliação do atual estágio do trabalho e para observar o rendimento de cada tenista no aspecto técnico/tático e psicológico. Esta avaliação é importante, para podermos detectar pontos a serem melhorados em cada tenista, para uma evolução de suas potencialidades neste esporte fantástico que é o tênis (A VOZ DA SERRA, 1997, p. 17).

A partir de 1999, o *baby tennis* passou ser denominado de mini-tênis. Identificamos que o Circuito de Mini-Tênis, que se encontra na sua 15ª edição, neste ano de 2007, passou a ser realizado em quatro etapas e proporcionou a participação de atletas de outras cidades. Na terceira etapa, realizada no dia 16 de setembro, envolveu 32 atletas das cidades de Erechim, Passo Fundo e Getúlio Vargas e ao final do evento foram distribuídas medalhas a todos os atletas. A última etapa está programada para dezembro, que definirá os campeões de todas as categorias.

As escolinhas de natação e de tênis são as únicas que se mantêm atualmente. Com o propósito de iniciar as crianças no esporte, percebe-se que, embora de forma não declarada, o clube tem o objetivo de formar atletas para o representar em competições. Exemplo disso é o Projeto Olímpico 2012, que o Departamento de Natação fez em parceria com a URI-Campus de Erechim, objetivando competir nas esferas estadual e nacional.

Independente das escolinhas pedagógicas, outras práticas corporais são realizadas no interior do C.E.R. Atlântico. O clube disponibiliza para os associados, no parque esportivo e de lazer, uma estrutura para a prática de diversas atividades de lazer e entretenimento, tais como: um ginásio poliesportivo para a prática de futsal, voleibol, basquete, quatro quadras de tênis (uma em construção), um paredão, dois campos de futebol sete, uma piscina térmica, uma piscina olímpica, uma piscina infantil, um parque infantil, uma academia de ginástica e musculação, uma sauna, um ginásio com duas canhas de bocha, uma pista para caminhar e fazer exercícios, uma quadra de voleibol de areia e um campo de futebol infantil de areia.

Exemplo disso é a constatação do número de alunos envolvidos com diferentes atividades corporais e esportivas que estão sobre a orientação de profissionais de Educação Física. A hidroginástica registra 100 alunos matriculados e 185 alunos na academia de ginástica e musculação. Além deles, há um número de associados não inventariados que vêm ao clube praticar atividades sem a orientação profissional, tais como nadar, jogar vôlei, basquete, tênis, futebol sete e/ou caminhar.

Este relato, extraído a partir das fontes primárias de pesquisa, permite evidenciar que o fechamento do Departamento de Futebol, em 1976, somado à implosão do estádio, deu início a uma nova etapa dentro do C.E.R. Atlântico. Etapa marcada pela construção do complexo esportivo e de lazer que, paulatinamente, foi ampliando a seus associados as opções para o acesso a práticas corporais diversificadas tanto na forma de lazer como na busca de uma performance. Dentro deste contexto, as escolinhas pedagógicas se constituíram como um dos caminhos percorridos por muitos de seus associados para iniciarem a sua participação no universo cultural do esporte com suas múltiplas faces e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este percurso, gostaria de enfatizar, novamente, os principais elementos aqui apresentados acerca da história do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico. Pretendo, também, explicitar algumas das dificuldades que encontrei para a realização deste estudo. Dentre elas, a limitação de tempo para colher os dados, devido a minha atuação profissional, que ocupa quase a totalidade dos meus dias. Além disso, me deparei com certa escassez de documentos e de registros históricos sobre o clube o que, possivelmente, poderia ser minimizado através da utilização de fontes orais, ou seja, de entrevistas realizadas com sujeitos que construíram essa história.

No entanto, quando se escreve uma dissertação há que se fazer opções. Ainda que julgasse pertinente a realização de entrevistas, o prazo exíguo para a realização do curso e a escrita do trabalho final foram determinantes para descartá-la nesse momento. Nesta perspectiva, compreendo que uma forma de dar continuidade a esta investigação é buscar outras fontes, dentre elas, as orais. Tarefa, quem sabe, para futuros pesquisadores e interessados em conhecer a história do clube além das narrativas aqui contempladas.

Ao reconstituir a memória do C.E.R. Atlântico, através dos documentos encontrados nos acervos e em reportagens de jornais e livros, foi possível identificar que o clube, ao longo de sua história, apresentou quatro fases distintas. A primeira delas se inicia com a sua fundação, em 20 de setembro de 1915, quando adotou o nome *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Setembro*. Provavelmente a implantação do Estado Novo, em 1937, e o início de Segunda Grande Guerra Mundial, em 1939, tenham contribuído pelo sumiço ou a não preservação dos seus documentos originais. Em função disso, não localizamos nenhum registro oficial de como ocorreu a sua fundação e sobre os seus fundadores, exceto a data de sua fundação. Os fragmentos trazidos ao texto que narram essa fundação se originam de fontes secundárias.

O documento mais antigo que pude acessar data de 1921, ano que tomo como básico para iniciar a narrar, de forma mais detalhada, o percurso do clube.

Nesta primeira fase, o objetivo do C.E.R. Atlântico era socorrer os associados, pois atuava como uma previdência privada, na qual seus membros depositavam, mensalmente, uma determinada quantia de dinheiro da qual poderiam dispor quando necessitassem. Este auxílio poderia ser solicitado quando o associado não pudesse exercer suas atividades por motivo de doença ou, em caso de falecimento do associado, o benefício era concedido a sua família.

Dentro do contexto da cidade, o clube sempre manteve estreitas relações de cortesia, cordialidade e cooperação com as demais sociedades congêneres, bem como com os poderes administrativos e com os partidos políticos. Prova disso foram as inúmeras correspondências trocadas entre si e as várias atividades de intercâmbio social e cultural que ocorriam na comunidade, fosse qual fosse a origem étnica da sociedade. Esta é uma das fortes razões através das quais se identifica que é impossível dissociar a história do município de Erechim e do C.E.R. Atlântico, visto que, em diferentes momentos, é notório o forte entrelaçamento.

No ano de 1927, acontece um importante episódio para a história da entidade, pois ela consegue a licença para construir a sede própria. Tal conquista se dá a partir de uma mobilização entre os seus associados pela busca de auxílio para o financiamento da obra que, com muito sacrifício e empenho, foi inaugurada no dia 9 de junho de 1929, contando com a presença do eminente Cônsul Geral da Itália, Manfredo Chiosti.

A inauguração da sede começou a transformar as finalidades do C.E.R. Atlântico, que se converteu em um centro de lazer para os associados e uma alternativa para eventos sociais, políticos, educativos e culturais, extensiva à população da cidade.

Na década de 30, século XX, o Estado brasileiro se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas. Tanto que são amplamente incentivadas como possibilidade de moralização e de controle social, canalizadas para o trabalho e a produção. O esporte, assim como a educação física, foi considerado um instrumento importante para o desenvolvimento nacional, devido à capacidade de formar indivíduos saudáveis, fortes e eugenicamente superiores, o que colaboraria com o aprimoramento étnico brasileiro.

Toda esta valorização do esporte e da educação física está vinculada ao processo de modernização do país, que se espelha nas potências industriais para inseri-lo no mercado de capitais. Junto às transformações econômicas, estruturais e políticas, buscam-se novos padrões de sociabilidade e novas referências culturais na modernidade européia.

A cidade de Erechim, neste período, também percorre uma trajetória de progresso e de modernidade, ao implantar o plano urbanístico e uma arquitetura moderna. O C.E.R. Atlântico, da mesma forma, precisava se adequar a estas mudanças que estavam ocorrendo. Assim, no início de 1934, foi inaugurada a ampliação da sede social, que continha três canchas de bochas. Este evento, no nosso entender, marca o início da segunda fase do clube.

A inserção do jogo da bocha nas atividades oferecidas aos sócios pode ser considerada como o início da fase de sociabilidade e lazer do Clube, mas neste momento ainda há um caráter assistencial. Diante desta perspectiva, a intenção não era promover campeonatos, mas proporcionar novas alternativas de lazer para os associados. Vale lembrar que a bocha, a primeira atividade esportiva desenvolvida no C.E.R. Atlântico, está vinculada à identidade étnica ítalo-brasileira e se mantém ativa no clube até os dias de hoje. Além da bocha, no interior do clube eram cultivados outros hábitos inerentes a sua cultura, tais como o carteadado e as cantigas italianas, embaladas pela bebida preferida, o vinho.

Apesar de o clube só aceitar como associados os ítalo-brasileiros, mantinha uma forte relação com outras sociedades congêneres e com a população em geral da vila, tanto que introduziu em suas atividades o bolão, um esporte ligado à etnia alemã, certamente para também diversificar as práticas corporais.

Na terceira fase, acontece a introdução do futebol no clube, inicialmente como forma de lazer e que, aos poucos, passa por um processo de esportivização. A popularização do futebol nos centros urbanos certamente influenciou a sua entrada no C.E.R. Atlântico. Esta prática deu um novo impulso ao clube, tornando-se o principal eixo das atividades desenvolvidas entre o período de 1937 e 1976. No entanto, não deixou de oferecer outras opções para os associados, tais como a bocha, o basquete, o voleibol, a ginástica e os eventos sociais.

Em função do futebol, acontece uma alteração importante na história do C.E.R. Atlântico. Abre-se mão da exigência de ser ítalo-brasileiro, critério inicialmente necessário para tornar-se sócio. A partir deste momento, a identidade ítalo-brasileira começa a enfraquecer dentro do clube, percepção aprofundada com a alteração do seu nome, fato que causou um forte impacto e provocou resistência em grande parte de seus associados.

O crescimento do futebol que teve seu início fora do clube, com os filhos de descendentes de ítalo-brasileiros que fundaram, em 1937, o Atlântico *Foot Ball Club*, que, no mesmo ano, filiou-se ao C.E.R. Atlântico. Nesta época, o clube denominava-se *Società*

Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete. Em decorrência da Lei de Nacionalização de 1938, mudou o nome para Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico. Num curto período de tempo, estas duas associações conviveram numa mesma sede até que, em 1940, houve a fusão e passou a denominar-se Clube Esportivo e Recreativo Atlântico.

O clube cresceu, construiu o seu estádio e se tornou conhecido no estado e fora dele, de amador passou a ser profissional. No cenário futebolístico de Erechim e da região, a principal disputa era o clássico “Atlanga”, entre o C.E.R. Atlântico e o Ypiranga F.B.C. Os ânimos aguçados pela rivalidade contribuíram para que os dois clubes se projetassem no estado. Com a filiação à Federação Gaúcha de Futebol, o clube passou a participar de competições regionais e estaduais. Neste percurso, conquistou muitas glórias, títulos municipais, regionais e vice-campeonatos estaduais. Entretanto, passou por várias dificuldades, em especial financeiras, fazendo que, por várias vezes, fosse levantada a hipótese de abandonar o futebol, o que acabou acontecendo em 1976. Não resistindo mais ao déficit financeiro, contrariando muitos aficionados por este esporte, o C.E.R. Atlântico fecha o seu Departamento de Futebol. O ato que simbolizou o seu encerramento definitivo foi a implosão do pavilhão do antigo estádio, ocorrida em 1991.

Com o fim do futebol, inicia a atual fase em que o clube se encontra. Num primeiro momento, ficou um tanto sem rumo, até que, em 1984, foi feito o lançamento do projeto do que representa o clube hoje, que redimensionava suas atividades para o oferecimento de escolinhas, contemplando várias modalidades esportivas.

Dentro desta nova perspectiva, o clube necessitou buscar um novo ícone para substituir o futebol. Visando a atrair mais associados, optou por começar pela construção de uma piscina térmica, por ser um fato inédito na região. Com a conclusão da piscina, no início de 1986, começou a funcionar a primeira escolinha do clube, já visando à formação de uma equipe de natação. Neste mesmo ano, filia-se à Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos. A natação se mantém em evidência dentro do clube até 2001, quando o clube decide apostar no futsal profissional e, com isso, muda o foco e a natação entra em declínio. Reestrutura-se nos anos seguintes e faz uma parceria com a URI – Campus de Erechim, através do Projeto Olímpico 2012, com o objetivo de retornar a competir tanto na esfera estadual quanto na nacional.

Outras modalidades esportivas tiveram momentos de destaque no interior do clube, a exemplo da bocha (adulto masculino e feminino) e do voleibol que, com as categorias de base, se destacou no estado no período de 1995 a 1997.

Diferenciados das demais escolinhas, o voleibol e o tênis adotaram o mini-vôlei e o mini-tênis, objetivando a iniciação esportiva das crianças. O trabalho na escolinha de natação estimulava a criança a desenvolver o gosto pelo esporte, enfatizando o trabalho técnico, a disciplina e o respeito e, em competições, não era buscado unicamente o resultado. Já nas escolinhas de futsal e de basquete, não localizamos nenhum documento que tratasse deste aspecto.

Atualmente, as escolinhas que se mantêm em atividade são a do tênis e a da natação. Possivelmente por se tratarem de esportes que, na maioria das vezes, só a elite tem acesso. Neste aspecto, lembramos que o clube tem uma ligação de cunho elitista. Estas duas escolinhas envolvem 97 alunos, destes, 46 alunos fazem natação e 51 alunos, tênis.

No decorrer da sua história, o clube procurou adequar-se ao momento e às exigências dos seus associados e, assim, gradualmente, incorporou novas práticas corporais e abandonou outras. Esse movimento não se deu de forma isolada, mas, de certa forma, atendendo às próprias alterações ocorridas no âmbito da sociedade brasileira e às modificações ocorridas nos campos das práticas corporais e esportivas, que ora valoriza um esporte em detrimento de outro.

Enfim, neste trabalho narrei alguns fragmentos da história do C.E.R. Atlântico, instituição que, sem dúvida alguma, é uma referência de associativismo esportivo na região norte do Estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

A BRILHANTE vitória do Atlântico F.B.C., de José Bonifácio, sobre o Grêmio 3º R.C. **Diário da Manhã**, Passo Fundo, 30 mai. 1939.

A PEDIDOS: “A Mudança do Nome da “Sociedade Italiana M. S. Carlos Del Prete”. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 142, 24 out. 1938. Capa.

ARAÚJO, José R. C. **Imigração e futebol: O caso Palestra Itália**. São Paulo: Ed. Sumaré: FAPESP, 2000.

A SOLENE inauguração do novo prédio da sociedade Italiana Carlo Del Prete. **O Boavistense**, Boa Vista do Erechim, nº. 67, 29 jan. 1934, capa.

ATLÂNTICO faz testes para formar equipes para estadual. **Diário da Manhã**. Erechim, 10 mar. 1993. Esportes, p.14.

ATLÂNTICO inova e implanta o “baby tennis”. **Informativo do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico**. Erechim, abr. 1993, p.7.

ATLÂNTICO revelando valores no tênis. **A Voz da Serra**, Erechim, 04 de jul. 1995. Esporte.

ATLÂNTICO/Coca-Cola chega ao bi-campeonato de Erechim. **A Voz da Serra**, Erechim, 05 out. 1996. Esporte, p. 15.

ATLÂNTICO homenageia campeões brasileiros de bocha. **A Voz da Serra**, Erechim, 17 jun. 1997. Esporte.

ATLETAS do Atlântico vencem competição regional. **A Voz da Serra**, Erechim, 14 dez. 1995. Esporte.

A VOZ da Serra. José Bonifácio, nº. 6, 11 de nov. 1938, p.3.

BABY-TENNIS é uma promissora realidade. **Informativo do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico**. Erechim, jul.1993, p.9.

BERCITO, Sonia D. R. **Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Atual, 1990.

BOA Vista do Erechim. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, nº. 255, 22 dez. 1925, p.14.

BOCHA. **A Voz da Serra**, Erechim, 08 jul. 1995. Esporte.

BRACHT, Valter. Esporte, História e Cultura. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (UFRGS.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, pp.191-205.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº. 259, de 01 de outubro de 1936**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L0259.htm>> Acesso em: 04 set. 2007.

CALLIARI, Fernando H. **CER Atlântico: uma história de conquistas**. Erechim: Edelbra Gráfica Editora, s/d.

CARASINHO e Sarandí (Redator José Hansen). **A Nação**, Porto Alegre, 24 de mar. 1939.

CASTRO, Aldo A. A Mudança do Nome da Sociedade Italiana Carlos Del Prete. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 1, 26 de out. 1938. Contra capa.

_____. A Mudança do Nome da Sociedade Italiana Carlos Del Prete. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 10, 23 nov.1938, p. 3.

CER Atlântico prepara torneio inter-sócios. **A Voz da Serra**, Erechim, 27 de jun.1995. Esportes, p.11.

C.E.R. Atlântico. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 64, 19 de abri. 1943. Contra capa.

COERTJENS, Marcelo; GUAZZELLI, César B. WASSERMAN, Cláudia. Cub de Regatas Guahyba – Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.18, n. 3, jul./set. 2004.

COMPRIMIDOS Esportivos. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 57, 02 de abri. 1943. Contra capa.

CONFORTIN, Helena et al. **Trabalhos acadêmicos: da concepção à apresentação**. Erechim, Rs: EdiFAPES, 2005.

CÔNSUL Geral Italiano. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, nº. 14, 24 abr. 1929, p.3.

DACOSTA, Lamartine P. Emergência e Difusão do Desporto Moderno na América Latina – Influência Britânica e Norte Americana: Uma Revisão Crítica. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS/EEF, 2000, pp. 97-102.

DEFINIDOS os campeões da Taça Aquiles Poletto. **Diário da Manhã**, Erechim, 12 out. 2006. Contra capa.

DUCATTI NETTO, Antonio. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: Grafosul, 1981.

EQUIPE do Atlântico vence o Estadual de Mini-Voleibol. **A Voz da Serra**, Erechim, 21 nov. 1995. Esporte, p.13.

EQUIPE erechinense de natação bate record no Chile. **A Voz da Serra**, Erechim, 11 jul. 1996. Esporte, p. 11.

ESCOLINHA do Atlântico fica aberta nas férias. **A Voz da Serra**, Erechim, 14 dez. 1991, p. 19.

FRAGA, Alex B. **Exercício da informação: o governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Campinas: Autores Associados, 2006.

FEIX, Eneida. **Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: A institucionalização da Recreação Pública**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

FONT, Juarez M. I. **Serra do Erechim: Tempos Heróicos**. Erechim: Carraro, 1983.

GALLAHUE, David L. & OZMUN, John. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2001.

GEBARA, Ademir. História do Esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Orgs.). **Esporte: História e Sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, pp. 5-29.

GOELLNER, Silvana V. Prefácio In: MELO, Victor A. **História da educação física e do esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher. **Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. A pluralidade e o potencial pedagógico do esporte na atualidade. **Revista E**, n. 2, ano 11, p. 36 –39, ago. 2004.

_____. Locais da Memória: Histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p.79-86, jul./dez. 2005.

_____. La importancia del estudio y la investigación en historia de la Educación Física y el Deporte en la formación de profesores. In: ROSEMGARDT, Rodolfo (Org.). **Apuntes de historia para profesores de Educación Física**. Buenos Aires: Editora Mino y Davila, 2006, pp. 35-44.

_____. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana V. e JAEGER, Angelita. **Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 13-26.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo, R. Descontinuidade e continuidade do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41 – 54, set. 2003.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LUCENA, Ricardo de F. **O Esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MAZO, Janice Z.; AMPESSAM Achilles. Bocha no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Z.; REPPOLD FILHO, Alberto R. (Orgs). **Atlas do esporte do Rio Grande do Sul**: Atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em: <<http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/index.htm>.> Acesso em 16 abr. 2007.

MAZO, Janice Z. **A Emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867 – 1945)**: Espaço de representações da identidade cultural Teuto-Brasileira. 2003. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2003.

MELO, Victor A. **História da educação física e do esporte no Brasil**: Panorama e Perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. **Cidade Esportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MENDES, Maria Isabel B. S. Educação Física: Prisioneira do Século XIX? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 85 – 95, jan. 2004.

MUNDIALITO de Bochas. **Informativo do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico**. Erechim, dez. 1996. Capa.

NATAÇÃO do Atlântico anuncia parceria com URI Campus de Erechim. **Bom Dia**, Erechim, nº. 478, 5, 6 e 7 mai. 2007. Esportes, p. 22.

NOITE de homenagem à Eduardo Deboni. **Bom Dia**, Erechim, nº. 587, 10 out. 2007. Esportes, p.19.

NOTAS Esportivas. **A Voz da Serra**, Boa Vista do Erechim, 31 ago. 1937. Contra capa.

NOTÍCIAS Desportivas **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 103, 11 jul. 1938. Contra capa.

_____. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 105, 18 jul.1938. Contra capa.

NOVOS tempos, nova visão de clube. **A Voz da Serra**, Erechim, 25 mai. 1991. Especial, n. 91, p. 15.

O CANTO do Hino Nacional nas competições desportivas. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, 26 de mai. 1941.

ODY, José Adelar. Baixada rubra, adeus! **A Voz da Serra**, Erechim, 25 mai. 1991. Especial, n. 91, p. 15.

O GRANDE Jogo. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 9, 18 de nov. 1938. Contra capa.

O TREINAMENTO de muitos anos. **O Balal**, Erechim, ano 2, mar.1995, p. 2.

O VALOROSO Campeão Municipal venceu o Regimento de Passo Fundo. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 78, 29 mai. 1939. Contra capa.

PAVILHÃO social do Atlântico espera a hora de cair. **A Voz da Serra**, Erechim, 25 mai. 1991. Especial, n. 91, p. 15.

PERAZZO, Priscila F. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM. Histórico: **Imigrantes etnia negra**. Disponível em: <<http://www.pmerechim.rs.gov.br/principal>> Acesso em: 15 jan. 2007.

RIBEIRO, Luiz C. Historiografia do Futebol Brasileiro nos Anais do “Encontro de História”. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2000, pp.123-126.

RIGO, Luiz C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2004.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTANA, Wilson, C. A tarefa da pedagogia do esporte à luz do paradigma da complexidade. In: **Pedagogia do Futsal**, Maringá, 2005. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/artigos_005.asp> Acesso em: 03 nov. 2007.

SECÇÃO Livre. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 136, 15 out. 1943. Contra capa.

SOARES, Carmen L. Práticas Corporais: invenção de pedagogias?. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (Orgs.). **Práticas Corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis: Nauembru Ciências & Arte, 2005, pp. 43-63.

SOCIEDADE Italiana 11 de Setembro. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, nº. 92, 16 jun. 1929, p.4.

SOCIEDADE Recreativa e Beneficente Atlântico - Convocação **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 118, 01 set.1939. Capa.

SOCIEDADE Recreativa e Beneficente “ATLÂNTICO”. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 20, 22 dez. 1939. Capa.

STIGGER, Marco P. **Educação física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TASSO, Chico. **Meu Erechim Cinquentão**. Erechim: A Voz da Serra, 1968.

V CIRCUITO de Baby-Tênis do atlântico. **A Voz da Serra**, Erechim, 02 out. 1997. Esporte, p.17.

VÔLEI. **Informativo do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico**. Erechim, dez. 1996, p 6-7.

WEBER, Wilson W. O Velho Erechim. **Revista de Erechim**, Erechim, v.1 n.1, p.12-13 e 29, jun. 1953.

ZAMBONATTO, Aristides A. **Os meus Erechim**. Erechim: Edelbra, 2000.

ZANARDO, Luis. Sociedades Alemãs, Italianas e Polonesas 'A Mudança do Nome da Sociedade Italiana Carlos Del Prete'. **A Voz da Serra**, José Bonifácio, nº. 8, 16 nov. 1938, p.3.